

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANO
TERÇA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 1971

DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
N.º 17 317 ANO 50.º PREÇO 1\$50

1x2

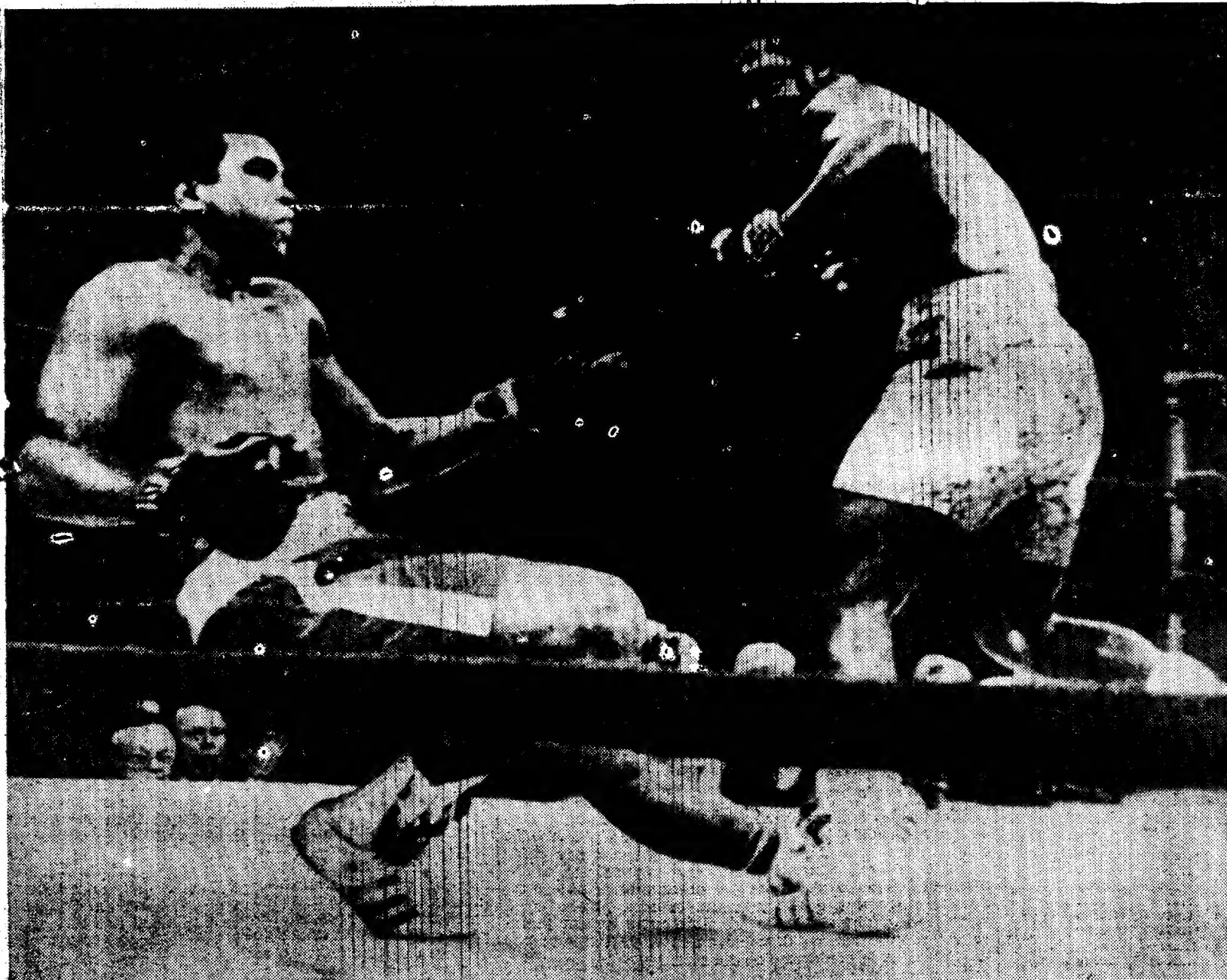
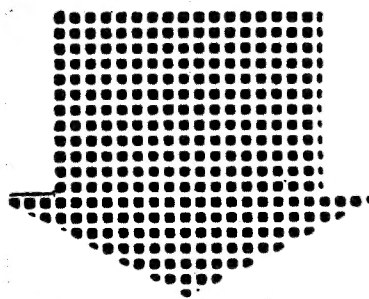
Já fez os seus pa-
pi-tes para o concurso
de esta semana?
Na pág. 22 pode en-
contrar uma ajuda...

totoBOLA

... e Clay foi ao tapete

Ao fim de quinze assaltos, Joe Frazier venceu Cassius Clay. Desta forma, mantém o título de campeão mundial de boxe, que Clay queria reconquistar. Nas pág. 20 e 21 damos uma completa reportagem do sensacional combate, incluindo uma crónica de MARIO CASTRIM e um apontamento de PATRÍCIO ALVARES, que assistiram, em Elvas à transmissão directa que a TV Espanhola efectuou.

MINUTO 43 — Um «gancho» de Frazier atirou Cassius Clay ao tapete (TELEFOTO)



Outro erro da Aviação dos EUA no Laos

SAIGÃO, 9 — (F. P.) — Aviões e helicópteros de combate americanos operando no Laos, em apoio da operação «Lam Son 719», pela segunda vez no mesmo dia, bombardearam na sexta-feira passada por engano uma posição avançada das unidades sul-vietnamitas, a 13 quilómetros ao sul de Tchepone, matando oito soldados e ferindo 13 — anunciou hoje um porta-voz americano.

Oito horas antes, dois caças-bombardeiros tinham bombardeado por engano uma posição governamental a 5 quilómetros a sudeste de Tchepone, ferindo 38 soldados.

A GREVE DOS CORREIOS BRITANICOS

Gastaram-se
1200 contos
em telefonemas
Lisboa-Londres

(Ler na pág. central)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
(LER NA PÁG. 24)

CARGAS EXPLOSIVAS FORAM COLOCADAS NA BASE DE TANCOS

Da Secretaria de Estado da Aeronáutica, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos, ontem, a seguinte nota:

Cerca das 3 e 30 da madrugada, sabotadores, iludindo a vigilância do pessoal de guarda da Base Aérea de Tancos, conseguiram introduzir-se num dos hangares daquela unidade e colocar cargas explosivas comandadas por um sistema de relógio que, ao explodirem, originaram a destruição de algumas aeronaves e danos em outras. Não houve desastres pessoais.

Foi imediatamente iniciado o inquérito pelas autoridades militares que solicitaram a colaboração dos Serviços Cíveis de Segurança.

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

envie
o cupão duplo
apenas UMA VEZ

MUITOS MILHARES de pessoas enviaram já os seus cupões-duplos de identificação e podem ser, portanto, considerados participantes na grandiosa iniciativa que estamos a promover e abre o ciclo comemorativo do

cinquentenário do «Diário de Lisboa».

Muitos outros, porém, a julgar pela volumosa correspondência que continuamos a receber diariamente, só ago-

(Continua na 14.ª página)

CRÓNICA CINEGÉTICA

Cresce como cogumelos venenosos a terra coutada

Sabendo embora, a corremos o risco de cairmos no defeito de nos repetirmos citando factos já aqui tratados diversas vezes tanto por nós como por outros colaboradores deste jornal não resistimos no entanto a tentação de voltar a abordá-los. Esta atitude é também, devida à indiferença verdadeiramente insólita, como parece ter sido encarado o problema venatório português, cuja acuidade não ilude no sentido de fazer cessar — ou pelo menos diminuir — a onda gigantesca de desenfreada cobiça que ameaça continuar a permitir o cambaramento da riqueza venatória — bem nacional que não particular — em quase todo o sul e parte importante do centro do continente.

Não vemos aquilo que, desde há três décadas de anos a esta parte, especialmente, está a passar-se, contrariamente aos nossos seculares hábitos, usos e costumes, no tocante ao monopólio, dum riqueza, a caça, que constitui inegavelmente bem comum de todos os portugueses pequena minoria ou parcela,

requer de quem de direito se digna acatar no verdadeiro esbulho de que os pobres e os remediados estão a ser vítimas.

Durante séculos consecutivos a caça foi sempre tempo favorito para dizer-se que exclusivo, da nobreza feudal que segundo nos elucida o historiador Fortunato de Almeida, entre outros frequentemente faziam péssima sombra às classes débeis pelo uso e pelo abuso dos seus privilégios. Entre as suas vantagens contava-se o monopólio da caça.

Daí essa fidelidade cercear despoticamente — a prática do acto venatório aos poucos, estabeleciam — coutadas. Alguns monarcas entre os quais o rei lavrador, D. Dinis, impediam os abusos visando protecção agrícola e defesa dos direitos da Grei à caça, proibindo os nobres de coutarem grandes zonas.

Problema difícil de regulamentar

A regulamentação do exercício da caça, em todas as

épocas da História da Humanidade — esclarece nos exuberantemente o trabalho apresentado em 1962 pela Comissão Venatória Regional sobre alterações à regulamentação da caça então vigente — tem constituído sempre um problema difícil de resolver com a equidade da natureza individualista dos Homens e, sobretudo o humano egoísmo a que a sua prática inevitavelmente conduz os interesses legítimos da propriedade e da agricultura, que devem ser sempre devidamente acautelados.

Não se desconhecem nem ignoram os argumentos de que se servem, e possívelmente se servirão — continua o referido parecer — aqueles que entre nós desejam que a caça seja considerada um produto do solo e como tal reservada em absoluto ao dono da propriedade.

A esses, que argumentam que a caça por que é criada e alimentada (alimentada?), pelo proprietário da terra, a ele deve pertencer em exclusivo, pode perguntar-se se as espécies cinegéticas de atribuição também monopólicas pelo couto medieval, tais como gambos, bravos, patos, rolas, palombos, narcejas, tarambolas, becinhas, torcos, etc., e que no país aparecem durante breves meses no ano, também não ficam nas suas terras e nelas se alimentam? E se os terrenos estiverem arrendados a um indivíduo que os cultiva e o direito de caçar ali a outro ou outros a quem pertence, afinal a caça? Quem a alimenta?

Ora o direito de propriedade, lê-se ainda no citado documento que, por judicial, nos orienta, é em toda a sociedade bem organizada um dos mais sagrados e respeitáveis direitos mas por isso mesmo só pode ser aceite pelo Estado ao ponto em que não colida com o bem comum.

Tanto assim é, tanto assim se tem entendido, que toda a legislação civilizada contém as indispensáveis limitações ao direito de propriedade, indo estas até ao ponto de não se reconhecer o direito absoluto de propriedade do dono das terras, onde por exemplo outrem descobrir minérios, e condicionam esse direito às regras necessárias ao bem comum, não permitindo também ao proprietário, desbastar os seus montados a seu talento, sangrar os seus pinheiros como lhe apetece, etc., etc.

De resto, acrescentamos, tais limitações são seculares, como a lei das sesmarias e outras semelhantes.

Para finalizarmos diremos ainda, por hoje, que raras foram as Cortes, no passado como bem recentemente em que o Povo e os seus representantes deixaram de fazer valer os seus incontestáveis e livres direitos de caçar que se arrogavam e nunca de bom grado o nosso Povo como recentemente, aceitou as limitações de local que lhe eram impostas.

E porque o Sul e parte do Centro do nosso Continente estão sendo enxameados, tal-

vez abusivamente, de coutos e aramados, alguns deles ocupando milhares de hectares de terreno, em grande parte inculto parece-nos que contrariamente à lei n.º 2132, aprovada oportunamente pela Assembleia Nacional e publicada no «Diário do Governo» n.º 123 de 26 de Maio de 1967, nomeadamente a base XXXII, que no seu número dois, estabeleceu a extinção da concessão de coutada ou a redução da sua área nos terrenos em que esse regime se torne inconveniente para o interesse público ou em que não sejam cumpridas as condições da lei ou as condições da concessão.

NABAI DA CUNHA

Decréscimo de população em mais seis concelhos

O Instituto Nacional de Estatística continua a revelar números preliminares do XI Recenseamento Geral da População. Os apuramentos até agora levados a cabo evidenciam uma característica comum a quase totalidade dos concelhos: considerável diminuição da população em relação ao último Censo.

Assim, indicam-se as percentagens de decréscimo da população em mais seis concelhos da província: Albergaria-a-Velha, 3 por cento; Vila Velha de Ródão, 17 por cento; Penela, 16 por cento; Meda, 23 por cento; Azambuja, 15 por cento e Armamar, 15 por cento.

Exposição de livros no Instituto Britânico

Cerca de 1100 obras presentemente adoptadas ou utilizadas nas escolas inglesas nas disciplinas de Ciências e de Matemáticas assim como 30 revistas didácticas e pedagógicas referentes a estas matérias estão, a partir de hoje, expostas na sede do Instituto Britânico, R. Luís Fernandes, 3.

Presidiu ao acto inaugural o presidente da Junta Nacio-

nal de Investigação Científica e Tecnológica, prof. Francisco de Paula Leite Pinto, que pronunciou algumas palavras alusivas ao tema da certame.

Integrada na exposição, o dr. António Simões Neto, da Faculdade de Ciências de Lisboa dará uma conferência subordinada ao tema «A Moderna Pedagogia da Matemática».

A missão de Portugal na O. N. U. protestou contra a situação criada pela Comissão Económica para a África

O Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgou o seguinte texto da carta enviada pela Missão Permanente de Portugal ao secretário-geral das Nações Unidas:

«Tenho a honra de informar V. Ex.ª que cheguei ao conhecimento do Governo português, designadamente através da Press Release ECA/423, de 10 de Fevereiro findo, que o sr. Richard Paw, chefe da Secção de Comissões Regionais do Departamento dos Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas, anunciou no decurso da última sessão da Comissão Económica para a África que observadores de quatro territórios não autónomos de África — Angola, Guiné (Bissau), Moçambique e Namíbia — tomariam parte na referida sessão daquela Comissão Regional. E, ainda de acordo com o já mencionado Press Release, alguns dos ajudantes observadores não só teriam estado presentes à reunião como teriam, inclusivamente, participado nos debates.

2.º — O Governo português, através da nota de 8 de Março de 1963 endereçada a V. Ex.ª, já teve a oportunidade de salientar a ilegalidade da resolução da Comissão Económica para a África, aprovada no decurso da V sessão, que recomendava que se retirasse a Portugal a sua qualidade de membro da Comissão, e que fossem admitidas como membros associados as províncias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné.

3.º — No referido Press Release, o sr. Paw qualifica as províncias ultramarinas portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné como «territórios não autónomos». Mas a verdade é que, conforme o Governo português demonstrou no seu discurso na O. N. U., de acordo com a Carta das Nações Unidas e os princípios gerais do direito internacional, Portugal não possui territórios não autónomos porquanto é constituinte de um Estado unitário não existindo qualquer distinção entre as

várias parcelas que o integram.

4.º — Mas mesmo de harmonia com o ponto de vista do sr. Paw segundo o qual Angola, Moçambique e Guiné seriam «territórios não autónomos», a preservação na reunião da C. E. A. dos observadores a que se faz referência só poderia ter lugar com a autorização expressa ou implícita do Governo responsável pelas relações exteriores dos territórios em questão; isto é, no caso concreto, e segundo a tendenciosa interpretação do sr. Paw, com a autorização do Governo português que, como é sabido nunca foi dada. É esta a doutrina que resulta do parecer do consultor jurídico das Nações Unidas, de 5 de Agosto de 1964.

5.º — Acresce que, de acordo com a resolução 671 (XXV) do Conselho Económico e Social pela qual foi criada a Comissão Económica para a África, a participação de observadores nas reuniões da Comissão só é possível nos termos do n.º 11 da resolução, que não abrange o caso em análise.

6.º — Note-se, por último, que os observadores em questão eram simples membros de grupos terroristas, sem qualquer legitimidade nem mandato para representar, a título de observador ou a qualquer outro título, os territórios em causa.

7.º — Nestes termos, o Governo português, verificando que não podem ser indicadas disposições legais com base nas quais foi admitida a participação na última Conferência de Ministros da C. E. A. dos pretensos observadores das províncias ultramarinas portuguesas, protesta veementemente contra a situação assim criada que viola os mais elementares princípios da Carta das Nações Unidas.

A Missão Permanente pediu que a sua carta fosse publicada como documento das Nações Unidas.

ASSEMBLEIA GERAL DO

Banco Português do Atlântico CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral deste Banco para reunir, em sessão ordinária, às 16 horas, dia 27 de Março de 1971, na sua Sede Social, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1.º — Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do exercício de 1970, o parecer do Conselho Fiscal e mais documentos referidos no Art.º 189 do Código Comercial;
- 2.º — Dar cumprimento ao preceituado no Art.º 9.º dos Estatutos;
- 3.º — Designar, ao abrigo do Art.º 7.º dos Estatutos, o Presidente do Conselho de Administração.

Porto, 5 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
TITO CASTELO BRANCO ARANTES

Conta Juventude BANCO DO ALENTEJO

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

CEAL

S. A. R. L.

CAPITAL: 70 000 000\$00

SEDE: Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23-A-6.º LISBOA

Tendo-se procedido em 25 de Fevereiro aos sorteios de obrigações desta Companhia de 4% 1956 e 1958, foram extraídos os seguintes números:

OBRIGAÇÕES DE 4%

48	4081	7009	11307	14354
68	4079	8003	11308	14358
513	4080	8007	11308	14319
300	4087	8007	11308	14312
3008	5100	8008	14010	14346
1000	5035	8009	11308	14309
3013	5517	9000	11309	14309
3001	8003	9005	14018	14316
3007	8002	9100	14000	14319
3538	6553	9500	14000	14311
3009	6081	9503	14002	14373
3007	7003	9503	14015	14393
4031	7536	9576	14056	—
4019	7005	10000	14000	—

2501 a 2600
3701 a 3800
5201 a 5300
10701 a 10800

OBRIGAÇÕES DE 4% — 1958

21307	23806	24641	27017	28027
21317	23816	25330	27029	28041
21389	23875	25338	27031	28509
22206	23886	25576	27035	28532
22243	24304	26333	27069	28537
22246	24321	26342	27080	28564
22717	24333	26349	27081	28565
22755	24341	26371	27096	28580
22766	24351	26409	27415	28587
23222	24355	26646	27449	29087
23298	24609	26676	28074	29088

28101 a 28200
28901 a 29000

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
Alfonso Elétrico do Sul — S. A. R. L.
Francisco Alberto Cavaleiro Figueira

A previsão do tempo por dez anos — hipótese admitida por um cientista norte-americano

WASHINGTON — Uma grande zona quente no Norte do Oceano Pacífico é a causa provável dos invernos frios sentidos no Leste dos Estados Unidos, desde 1960 — conclui o perito Merome Namias. Este o chefe da divisão de previsões do Serviço Meteorológico e chegou a esta conclusão em consequência de um trabalho de quatro anos, no Instituto Oceanográfico da Universidade da Califórnia, em San Diego.

Descobriu a grande zona quente do Pacífico com a ajuda de outros cientistas, utilizando os dados fornecidos por barcos ancorados no Pacífico, num total de oito milhões de observações, tudo analisado por computadores.

A área quente estende-se, talvez, ao longo de 24 milhões de milhas quadradas, desde o arquipélago das Aleutas até ao paralelo 25, ao norte do Hawai, de Oeste para Este, indo do Japão até à costa oeste dos Estados Unidos.

Em toda esta vasta área as temperaturas médias no inverno elevaram-se de um para três graus acima da média, na última década.

Uma diferença de alguns

graus é suficiente para intensificar grandemente as usuais tempestades no norte do Pacífico, pela teoria de Namias.

Este dos Estados Unidos. Isto traz muito mais massas de ar frio para o Este e com elas mais precipitação, a qual, devido ao

tempo, nos últimos 11 invernos, a Namias, as temperaturas médias desceram de um a quatro graus, em relação às médias de 1931 a 1960. Isto é suficiente para explicar o facto de haver muito mais neve e muitos mais dias frios.

Namias explica que uma superfície quente pode causar tempestades porque, dada uma série de razões, as tempestades crescem durante os períodos de temperatura.

Por VICTOR COHN

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

Estas deformam o caudal de vapor, a alta latitude do oceano, onde o ar circula constantemente de Ocidente para Oriente, no hemisfério Norte. As massas de vapor vão fluindo para Norte, sobre o Ártico canadiano, e para Sul, sobre o

frio, tende mais a ser neve do que chuva.

Os nevoes vão então actuar como refrigeradores, mantendo as temperaturas bastante baixas, durante mais tempo do que é habitual — afirma Namias. Durante quase todo o

AO ALCANCE DA SUA BOLSA

Andares de 2 a 10 divisões
assoadas. Apartamentos
mobilados desde 140 contos

Propriedades para
habitação ou
rendimento em
zonas de rápido
desenvolvimento e
valorização

CONSULTE
J. PIMENTA
SARL

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 55 20 21/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela Rua de Figueira)
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 550, 3.º, Dt.
LUANDA: Henrique L. Castendo — Apartado 1224

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
CASCAIS: Conjunto Turístico de Pampilhosa
REBOLEIRA: Edifício Oeiras



6.000
clientes
satisfeitos
recomen-
dam-nos

Qual foi a causa da formação da grande superfície quente no Pacífico Norte?

«É isto, precisamente que estamos a trabalhar agora» — diz Namias. «As razões não são ainda suficientemente claras de modo a permitir uma explicação. No entanto, as mudanças de temperatura no Oceano que parecem ter começado em 1958, devem ter origem em fenómenos atmosféricos.

«Acontece que houve um longo período em 1957-58, no qual a atmosfera entrou numa fase de ordenada, o que produziu mudanças consideráveis na temperatura dos oceanos».

Namias salienta que a escala de tempo de um oceano é muito longa. Uma vez que a temperatura se estabiliza, a sua evolução ou mudança faz-se muito lentamente. «Foi a o agora que se começou a aprender alguma coisa mais sobre isto».

Talvez com um pouco de optimismo, Namias acredita que com a ajuda de mais instrumentos de pesquisa o homem será capaz um dia não só de prever as modificações de temperatura de um oceano mas da atmosfera. Isto significaria prever o tempo, não apenas para um mês ou uma estação, mas para uma década ou mais — afirma o referido cientista.

NOTA FINAL

TUMI TUMI TUMI

OS TRÊS TERMOS de qualquer programa podem exprimir-se por três verbos: pensar, decidir, fazer. Se não muito que fazer, haveremos de entender que nem tudo está decidido nem o pode ser antes de tudo se pensar. A verdade é que, se para decidir e agir há quadros constituídos, pensar é o campo de intervenção que a todos nos fica livre. Isso é que ninguém nos proíbe, ainda quando, na pior das hipóteses, fosse interdito dar expressão aquilo que se pensa. E aí, outros dois verbos: pensar, dizer. O. a. se pedimos licença para ter a opinião de que é muito mau pensar sem falar, pedimos licença também para entender que não será melhor falar sem pensar.

Mesmo naquelas alturas ou naqueles domínios em que o falar seja interdito, o refúgio no moinho das ideias é um caminho para quem não desistir de viver neste mundo, mesmo que sejam alguns os que perguntem para quê. Parece-nos, porém, estamos numa altura em que vale a pena pensar nas coisas, porquanto, se é certo que não se pode considerar aberto o debate sobre todos os temas que se julguem fundamentais, são muitos os sectores em que a porta está franqueada e onde tem sido possível entrar para ver, ouvir... e falar (com!). Gostaríamos, todavia, poder ter, mais do que temos, a opinião de que vale a pena dizer-se tudo quanto com muita frequência se ouve. Desculpem...

É certo que se ouve muito. Não são só as assembleias disto e daquilo, onde com frequência se deixa correr à praça o que em linguagem tauromáquica se chama o boi para curiosos, pois até não deixa de ser salubre que se exercitem as pessoas na arte de bem discorrer sobre o que for. São também, por vezes, certos supostos responsáveis que se exibem nessas na arte de dizer banalidades, se bem que valha a pena mesmo assim prestar-lhes atenção, quanto mais não seja para nos habituarmos os demais a ser capazes de interpretar o que ouvimos e distinguir o trigo do joio, o correcto e o fantasista, o justo e o injustificado, o possível e o absurdo. Há de tudo.

Tudo fala, minha gente. E não se tem dúvida em entender o que seja a perplexidade de um primeiro-ministro ao sofrer aquilo de que nos falou na sua «aparição» do mês passado: «outras vezes é a impaciência dos homens que desejam ver todas as suas aspirações satisfeitas ou todas as delícias, acumuladas ao longo dos anos, supridas sem demora e quotidianamente apresentam listas de reclamações regionais ou profissionais que só por milagre, ou se o Governo dispusesse de uma varinha de condão, poderiam ser atendidas com a urgência requerida». O que não quer dizer que se ponha em dúvida a legitimidade das aspirações. Só se pergunta se poderá ser tudo ao mesmo tempo.

Do pecado de falar (embora talvez mais grave fosse o do silêncio) talvez não estejam de todo isentos alguns mais altos responsáveis. Regozijamo-nos sinceramente que nos prestem contas do que tenham feito ou antecipem ideias do que tencionam fazer. E aí, entendamo-nos, muita coisa nos tem sido prometida, muita coisa ambiciosa, muita coisa desejável, muita coisa que chega a parecer vir mesmo ao encontro daquilo que apetece reclamar. Mas do dizer ao fazer? Quem decide? Como se decide? Na hora de passar à acção não há de ser de qualquer maneira, não basta apontar uma solução, mas escolhê-la, fundamentá-la, torná-la viável.

E os meios? Quanto custa? Talvez pareça que formular tais perguntas é malevolência de desmancha-prazeres no meio de uma conversa que poderia decorrer muito agradavelmente, apenas aflorando dos aborrecimentos e contrariedades um ou outro ponto mais saliente. Mas aí nesse ponto é que bate o ponto. Onde é que estão os recursos, onde é que está a riqueza com que seja possível acudir a tudo ao mesmo tempo? O País não sabe. Nós também não, que somos apenas uma esbatida fracção do País. Mas aí é preciso parar. Parar para pensar. Pensar antes de decidir. Decidir para agir prontamente. O esquema não pode ser outro. O ritmo também não.

ANDARES NA LAPA

7 ASSOALH. C/ GARAGEM INDIVIDUAL,
BONITA VISTA

TRAVESSA DO FERREIRO, 4

Caramba
MEC

Lubrificante e dissolvente de ferrugem
COFETEL — R. da Boavista n.º 189-1.º
Tel. 98 99 57 LISBOA

HOJE

AS 20.45 E AS 23 H.
NO THEATRO

• **ABC** •

Telex: 36 67 45

O PRODUTOR
HUMBERTO CUNHA
APRESENTA

**A REVISTA
DO ANO!**



**IVONE • NICOLAU
BREYNER • ANITA**

ÓSCAR ACÚRSIO

• ANABELA • LUIS HORTA

• ORLANDO FERNANDES

• MARIA TAVARES

NINA LORES • LINA MORGADO • EDUARDO

VILAVERDE • FERNANDA PINTO

• LEONOR CAFUM

e a participação especial de

• TONY DE MATOS

A ESPECTACULAR

IVONE SILVA

NO SENSACIONAL QUADRO

A LOUCA DO CENSO



UM DOS MELHORES
NÚMEROS DE REVISTA
DOS ÚLTIMOS TEMPOS!

Harold, o im-
passível, via-se
metido regu-
larmente nas
situações mais
catastróficas
mas nunca dei-
xava sair os
óculos de aros
grossos. Eis o
famoso «caixa-
de-óculos» no
seu automóvel
— puxado por
uma vaca...



MORREU HAROLD LLOYD

O FAMOSO CÓMICO «CAIXA-DE-ÓCULOS»

HOLLYWOOD, 9 — (A. N. I., F. P. e R.) — Harold Lloyd, um dos grandes «astros» da idade de ouro do

cinema mudo, que se cele-
brizou com os seus filmes
cómeicos, faleceu, a noite
passada, na sua residência
de Beverly Hills. Tinha 77
anos.

Harold tornou-se famoso pe-
lo seu estilo tímido de bom
rapaz com óculos, que se via
metido nas situações mais em-
ocionantes, geralmente pendu-
rado de janelas no alto de
arranha-céus. Juntamente com
Charlie Chaplin, foi um dos
actores do cinema mudo que
maiores receitas conseguiu pa-
ra os seus filmes.

Nascido no estado de Ne-
braska, começou a sua carre-
ra em Hollywood como figu-
rante, em 1912, e inicialmen-
te chegou mesmo a imitar o
estilo de Chaplin. Porém, de-
pois de criar a sua famosa per-
sonagem com óculos de aros
grossos, iniciou uma «onda»
série de êxitos em 1922 com o
filme «Grandma's Boy» («O

menino da vóvó»), seguindo-
se muitos outros nos dez anos
seguintes.

Com o advento do sonoro,
Harold Lloyd apareceu em ra-
ros filmes, decidindo em 1938
não voltar a trabalhar. Desde
então vivia na sua casa de Be-
verly Hills com a mulher, uma
antiga companheira de profis-
são, com quem casara em 1928
e que morreu em 1966. Teve
três filhos.

Há anos as melhores se-
quências das suas comédias fo-
ram reunidas em «The Funny
Side of Life» («O lado cómico
da vida»). Em 1952 recebeu
um prémio especial da Aca-
demia, simbólico, como «gran-
de actor e bom cidadão». De-
pois de abandonar o cinema,
Harold dedicou-se à compra e
venda de propriedades e diri-
giu também uma sala de «bow-
ling».

Quinhentos filmes

Durante a sua longa carre-
ra, em que rivalizou com ou-
tros grandes cómicos como
Charlot, Pamplinas e Fatty
Arbuckle, Harold interpretou
uns 500 filmes, em que provo-
cava facilmente o riso às pi-
taetas no meio das mais catas-
tróficas situações.

Tornou-se um dos actores
cinematográficos mais ricos do
país. A sua fortuna foi calcula-
da em 30 milhões de dólares
(855 mil contos). Aliás, viveu
pomposamente, ao antigo estí-
lo das vedetas de Hollywood.
A mansão da família Lloyd em
Beverly Hills era um autênti-
co palácio, onde nada faltava,
incluindo um campo de golfe.

Por menor curioso: os ócul-
os grandes, sem lentes, que foram
a sua «marca registada» no
cinema, tinham-lhe custado
dez centimos (3\$00). Anos
mais tarde seguiu-os o Lloyd
de Londres por 25 mil dó-
lares (712 contos).



O «menino da vóvó»

OS DOIS ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS

DE «AS IRMÃZINHAS» PELO GRUPO 4

Eduardo Manet, nascido em
Cuba em 1927, romancista,
poeta, dramaturgo, professor
de arte dramática e cineasta,
surge, com «As Irmãzinhas»
(«Les nonnes»), colocado en-
tre os autores teatrais mais
significativos do nosso tem-
po. Pela riqueza temática,
audaciosa e densa, e pela te-
atralidade riquíssima que a
enforma, esta peça constitui
um marco importante da
dramaturgia actual.

A encenação de Costa Fer-
reira para o Grupo 4, cons-
tituiu um acontecimento de
relevância no panorama teatral
português. O jovem agrupa-
mento vê assim consolidada a
sua posição na luta por um

teatro de intransigente qua-
lidade, independente, livre da
sujeição comercialista e
digno do interesse de um pú-
blico exigente.

Amanhã e depois, às 18 e
30, no Tivoli, com os habi-
tuais descontos a estudantes,
realizam-se os últimos espec-
táculos em Lisboa, uma vez
que na sexta-feira o Grupo 4
inicia a sua digressão pela
provincia.

«As Irmãzinhas», cuja tra-
dução é também de Costa
Ferreira, tem cenário e figu-
rinos de Octávio Clérigo e in-
terpretação de Irene Cruz,
João Lourenço, Moraes e Oa-
tro e Rui Mendes.

F. N. A. T.

Ópera para trabalhadores

COLISEU DOS RECREIOS

TEMPORADA POPULAR
DO THEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho
concede descontos especiais aos seus beneficiários, aos
sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e dos
C. R. P. para as seguintes óperas:

RIGOLETTO, de Verdi

3.ª-feira, dia 16 de Março

Principais intérpretes: Alfredo Krauss, Piero Capuccilli,
Marcherita Guglielmi, Loris
Gambelli e Gabriella Schubert.

Dia 19 de Março — «D. João», de Mozart

Dia 7 de Abril — «O Prisioneiro», de Dallapiccola e
«Il Tabarro», de Puccini

Dia 21 de Abril — «D. Carlos», de G. Verdi

Para o primeiro espectáculo indicado os bilhetes en-
contram-se à venda a partir de 5.ª feira, dia 11 e, para
os restantes, a partir, respectivamente, dos dias 17 de
Março e 1 e 15 de Abril, na Sede da F. N. A. T., Calçada
de Santana, 180, a partir das 9.45 horas.

M/12 anos

I SALÃO PHILIPS

«A MÚSICA NA PINTURA»

Comunica-se aos artistas interes-
sados neste certame que o prazo
de entrega das obras foi prorrogado
até 15 do corrente.

Locais de recepção:

LISBOA — Av. Eng.º Duarte Pacheco, 6

PORTO — Rua Fernandes Tomás, 760

CASA DA
COMEDIA

R. S. Francisco
Borja 22

Marçães
t 677299

Hoje às 22 h. sábados
e domingos às 16 e 22 h.

FIM DE FESTA

de Samuel Beckett

pelo elenco do Teatro

Experimental do Porto

só até 15 de Março

Maiores de 17 anos

Subsidiado Fundo Teatro

**MARIA
VITÓRIA**

ADULTOS



DORA LEAL
na
«Cidade moderna»

• HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20.45 E 23 HORAS
EM ÚLTIMOS DIAS

• APROVEITE, SE AINDA NÃO VIU!

SAPOR DA CENA A COLOSSAL REVISTA

• **PIMENTA NA LÍNGUA!...**

(«PRÉMIO DA IMPRENSA» COMO «A MELHOR DE 1970»)

UM GRANDE TRIUNFO DOS POPULARES ARTISTAS:

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA

• BARROSO LOPES • DORA LEAL

A «VEDETA» DO FADO

A ATRAÇÃO BRASILEIRA

• ANA ROSMANINHO

• RONY VALY

E, NO «COMPÈRE»,

• OCTÁVIO DE MATOS

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

E DE UM ÓPTIMO «BALLET» INTERNACIONAL!



O EMPREGADO DA EDITORA CANTA NAS HORAS VAGAS

Empregado numa editorial, Manuel Morais é cancionista dos domingos e feriados, e assim lhe podemos chamar. Além, chamam-lhe outra coisa: «Rei da Alegria».

A sua presença bem humorada fez-lo emergir do anonimato.

Natural do Porto, tem 36 anos, e quatro longos lustros de microfone. Estreou-se (como amador teatral) no Patronato Paroquial da Vitória, colaborando depois em quase

todos os programas corten- de variedades: «Hora do Gar- nizado», «Carrocel da Alegria», «Varanda da Saudade», «Fes- tival».

Fez sessões da F. N. A. T. O P. A. C. apresentou-o fu- gazmente em Lisboa.

Com isto, gravou o primeiro disco há sete anos e a et- queta «Orfeu» propõe-no a- gora de novo.

Veja-se o estilo nestas qua- dras de «Zé do boné» (assin- das por Luís Simão):

«Olho sempre pra direita
e nisso tenho prazer
Vejo a vida tão perfeita
que até dá gosto viver



MANUEL MORAIS

Prá esquerda não quero olhar,
não me peçam, meus amigos.
Não sei o que vou tocar:
eu não me meto em sarilhos.

ONDE ESTÁ O OURO DE ROSALIND RUSSELL

LONDRES, 9 — (A. N. I.) — Rosalind Russell assistiu em Londres à es- treia do seu novo filme «Mrs. Pollifax-Spy», de cuja receita metade foi destinada ao combate ao artritismo, doença de que ela própria sofreu ao ponto de ter de passar o tempo entre a cama e a banheira com água quente.

«Eu não podia sequer esfregar os dentes ou pentear-me» — recorda a atriz, acrescentando: «Levei tantas injeções de ouro que a parte pos- terior da minha anatomia passou certamente a ser a mais rica do mundo».

II CICLO GULBENKIAN DE TEATRO

COIMBRA, 9 — No Teatro de Gil Vicente, apresenta-se amanhã a Companhia de tea- tro da qual fazem parte Ja- cinto Ramos, Tomás Macedo, Glória de Matos e José Gam- boa, com a peça de Arthur Miller, «O Preço».

Este espectáculo é o pri- meiro, nesta cidade, do II Ciclo Gulbenkian de Teatro, encontrando-se os bilhetes à venda nas bilheteiras do Tea- tro.

DESCONTOS NO TRINDADE

Todos os profissionais de es- critório do distrito de Lisboa, mediante a apresentação do seu cartão de sócios do res- pectivo sindicato, passam a beneficiar de 50% de descon- to no Teatro da Trindade (cin- co dias após a estreia).

Entretanto, ultimam-se pre- parativos para que, den- tro de dias, com carácter regular, se iniciem sessões de cinema na- ra associados na sede do Si- ndicato dos Profissionais de Es- critório do Distrito de Lisboa.

TRINDADE

Hoje às 21,45 horas
(Adultos)

O original de BERNARDO
SANTARENO

O DUELO

Pela Companhia do Teatro
Nacional D. Maria II
SABADO E DOMINGO
Tarde às 16 horas

O ÊXITO DO MOMENTO:

DEPOIS DA QUEDA

AFTER THE FALL

PEÇA DE Arthur Miller

PARA POUPAR AOS ACTORES O GRANDE ESFORÇO DE REPRESENTAR EM DUAS SESSÕES UMA PEÇA DE TAL INTENSIDADE DRAMÁTICA, «DEPOIS DA QUEDA» PASSA A PARTIR DE HOJE A SER APRESENTADA NUMA ÚNICA SESSÃO

ÀS 21.45 HORAS

Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

TEATRO VILLARET GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

IGREJAS CAEIRO, apre-
senta só até ao fim do mês

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

As últimas representações
DO GRANDE ÊXITO POPULAR

Todas as noites às 21.45 h.
16.ª SEMANA • M/17 A.

o inocente

Maior conforto no uso do Dentes postíços

É a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa solta. DENTOFIX, um só especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firme- mente de modo a dar maior confor- to. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. É alci- lino (não ácido). Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquirir hoje mesmo Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou per- curmaria.

LUSTRES

encantadores; ao gosto da ju- ventude. Fábrica: Av. 5 Outu- bro, 203, r/c. Esq. (Ao Campo Pequeno) Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

TEATRO MONUMENTAL

HOJE: A noite, às 21.45
(Maiores de 17 anos)
EM ÚLTIMOS DIAS!
VASCO MORGADO
APRESENTA
EM 5.ª MÊS

A Casa das Cabras

com MILU na protagonista,
Armando Cortez, Mário Jac- ques, Guida Maria, Luís Pi- nhão, Oscar Castano, Nor- berto de Sousa, António Ma- chado, António Semedo

Sábado: 2 sessões, 2ª e 3ª h.

TEATRO VARIEDADES

Dois populares cómicos
RIBEIRINHO e HENRIQUE SANTANA
Estrela no teatro declamado
SIMONE DE OLIVEIRA

no elenco
FRANC. NICHOLSON
PEDRO PINHEIRO • ANTONIO BARRA

Encenação de Maria Helena Matos
Cenas de António Casimiro — Uma peça para ver e rir a valer...

AMANHÃ, ÀS 21.45 H.
em ESTREIA
A COMÉDIA FRANCESA
de FRANCIS VEBER
(ADULTOS)

TEATRO CAPITOLIO

VASCO MORGADO
apresenta
LAURA ALVES
HOJE, ÀS 21.45 H. (M. 17 anos)
DOMINGO: A TARDE, ÀS 16 H.
LA MAMMA

O AMOR, O CIÚME,
A DESILUSÃO;
O ENCANTO
E O DESENCANTO
DA VIDA
NA PRIMEIRA
LIÇÃO DE AMOR
DUM
ADOLESCENTE.

GINA LOLLOBRIGIDA
GABRIELE FERZETTI ANDRÉ LAURENCE



um
belissimo
novembro

...e com as últimas folhas do Outono
chegam as primeiras desilusões dum homem...

ROMA

HOJE ÀS 21.45
UMA NOTÁVEL ESTREIA

argumento
PAOLO TURCO • LUCIA DRUDI DEMBY • ANTONIO ALIOVITI • HENRY VAUGHAN
musica ENNIO MORRICONE • MAURO BOLOGNINI • ERCOLE PATTI • VALENTINO BOMPIANI
A FRANCO-ITALIAN CO-PRODUCTION: ADELPHIA COMPAGNIA CINEMATOGRAFICA s.p.a. (ROME) - LES PRODUCTIONS ARTISTES ASSOCIES (PARIS)
produção ADELPHIA C.C. • COLOR • United Artists ADULTOS



OS CAMINHOS DE KATMANDOU

TÍTULO ORIGINAL - Les Chemins de Katmandou
REALIZAÇÃO - André Cayatte, 1969 (França)

ARGUMENTO - André Cayatte

FOTOGRAFIA - Andréas Winding (Eastmancolor)

MÚSICA - Serge Gainsbourg

INTERPRETES - Serge Gainsbourg, Jane Birkin, Pascale André, Elsa Martinelli, Bernard Verley, Ariane Dalli, etc.

DISTRIBUIÇÃO - Filmes Lusomundo

ESTREIA - Cinema Vox (4-3-1971).

Em 1969 a França estreou, com certo escândalo, duas películas sobre a droga: o mudo dos hippies, 'ma loi d'Amor', de Barbet Schroeder, um documento impressionante, realizado por um jovem que conhecia por dentro o que dizia e possuía a sensibilidade necessária para desatlar a estabilidade do espectador médio, inquietando-o, não pelo miserabilismo do tema mas pela pureza do seu olhar. O outro (que agora se estreia em Portugal com alguns alterações) é 'Os Caminhos de Katmandou', dirigido por André Cayatte (um velho cineasta francês que se notabilizou pela 'boa vontade' e que quase sempre deu provas em obras como 'Faça-se justiça', 50; 'Nona Summa Tars das Assassinas', 51; 'Asas do Dilúvio', 53; 'Olho por olho', 56; 'O Espelho de uma Pátria', 58; 'O Passajero do Reno', 60; 'Os ossos do ofício', 67, entre outros). Acontece que Cayatte não sente o filme que faz a não ser exteriormente. A sua câmara não vive os problemas por dentro, mas limita-se a observar os por fora, a distância e (tal como nas visões que descreve) através de lentes de formadas.

O seu Olivier, que saiu de Maio de 68 desalentado e vai até Katmandou procurar o Paralelo, nunca deixa de ser uma caricatura, bem assim como as comunidades de hippies que vai encontrando. Tudo é excessivo e grotesco na da nos é explicado profundamente tudo é deixado ao acaso, sempre superficial e fácil. A intriga é demasiado trabalhada, os acontecimentos sucedem-se com uma intenção moral, que não sai de cima, mas lhes é imposta. Cayatte tem uma ideia sobre os jovens a droga, os hippies, etc. O seu filme vai demonstrar, na prática, essa ideia. Para que assim seja, Cayatte não perde uma oportunidade de violenta a acção, força as personagens, obrigando a obra a dizer algo que por vezes se sente ser uma elaboração teórica deficientemente explanada nas imagens. Filme construído no contrário, 'Os Caminhos de Katmandou' é ainda um documentário folclórico de nenhum interesse, para além de ser, cinematograficamente, de uma invulgar ineptia.

Enfim, Cayatte falha rotundamente, levando com ele todos os actores. Faça-se justiça!

LAURO ANTONIO

UMA COMÉDIA DE GARGALHADA

HOJE
VARIEDADES ESTREIA
AS 21.45 H.

VASCO MORGADO

APRESENTA

DUIS GRANDES CÓMICOS

LADO A LADO

RIBEIRINHO e
HENRIQUE
SANTANA

em

O CONTRATO

estreia no teatro declamado

SIMONE DE OLIVEIRA

com

FRANCISCO NICHOLSON

PEDRO PINHEIRO * ANTONIO BARRA

uma encenação de

MARIA HELENA MATOS

cenos de ANTONIO CASIMIRO

(ADULTOS)

GRUPO 4

TIVOLI

As 18 e 30 (M/17 anos)

DEFINITIVAMENTE ÚLTIMOS DIAS
DE UM ESPECTÁCULO NOTÁVEL
AMANHÃ E DEPOIS



as
irmãzinhas

DE EDUARDO MANET
ENC. DE COSTA FERREIRA

50% A ESTUDANTES E SÓCIOS DO 1.º ACTO
(ALGÉM)

CÍRCULO CULTURAL DO ALGARVE

FARO, 9 - Foram eleitos os novos dirigentes do Círculo Cultural do Algarve, constituídos da seguinte forma: assembleia geral, presidente, dr. José Campos Coroa; vice-presidente dr. Joaquim Peixoto Magalhães; secretário, dr. Maria Amélia Campos Coroa; direcção, presidente, dr. José Luís Louro; vice-presidente, Gilberto Carvalho Santos; secretários, Manuel Ramos e Walter Mateus; tesoureiros, João Veríssimo e Mário Isidro Dias; vogais, José Maria Pávão, José Emílio Campos Coroa e D. Maria Alice de Abreu Lopes.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Stoa	Compra	Venda	Ultramarinos	Stoa	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4% ...	—	—	4935	Ag. 1.ª e 2.ª	—	—	855
Consolidado 3%	—	—	4955	Ag. 3.ª	205	205	735
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	6045	Ag. 4.ª	—	—	4195
Centenários 4%	—	—	14005	Ag. 5.ª	2185	2185	4195
Obra de Tesouro 5% ...	1.0005	—	1.0005	Ag. 6.ª	2505	2.1405	4195
Ext. 1.ª série	—	5805	—	Ag. 7.ª	6255	6205	6305
Ext. 2.ª série	—	5805	—	Ag. 8.ª	—	—	885
Ext. 3.ª série	—	—	8005	Ag. 9.ª	875	865	—
Ext. 4.ª série	—	—	705	Ag. 10.ª	—	—	4155
Ext. 5.ª série	—	1555	—	Ag. 11.ª	4305	4255	4355
Ext. 6.ª série	—	—	—	Ag. 12.ª	—	695	715
Ext. 7.ª série	—	—	—	Ag. 13.ª	—	—	—
Ext. 8.ª série	—	—	—	Ag. 14.ª	—	—	—
Ext. 9.ª série	—	—	—	Ag. 15.ª	—	—	—
Ext. 10.ª série	—	—	—	Ag. 16.ª	—	—	—
Ext. 11.ª série	—	—	—	Ag. 17.ª	—	—	—
Ext. 12.ª série	—	—	—	Ag. 18.ª	—	—	—
Ext. 13.ª série	—	—	—	Ag. 19.ª	—	—	—
Ext. 14.ª série	—	—	—	Ag. 20.ª	—	—	—
Ext. 15.ª série	—	—	—	Ag. 21.ª	—	—	—
Ext. 16.ª série	—	—	—	Ag. 22.ª	—	—	—
Ext. 17.ª série	—	—	—	Ag. 23.ª	—	—	—
Ext. 18.ª série	—	—	—	Ag. 24.ª	—	—	—
Ext. 19.ª série	—	—	—	Ag. 25.ª	—	—	—
Ext. 20.ª série	—	—	—	Ag. 26.ª	—	—	—
Ext. 21.ª série	—	—	—	Ag. 27.ª	—	—	—
Ext. 22.ª série	—	—	—	Ag. 28.ª	—	—	—
Ext. 23.ª série	—	—	—	Ag. 29.ª	—	—	—
Ext. 24.ª série	—	—	—	Ag. 30.ª	—	—	—
Ext. 25.ª série	—	—	—	Ag. 31.ª	—	—	—
Ext. 26.ª série	—	—	—	Ag. 32.ª	—	—	—
Ext. 27.ª série	—	—	—	Ag. 33.ª	—	—	—
Ext. 28.ª série	—	—	—	Ag. 34.ª	—	—	—
Ext. 29.ª série	—	—	—	Ag. 35.ª	—	—	—
Ext. 30.ª série	—	—	—	Ag. 36.ª	—	—	—
Ext. 31.ª série	—	—	—	Ag. 37.ª	—	—	—
Ext. 32.ª série	—	—	—	Ag. 38.ª	—	—	—
Ext. 33.ª série	—	—	—	Ag. 39.ª	—	—	—
Ext. 34.ª série	—	—	—	Ag. 40.ª	—	—	—
Ext. 35.ª série	—	—	—	Ag. 41.ª	—	—	—
Ext. 36.ª série	—	—	—	Ag. 42.ª	—	—	—
Ext. 37.ª série	—	—	—	Ag. 43.ª	—	—	—
Ext. 38.ª série	—	—	—	Ag. 44.ª	—	—	—
Ext. 39.ª série	—	—	—	Ag. 45.ª	—	—	—
Ext. 40.ª série	—	—	—	Ag. 46.ª	—	—	—
Ext. 41.ª série	—	—	—	Ag. 47.ª	—	—	—
Ext. 42.ª série	—	—	—	Ag. 48.ª	—	—	—
Ext. 43.ª série	—	—	—	Ag. 49.ª	—	—	—
Ext. 44.ª série	—	—	—	Ag. 50.ª	—	—	—
Ext. 45.ª série	—	—	—	Ag. 51.ª	—	—	—
Ext. 46.ª série	—	—	—	Ag. 52.ª	—	—	—
Ext. 47.ª série	—	—	—	Ag. 53.ª	—	—	—
Ext. 48.ª série	—	—	—	Ag. 54.ª	—	—	—
Ext. 49.ª série	—	—	—	Ag. 55.ª	—	—	—
Ext. 50.ª série	—	—	—	Ag. 56.ª	—	—	—
Ext. 51.ª série	—	—	—	Ag. 57.ª	—	—	—
Ext. 52.ª série	—	—	—	Ag. 58.ª	—	—	—
Ext. 53.ª série	—	—	—	Ag. 59.ª	—	—	—
Ext. 54.ª série	—	—	—	Ag. 60.ª	—	—	—
Ext. 55.ª série	—	—	—	Ag. 61.ª	—	—	—
Ext. 56.ª série	—	—	—	Ag. 62.ª	—	—	—
Ext. 57.ª série	—	—	—	Ag. 63.ª	—	—	—
Ext. 58.ª série	—	—	—	Ag. 64.ª	—	—	—
Ext. 59.ª série	—	—	—	Ag. 65.ª	—	—	—
Ext. 60.ª série	—	—	—	Ag. 66.ª	—	—	—
Ext. 61.ª série	—	—	—	Ag. 67.ª	—	—	—
Ext. 62.ª série	—	—	—	Ag. 68.ª	—	—	—
Ext. 63.ª série	—	—	—	Ag. 69.ª	—	—	—
Ext. 64.ª série	—	—	—	Ag. 70.ª	—	—	—
Ext. 65.ª série	—	—	—	Ag. 71.ª	—	—	—
Ext. 66.ª série	—	—	—	Ag. 72.ª	—	—	—
Ext. 67.ª série	—	—	—	Ag. 73.ª	—	—	—
Ext. 68.ª série	—	—	—	Ag. 74.ª	—	—	—
Ext. 69.ª série	—	—	—	Ag. 75.ª	—	—	—
Ext. 70.ª série	—	—	—	Ag. 76.ª	—	—	—
Ext. 71.ª série	—	—	—	Ag. 77.ª	—	—	—
Ext. 72.ª série	—	—	—	Ag. 78.ª	—	—	—
Ext. 73.ª série	—	—	—	Ag. 79.ª	—	—	—
Ext. 74.ª série	—	—	—	Ag. 80.ª	—	—	—
Ext. 75.ª série	—	—	—	Ag. 81.ª	—	—	—
Ext. 76.ª série	—	—	—	Ag. 82.ª	—	—	—
Ext. 77.ª série	—	—	—	Ag. 83.ª	—	—	—
Ext. 78.ª série	—	—	—	Ag. 84.ª	—	—	—
Ext. 79.ª série	—	—	—	Ag. 85.ª	—	—	—
Ext. 80.ª série	—	—	—	Ag. 86.ª	—	—	—
Ext. 81.ª série	—	—	—	Ag. 87.ª	—	—	—
Ext. 82.ª série	—	—	—	Ag. 88.ª	—	—	—
Ext. 83.ª série	—	—	—	Ag. 89.ª	—	—	—
Ext. 84.ª série	—	—	—	Ag. 90.ª	—	—	—
Ext. 85.ª série	—	—	—	Ag. 91.ª	—	—	—
Ext. 86.ª série	—	—	—	Ag. 92.ª	—	—	—
Ext. 87.ª série	—	—	—	Ag. 93.ª	—	—	—
Ext. 88.ª série	—	—	—	Ag. 94.ª	—	—	—
Ext. 89.ª série	—	—	—	Ag. 95.ª	—	—	—
Ext. 90.ª série	—	—	—	Ag. 96.ª	—	—	—
Ext. 91.ª série	—	—	—	Ag. 97.ª	—	—	—
Ext. 92.ª série	—	—	—	Ag. 98.ª	—	—	—
Ext. 93.ª série	—	—	—	Ag. 99.ª	—	—	—
Ext. 94.ª série	—	—	—	Ag. 100.ª	—	—	—
Ext. 95.ª série	—	—	—	Ag. 101.ª	—	—	—
Ext. 96.ª série	—	—	—	Ag. 102.ª	—	—	—
Ext. 97.ª série	—	—	—	Ag. 103.ª	—	—	—
Ext. 98.ª série	—	—	—	Ag. 104.ª	—	—	—
Ext. 99.ª série	—	—	—	Ag. 105.ª	—	—	—
Ext. 100.ª série	—	—	—	Ag. 106.ª	—	—	—
Ext. 101.ª série	—	—	—	Ag. 107.ª	—	—	—
Ext. 102.ª série	—	—	—	Ag. 108.ª	—	—	—
Ext. 103.ª série	—	—	—	Ag. 109.ª	—	—	—
Ext. 104.ª série	—	—	—	Ag. 110.ª	—	—	—
Ext. 105.ª série	—	—	—	Ag. 111.ª	—	—	—
Ext. 106.ª série	—	—	—	Ag. 112.ª	—	—	—
Ext. 107.ª série	—	—	—	Ag. 113.ª	—	—	—
Ext. 108.ª série	—	—	—	Ag. 114.ª	—	—	—
Ext. 109.ª série	—	—	—	Ag. 115.ª	—	—	—
Ext. 110.ª série	—	—	—	Ag. 116.ª	—	—	—
Ext. 111.ª série	—	—	—	Ag. 117.ª	—	—	—
Ext. 112.ª série	—	—	—	Ag. 118.ª	—	—	—
Ext. 113.ª série	—	—	—	Ag. 119.ª	—	—	—
Ext. 114.ª série	—	—	—	Ag. 120.ª	—	—	—
Ext. 115.ª série	—	—	—	Ag. 121.ª	—	—	—
Ext. 116.ª série	—	—	—	Ag. 122.ª	—	—	—
Ext. 117.ª série	—	—	—	Ag. 123.ª	—	—	—
Ext. 118.ª série	—	—	—	Ag. 124.ª	—	—	—
Ext. 119.ª série	—	—	—	Ag. 125.ª	—	—	—
Ext. 120.ª série	—	—	—	Ag. 126.ª	—	—	—
Ext. 121.ª série	—	—	—	Ag. 127.ª	—	—	—
Ext. 122.ª série	—	—	—	Ag. 128.ª	—	—	—
Ext. 123.ª série	—	—	—	Ag. 129.ª	—	—	—
Ext. 124.ª série	—	—	—	Ag. 130.ª	—	—	—
Ext. 125.ª série	—	—	—	Ag. 131.ª	—	—	—
Ext. 126.ª série	—	—	—	Ag. 132.ª	—	—	—
Ext. 127.ª série	—	—	—	Ag. 133.ª	—	—	—
Ext. 128.ª série	—	—	—	Ag. 134.ª	—	—	—
Ext. 129.ª série	—	—	—	Ag. 135.ª	—	—	—
Ext. 130.ª série	—	—	—	Ag. 136.ª	—	—	—
Ext. 131.ª série	—	—	—	Ag. 137.ª	—	—	—
Ext. 132.ª série	—	—	—	Ag. 138.ª	—	—	—
Ext. 133.ª série	—	—	—	Ag. 139.ª	—	—	—
Ext. 134.ª série	—	—	—	Ag. 140.ª	—	—	—
Ext. 135.ª série	—	—	—	Ag. 141.ª	—	—	—
Ext. 136.ª série	—	—	—	Ag. 142.ª	—	—	—
Ext. 137.ª série	—	—	—	Ag. 143.ª	—	—	—
Ext. 138.ª série	—	—	—	Ag. 144.ª	—	—	—
Ext. 139.ª série	—	—	—	Ag. 145.ª	—	—	—
Ext. 140.ª série	—	—	—	Ag. 146.ª	—	—	—
Ext. 141.ª série	—	—	—	Ag. 147.ª	—	—	—
Ext. 142.ª série	—	—	—	Ag. 148.ª	—	—	—
Ext. 143.ª série	—	—	—	Ag. 149.ª	—	—	—
Ext. 144.ª série	—	—	—	Ag. 150.ª	—	—	—
Ext. 145.ª série	—	—	—	Ag. 151.ª	—	—	—
Ext. 146.ª série	—	—	—	Ag. 152.ª	—	—	—
Ext. 147.ª série	—	—	—	Ag. 153.ª	—	—	—
Ext. 148.ª série	—	—	—	Ag. 154.ª	—	—	—
Ext. 149.ª série	—	—	—	Ag. 155.ª	—	—	—
Ext. 150.ª série	—	—	—	Ag. 156.ª	—	—	—
Ext. 151.ª série	—	—	—	Ag. 157.ª	—	—	—
Ext. 152.ª série	—	—	—	Ag. 158.ª	—	—	—
Ext. 153.ª série	—	—	—	Ag. 159.ª	—	—	—
Ext. 154.ª série	—	—	—	Ag. 160.ª	—	—	—
Ext. 155.ª série	—	—	—	Ag. 161.ª	—	—	—
Ext. 156.ª série	—	—	—	Ag. 162.ª	—	—	—
Ext. 157.ª série	—	—	—	Ag. 163.ª	—	—	—
Ext. 158.ª série	—	—	—	Ag. 164.ª	—	—	—
Ext. 159.ª série	—	—	—	Ag. 165.ª	—	—	—
Ext. 160.ª série	—	—	—	Ag. 166.ª	—	—	—
Ext. 161.ª série	—	—	—	Ag. 167.ª	—	—	—
Ext. 162.ª série	—	—	—	Ag. 168.ª	—	—	—
Ext. 163.ª série	—	—	—	Ag. 169.ª	—	—	—
Ext. 164.ª série	—	—	—	Ag. 170.ª	—	—	—
Ext. 165.ª série	—	—	—	Ag. 171.ª	—	—	—
Ext. 166.ª série	—	—	—	Ag. 172.ª	—	—	—
Ext. 167.ª série	—	—	—	Ag. 173.ª	—	—	—
Ext. 168.ª série	—	—	—	Ag. 174.ª	—	—	—
Ext. 169.ª série	—	—	—	Ag. 175.ª	—	—	—
Ext. 170.ª série	—	—	—	Ag. 176.ª	—	—	—
Ext. 171.ª série	—	—	—	Ag. 177.ª	—	—	—
Ext. 172.ª série	—	—	—	Ag. 178.ª	—	—	—
Ext. 173.ª série	—	—	—	Ag. 179.ª	—	—	—
Ext. 174.ª série	—	—	—	Ag. 180.ª	—	—	—
Ext. 175.ª série	—	—	—	Ag. 181.ª	—	—	—
Ext. 176.ª série	—	—	—	Ag. 182.ª	—	—	—
Ext. 177.ª série	—	—	—	Ag. 183.ª	—	—	—
Ext. 178.ª série	—	—	—	Ag. 184.ª	—	—	

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

C-C: RIP!

Preparamo-nos para assistir ao último programa ao vivo (oem, vivo, e como quem diz...) do *Curto-Circuito*. Respeitosamente, como me ensinaram em pequeno tiro o cnapéu enquanto aguardo a passagem do feretro. Os lábios murmuram palavras de uma oração há muito esquecida. Gesto que logo se transforma no seu contrário quando aparece a primeira imagem no televisor: Luis Duarte, componente do conjunto «Splash», vem cantar duas canções americanas, de modo insuportavelmente subserviente e adolescente. O seu «shot» é de pacotilha o seu ataque não vem do fundo do mar. O suor é unicamente da pele, da alma não.

Ah, mas espera aí. Falhou a primeira tentativa de ver representado, na última emissão do *Curto-Circuito*, o movimento cançonetista português — mas talvez não falhe à segunda: vem aí a *Filarmonia Fraud*, aquela que tanta esperança fez nascer quanto ao nascimento de um certo tipo na canção portuguesa.

Desilusão ainda maior. Aquela *Filarmonia* não é a outra. É um subproduto apagado, triste, macaco de imitação da

música, gestos e clima estranhos, reforçado ou não com a colaboração de Luis Duarte, chamado ao conjunto para procurar livrá-lo do naufrágio, sem o conseguir. E tudo se fez sem uma palavra de explicação ao público. Isso foi muito feio. *Curto-Circuito*. Não devias ter feito isso. Isso desacredita qualquer programa. Na hora da morte que era a tua, morrer em beleza deveria ser o teu objectivo. Para essas e para outras é que se fez o inferno, então como é.

UMA SIMONE PÓSTUMA

A representação portuguesa de grande classe esteve, ao que parece, em Simone de Oliveira. Para quê, estaria ali Simone, a cançonetista, se não para cantar. Terminadas as suspensas de gorja acabada?

Artur Agostinho pensa também que o público ficará intrigado, acha que a presença dela «parece não ter grande justificação», mas só «para os menos atentos à vida artística...» E salta a referência à grande re-

velação, a mais importante do nosso País nos últimos tempos: Simone vai dedicar-se ao teatro declamado! É certo que, para começar, faz «um pequenino papel», mas enfim, as grandes artistas não começaram logo pelos papéis grandes!

Finda a revelação, sem grande entusiasmo, diga-se, entramos nas rábulas em que Simone é emérita: «Sou tida como pessoa muito gentil, tenho um feitio muito especial...». Antigamente, sim, é que era, as melodias tinham princípio, meio e fim. As melodias agora são uma espécie de cega-rega... Na verdade, a parte poética melhorou, mas o que fica são as melodias.

Quanto à parte poética, Simone lamenta que se esteja a esquecer o amor, agora não se canta o amor, e não sei o quê, agora canta-se o mar, o Sol, os amigos, o irmão, a Terra... Mas feito O amor é que é. E a solidão. Porque, no que lhe respeito, será sempre a *Maria Solidão*.

Momento de melancolia. Nostalgia Melancia Entra o disco.

Aqui está como *Curto-Circuito* presta homenagem à canção portuguesa viva: com

uma cançonetista póstuma. Ai que saudades. Que saudades em que o amor, em que o Sol de Inverno, em que os olhos nos olhos...

Não tivemos a sorte dos espectadores que estiveram no Monumental, como se pode verificar pelo seguinte apontamento: na altura em que Simone de Oliveira apareceu no palco, começou por dizer que não vinha cantar.

— Já fico mais descansado... — gritou uma voz da plateia.

No entanto, antes cantasse do que falasse, Simone de Oliveira desconhece os seus limites. Questão de génio. Que temos nós com isso?

Ah, mas agora é que o Teatro português vai ressuscitar... É já a partir de amanhã. Vem no livro dos profetas.

CANAL 13

Depois do *Curto-Circuito*, virá outro programa. Chamar-se-á *Canal 13*. Terá a colabo-

(Continua na 19.ª página)

Rádio

MISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — AF 1 (95,7 mc/s) — As 16: Notícias; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Estante»; Ivanhoe, de Walter Scott, programa de Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de noite; Adriano Correia de Oliveira; 18 e 20: Espectáculo; Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com os «Les Zeppelins»; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Interlúdio; 20 e 30: 11.º episódio do folhetim «Inocência»; 20 e 30: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir? 21 e 05: Viagem ao passado, por Audite Navarro; 22 e 10: Vamos ouvir: Diamantina; 22 e 30: Tempo de jazz, por Raul Colado; 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Uma obra... duas interpretações — O concerto n.º 3 de Mozart, interpretado sucessivamente pelos violinistas Artur Grumiaux e David Oistrakh; 16 e 30: Canções de Wesendonck (Wagner); 17 e 15: Curiosidades musicais — A obra para piano de Respighi (gravações cedidas pela RAI); 17 e 47: Festival de Liège de 1970 (gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Belga) — 9.º programa da série «Viena, império da música» — Parte de um concerto pelo acetato de Viena; 18 e 38: Gravações históricas — Solos de piano por Beno Moiseiwitch; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio educativa (Auditório Juvenil); 20: Diálogo sonoro; 20 e 20: Três pavanos (Norveez, em via dedicada por Celestino Romeo; 20 e 30: Orquestra de câmara; 21: O grupo coral «Ramonoff», acompanhado por um conjunto instrumental — Balada dos Cescos; 21 e 20: Tempo Hierático; 21 e 45: Recital pelo duo de violinos Victoria Gomes-Floriano de Oliveira — 14 peças fáceis para 2 violinos (Hindemith); 22 e 03: A orquestra «Pro-Arte» de Munique, dirigida por Kurt Redel — Concerto grosso em ré maior (Gottfried Heinrich Stölzel); 22 e 15: O gosto pela música, pelo

dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: Orquestra de câmara «Musica» — Divertimento em si bemol maior K 137 (Mozart); 22 e 58: Fecho.

Programa estereofónico — AF 2 — 94,3 mc/s — As 21: Um conjunto moderno: Parte do 3.º álbum dos «Led Zeppelins»; 21 e 10: Música, só música; 21 e 20: Ritmo latino americano com «Los Payadores»; 21 e 30: The Frank Barber Percussion; 21 e 40: Soul Music; 21 e 50: Melodias por orquestras; 22 e 10: Intérpretes portugueses; 22 e 25: Intervale, com «The Jumping Jacques»; 22 e 35: Ritmo de Dixieland pela orquestra Max Greger; 22 e 50: Canções populares de Israel, por Esther Ofarim; 23: O pianista Friedrich Gulda — Sonata n.º 2, em si bemol maior, op. 108 (Beethoven); 23 e 36: As grandes sinfonias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 250,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Nota de abertura; 20 e 15: Portugal de amanhã; 20 e 30: Semanário 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terço-Relva à tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande rca; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diálogo rural; 7 e 03: Talkem.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-2;

1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho. Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rábiolac; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte do dia; 21 e 05: Lettura; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O oratório da verdade; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Momentos de melodia; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Luz e verdade; 23 e 18: Clube da Juventude.

Rádio Resonância — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Orquestras; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Curso de língua alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Modo de ler; 21 e 15: Eventual; 21 e 30: Curso de língua alemã; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 19 e 30: As 22. Rádio Rádionte de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17 Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2.

peças

FIAT

CARLOS EDUARDO TROVÃO, LDA.

Av. João XXI, 68-A-63-C Telef 771014-770265 Lisboa-I

S.O.S.-TV TEVERÁPIDA GRÁTIS

Faça um teste ao seu TV, gratuitamente, nos nossos laboratórios

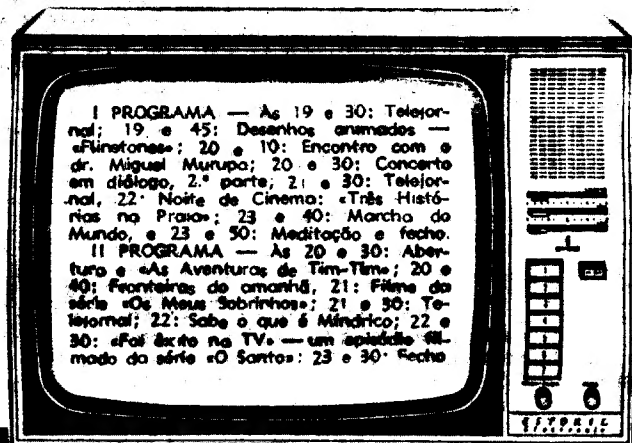
Rua António Pedro, 110 — Telef. 5 06 57 - 53 50 24

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CINNE

RECEBIMOS A 1.ª MARÇO 71

TV
dia a dia

HOJE PODE VER...

SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série, «Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Portugal no Mundo; 14 e 15: Logo à noite — cartaz dos programas; 14 e 20: Fecho. 2.º período — As 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: TV infantil; 20 e 10: Eurovisão: transmissão directa do encontro de futebol Ajax-Celtic, para os quartos de final da Taça dos Vencedores das Taças; 22 e 5: Telejornal, 3.ª edição; 22 e 29: «A Família Forsythe»; 23 e 38: Marcha do Mundo; 23 e 43: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura e «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série, «Viver no Campo»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: Prospeção no fundo do mar; 22 e 30: Concerto para jovens, com a Orquestra Filarmonica de Nova York, dirigida por Leonard Bernstein; 23 e 30: Fecho.

TUDOR
pilhas para transistores

Os licenciados em Direito fogem da carreira de advogados

— afirmou-se num colóquio sobre a escolha da profissão

As circunstâncias de os licenciados em Direito fugirem da carreira de advogado, de haver cada vez menos veterinários para as necessidades do País de se registar um excesso de arquitectos e de se abrirem novas perspectivas para os diplomados em Farmácia, foramostas em relevo num colóquio sobre a escolha da profissão, realizado no Colégio das Doroteias, conforme foi tornado público.

No colóquio, orientado pelo prof. Miller Guerra, participaram quatro profissionais (um advogado, um farmacêutico, um veterinário e um arquitecto) mas apenas compareceram 20 por cento dos pais de 200 alunos a quem se destinava a reunião, promovida pelo Colégio de S. João de Brito. Assistiram, ainda, cerca de 80 alunos.

Registam-se, em seguida, algumas das afirmações produzidas pelos quatro profissionais referidos:

DR. CARLOS LIMA (advogado): Estão fixados em Lisboa 45 por cento dos advogados inscritos na Ordem, o que revela, só por si, a fuga dos diplomados em Direito à profissão que se tinham proposto, já que mais de metade exerce outra profissão.

DR. JOAQUIM FERRAZ LEAL (licenciado em Farmácia): Existem, agora, novas saídas para o curso de Farmácia sobretudo a análise química para o controlo da qualidade das matérias-primas e dos produtos de consumo, bem como as análises toxicológicas e clínicas.

DR. GAMA NUNES (veterinário): É baixíssimo o número de veterinários: menos de um milhar na metrópole e apenas 150 no ultramar. A situação parece agravar-se: o número de licenciaturas dos últimos 10 anos (cerca de 30) nem sequer chegou para cobrir as vagas deixadas pelos que abandonam o activo. Mais de 40 por cento dos actuais veterinários portugueses têm

mais de 50 anos de idade.

ARQUITECTO NUNO PORTAS: O trabalho do arquitecto, em Portugal, é particularmente importante na planificação das cidades e na arrumação geral do território, pedidas pelas novas concentrações urbanas. Apenas 20 por cento das projectadas construções em Portugal são de responsabilidade dos arquitectos — disse. As perspectivas neste campo dependem do progresso, cultural e económico do País e da reforma das leis vigentes e, ainda, da capacidade do próprio profissional para provar a necessidade da sua profissão.

Formam-se, actualmente, cerca de 50 arquitectos por ano, o que é um número desproporcionado. São vítimas do seu próprio desenvolvimento, levados pelo complexo de superioridade (porque não sabem o que não sabem) e pelo complexo de inferioridade (quando sabem que não sabem quase nada). Daqui — concluiu — resulta em grande parte a dificuldade de diálogo entre os arquitectos e os outros especialistas, quando são chamados a colaborar em equinas interministeriais.

ficiência de diálogo entre os arquitectos e os outros especialistas, quando são chamados a colaborar em equinas interministeriais.

QUEM CONHECE ESTAS MULHERES?



Gracinda da Conceição Oliveira e Perpétua Rosa Bacatela

Desconhecem-se as famílias de duas mulheres internadas no Albergue da Mitra. Têm resultado infrutíferas todas as tentativas da instituição para encontrar alguém que saiba quem são.

A primeira das mulheres, diz, embora com dificuldade, chamar-se Gracinda da Conceição Oliveira, ter 37 anos, ser solteira e filha de Alfredo Augusto de Oliveira e de Georgina da Conceição de Almeida, naturais da freguesia de Monte Pedral.

A outra afirma chamar-se Perpétua Rosa Bacatela, ter 59 anos, ser filha de João Nunes Carvalho ou João Macedona e de Ana Rosa Bacatela ou Adela de Maria Marques, natural de Viana do Castelo ou Coruche.

Quem puder dar informações a respeito de uma ou de outra deverá dirigir-se ao Albergue da Mitra (Telefone 38 12 49).

Manhã na praça

Como se escreve sável?

— Como se escreve sável? É com b ou com v?
A peixeira do mercado de Alvalade anotava o preço do peixe e escrevera já sável com b. É com v, mas não tem importância, percebe-se... A peixeira, porém, era conscienciosa, apagou o b do sável e começou a contar a sua ignorância.

— Para quem nunca andou na escola...
O espanto forçado, que mostrámos, (não?!), agiu como incantação, convulsão a «conte lá a sua história»!
— Vim para Lisboa aos 20 anos, tenho agora 42, e não sabia nada. Nascei no campo. Era a mais velha. Tive de criar os meus irmãos...

Os pontos marcam espaços nas palavras, imprimem o tom, os solavancos de continuidade, mas não certo orgulho.

— Aprendi por mim própria, à minha custa. E agora é o meu filho que me anda a ensinar. Está no 3.º ano do liceu.

Sável escreve-se com v, mas não tem importância, não é de exigir a distinção a quem nunca andou na escola embora seja de ouvir quem procura aprender tarde, e com muito maior custo, pois precisa de ganhar a vida. Mais tarde do que nunca.

PREÇO DOS PRODUTOS

O mocho dos espinafres estava a 5\$00; dos agriões a 1\$50 e dos 2\$50; do brocolos, a 1\$00; dos grelos, a 3\$50 e 5\$00; dos rabanetes, a 4\$00; das nabélicas, a 5\$00; e da beterraba, a 5\$00.

A couve-flor vendia-se a 4\$00 e 8\$00; a alface, a 2\$00 e 2\$50; a lombarda, a 6\$00, 5\$00, 2\$50 e 2\$00; o alho francês, a 2\$00; o nabo, a 1\$00; e a couve portuguesa, a 2\$00.

O quilo da cenoura comprava-se a 4\$00; das favas, a 5\$00; as cebolas, a 3\$00; da ervilha de grão, a 11\$50; do tomate, a 23\$00; da batata, a 1\$80; da abóbora, a 4\$00; e da azeitona, a 8\$00 e 12\$00.

PEIXE

Vinhos o quilo das lulas a 35\$00; da pescada, a 35\$00, 36\$00, 38\$00 e 42\$00; do goraz, a 22\$00 a 35\$00, 36\$00, 39\$00 e a 16\$80; do chicharro, a 6\$00; do sável, a 11\$00; do linguado, a 51\$00; do cachucho, a 15\$80; da aludida, a 12\$00; dos rabos de pargo, a 25\$00; da pescada congelada a

16\$00; da caudeirada, a 14\$00; do polvo, a 14\$00; da pescadinha, a 19\$00; das raías, a 10\$00; do salmão, a 24\$00; do pargo, a 20\$50; da sarja, a 7\$00; do cherne, a 38\$00; da tainha, a 10\$40; dos chocos, a 24\$00; da ameijoia, a 12\$00 e 45\$00; da conquinha, a 21\$00; das gambas, a 50\$00; do camarão, a 50\$00; do «carabineiro», a 80\$00; do berbigão, a 6\$00; das caracas, a 31\$20; da faneca, a 25\$90; do buego, a 24\$00; e da garoupa, a 29\$00 e 35\$50.

FRUTAS

O quilo da laranja estava a 7\$00, 8\$40 e 9\$00; do limão, a 7\$80 e 8\$40; da maçã reineta, a 14\$80 e 15\$00; do pêro «golden», a 11\$10 e 14\$30; das tangerinas, a 11\$00; das peras, a 10\$00 e 13\$00; do ananás, a 14\$30; e das bananas, a 8\$00, 9\$00, 10\$00, 11\$00 e 11\$50.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos estava tabelada a 12\$50, 13\$00 e 14\$20.

O quilo do frango limpo vendia-se a 28\$00.

DONA DE CASA

PROVÁVEIS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS CIDADINOS APRECIADOS NO L. N. E. C. PELO PRESIDENTE DO MUNICÍPIO

Integrar-se de estudos e soluções que, pela sua natureza, possam interessar à cidade, foi o objectivo do presidente do Município ao deslocar-se, esta manhã, ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde o recebeu o respectivo director, eng.º Manuel Rocha.

Depois de apreciada uma exposição bibliográfica da documentação até à data editada pelo L. N. E. C., o eng.º Santos e Castro, que se encontrava acompanhado do vice-presidente dr. Soares da

Costa, foi inteirado de um estudo de estabilidade aerodinâmica com vista ao alargamento futuro do tabuleiro rodoviário da ponte sobre o Tejo.

Foi igualmente apreciada a teorização de bairros habitacionais, não se descurando o carácter social dos aglomerados.

Outro problema focado: a análise dos ruídos do tráfego urbano de Lisboa. A esse propósito, foi recordada a acção do L. N. E. C. na homologação de novos materiais e pro-

cessos de construção.

Pavimentos para arruamentos mereceram também a atenção do eng.º Santos e Castro e dos técnicos camarários: resistência à derrapagem, regularidade da superfície, capacidade de carga, comportamento sísmico, etc.

Iguualmente foi ponderado o comportamento sob a acção do fogo de certas estruturas da construção civil, como portas, fechaduras, chaves, estores, toldos, etc.

A visita prolongou-se por mais de três horas.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Em mais uma audiência do julgamento do caso Sommer o acusador público continuou a interrogar o sr. Constantino Sobral, antigo chefe dos escritórios do Casa Sommer.

O depoente esclareceu ter, durante anos, a exclusivo mando de António Champallimaud, elaborado cartas dirigidas a Casa José Henriques Totta, com vista a concretizar amortizações de um empréstimo caucionado com acções da Empresa de Cimentos de Leiria.

Prestou esclarecimentos sobre o «dossier herança», e afirmou que elaborava tais documentos fora das horas

de expediente da Casa Sommer, embora realizasse tal trabalho nas instalações da sociedade.

Ainda no tocante a movimentos de acções da E. C. L., em que o depoente se recorda de haver tomado parte como executante de ordens de António Champallimaud, referiu uma troca de acções da aludida empresa, ocorrida entre a Casa Sommer e as sr.ªs D. Ana Champallimaud e D. Maria Ana Champallimaud, com vista a possibilitar a obtenção de um empréstimo que, segundo crê, foi conseguido junto da então Casa J. H. Totta. Não foi o depoente quem dactilografou as cartas

que se encontram juntas a fis. 4275 e 4276, ambas assinadas por Fernando Sommer, como conclusões depois de ambas lhe terem sido exibidas.

Eclaireceu, ainda, que jamais, durante o tempo que movimentou esse «dossier», lhe foi feita qualquer pergunta acerca do mesmo, por parte de Fernando Sommer ou sua filha Maria Helena, de D. Ana Champallimaud ou de seus filhos Carlos ou Maria Ana Champallimaud. Se alguém fizesse perguntas, não seria de depoente, mas sim ao sr. Henrique Champallimaud.

Os trabalhos prosseguem amanhã, à hora habitual.

BOM APETITE

MAIA

O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos directamente do origem

restaurante crameiro

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PRÊMIO DO S. N. I.

VIRIATO

SNACK-BAR RESTAURANTE
CERVEJARIA COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 79 02 11

JANTARES DANCANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SN1

Suzy (ex-Susana) e os fabricantes de êxitos



SUZY

Será, assim, um autêntico repertório de grandes canções? — «Exactamente, assegura. E a reacção do público tem sido magnífica. E eu limito-me a interpretar canções que andaram na boca de toda a gente: «Lado a lado», «De degrau em degrau». Tenho especial predilecção pela dupla Nóbrega e Sousa-Jerónimo Bragança. Foram autênticos fabricantes de êxitos há alguns anos atrás.

Suzy que pensa agora demorar-se entre nós projecta a gravação de algumas das canções antigas que interpreta na «Tágide», embora com novos arranjos orquestrais.

Durante nove anos actuou em Espanha — Rádio, TV e «boite» de algumas das maiores cidades do país vizinho. Gravou para a «Movieplay» melo-

dias internacionais. Preferiu, porém, as canções portuguesas e a razão explica-se: Suzy é nossa compatriota (chama-se efectivamente Susana e pretende recordar para os frequentadores da «Tágide» algumas das melodias que maior êxito alcançaram entre nós.

OS DA «TÁGIDE» CHUTAM BEM

No terceiro encontro, necessário por anteriores empates (1-1 e 2-2), a «Tágide» venceu a «Adega Mesquita» por 3-2, conquistando assim a «Taça Sumol», instituída por essa empresa. Ao jogo seguiu-se um almoço de confraternização dos elementos das equipas que à noite cantaram, tocaram e

serviram a acusar um pouco o esforço físico exigido pelo encontro. A equipa da «Tágide» tem contado por vitórias os encontros realizados pelos estabelecimentos congêneres. A série foi interrompida pelos empates com a «Adega Mesquita» que viriam a exigir terceiro jogo de que a «Tágide» saiu vencedora.

OPERA E FOLCLORE ...NO MARIA VITÓRIA

O facto, segundo parece, é inédito. Com efeito, os empresários Vasco Morgado e Giuseppe Bastos decidiram integrar na nova revista «Cala-te Boca» destinada ao Maria Vitória, trechos de ópera e de folclore (genuíno). Para isso, foram contratadas a cantora Suzete Dinis e a cançonetista Júlia Babo que já iniciaram os respectivos ensaios.

Os números, segundo nos revelaram, vão ser momentos de grande espectáculo na nova revista a subir (em breve) à cena no Parque Mayer.



Maria da Fé: «Menina» com sabor a lido

MARIA DA FÉ: «MENINA» DIFERENTE

Os programas de rádio de maior audiência estão já a rodar uma nova interpretação de Maria da Fé. Trata-se da canção «Menina» (Nuno Nazaré

Fernandes-José Carlos Ary dos Santos) recente vencedora do Festival TV da Canção e participante no Festival da Eurovisão. A gravação, realizada na última segunda-feira nos estúdios da organização Valentim de Carvalho, em Paço de Arcos, permitiu uma prensagem ultrarápida. Assim, o disco, editado pela etiqueta «Estúdios» está já a ouvir-se na rádio e também à venda — caso pouco vulgar no nosso acanhado meio (dito) artístico.

«Menina» surge diferente na voz de Maria da Fé: tem um «toque» de fado e com acompanhamentos de guitarras (António Chaimó e Manuel Mendes) e de violas (José Maria Nóbrega e Raul Silva).

Para breve, como aliás já noticiámos, Maria da Fé gravará novo disco, com poemas de Ary dos Santos e de Torquato da Luz, nosso prezado camarada de redacção.

Com «Menina» foram incluídos «Alfama» (Torquato da Luz), «Meu nome baila no vento» e «Fado que me prende a esta vida» (Fezas Vital).

NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS

■ **ARTUR RIBEIRO**, autor de alguns dos maiores êxitos populares de que «A Rosinha dos Limões» é exemplo, voltou a gravar mas desta vez como intérprete das suas próprias composições de parceria com Rocha Oliveira e José Maria Antunes. Títulos registados: «Quem tem Eusébio», o «Sol virá», «Sou de Portugal» e «Cachopa do Minho». O disco foi editado pela etiqueta «Tagus» e está já à venda com distribuição promovida pela «Tecla».

■ J-4 é a designação do novo conjunto da «Tágide» constituído por quatro jovens: José de Sousa (Zeca), bateria; José Manuel, guitarra eléctrica; José António, sax.; e José Lourenço, órgão. Como

vocalista, António Alvarinho.

■ **JOSÉ MARIA**, jovem intérprete do fado, gravou o primeiro disco editado por uma das etiquetas da organização Valentim de Carvalho. Nele estão incluídos: «Rosa do Norte», «O Ardina», «Bairro Alto» e «Recordações dum velho fadista».

■ **JOSÉ MANUEL OSÓRIO**, revelado em disco muito recentemente, está integrado no «show» da «Tágide».

■ **PEDRO CORREIA BRITO**, jovem intérprete nortenho, gravou para a «Decca» o seu primeiro disco, para o qual compôs todas as melodias.

Títulos registados: «Cinzas de amigos», «Encontro», «Alegria» e «Since you were gone».

■ **ANTÓNIO RIOS**, nasceu em Lisboa, em Maio de 1947. Foi, porém, agora revelado em disco pela organização Valentim de Carvalho. É autor de duas canções sendo as restantes versões de dois êxitos de Engelbert Humperdinck e Claudio Villa. Títulos: «Inverno, mundo de Amor» (Winter world of love), «Ontem alguém hoje ninguém» «O teu mundo» (Il tuo mundo) e «Amor volta».

■ **Fábulas de La Fontaine**, em adaptações de Andrade e Silva, foram agora gravadas em disco (e editadas pela etiqueta «Estúdio»). Na gravação

participaram Maria José, Saudade dos Santos, Júlia Chaves e Graça Vitória, Andrade e Silva e Edmundo Falé. O disco tem direcção musical de Rocha Oliveira, autor também as melodias que servem de fundo e versos de Andrade e Silva. Fábulas escolhidas: «A Raposa e as uvas», «O Pastor mentiroso», «O cavalo e o leão», «O lobo e o cordeiro».

■ A «Adega Mesquita» incluiu no seu espectáculo, em cujo elenco se integram Fernanda Pinto, Amélia Proença, Francisco Martinho, Alcindo de Carvalho, o grande guitarrista Jaime Santos e o violão António Proença, números de folclore por um conjunto dirigido pelo acordeonista Túlio Perei-

ra. O agrupamento denomina-se «Beleza de Portugal» e interpreta trechos de folclore de várias províncias.

■ **Maria Fernanda Rodrigues**, acompanhada por um conjunto constituído por Raul Nery e António Chaimó (guitarras) e José Maria Nóbrega (viola) gravou novo disco (para a etiqueta «Estúdio»). Os trechos incluídos: «Minto» (João Nobre-Vasconcelos e Sá); «Fado da Ponta Unha» (Raul Portela-Fernando Santos-Xavier de Magalhães-Almeida Amaral e Fernando Ayllá); «O nosso Amor» (José Maria Nóbrega-Luís Alcaría) e «Fado da Idanha» (José António Sabrosa-Borges de Sousa).

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam Sérgio Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elzete Cascais. Tocar: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00. R. das Taipas 14. Tele 327256.

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 (a noite). Consumo mínimo 40\$00—Av. Marginal, 21-22 (Dafundo). Tele 213259. Encerra às quartas-feiras.

MIL E UM

cantam Henrique Manuel, António do Rosário, Zila Maria, Fernando Machado, Maria Eva, Fernando Silva, Adriano Franco, José de Barros, Artur dos Santos e José Campello. Tocar: Almeida, Alves e Joaquim Pinto. Consumo mínimo 40\$00. Travessa da Espera 8 — tel. 35464. Encerra às 5 da madrugada.

O FORCADO

cantam António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel

Silva e João Vaz. Tocar: Acácio Gomes e Miguel Silva. Consumo mínimo 40\$00. Rua da Rosa, 219. Tele 368579.

TAVERNA DO EMBUCADO

Elenco: João Ferreira, Rosa V. cente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocar: Fontes Rocha, José Luís Nóbrega Costa, Pedro Leão. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90\$00. Beco dos Cortumes 10. Tele 860816.

LAR PORTUGUÊS

cantam José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocar: Acácio Gomes e Amadeu Ramir. Folclore pelo Conjunto Típico do Lar Português. Consumo mínimo 50\$00. R. da Barroca 133. Telef. 369760 e 30532. Encerra às terças-feiras.

LUSO

Elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Emília, Dáte Mendes, Pílvia Sérgio (em fados de Coimbra), Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola).

lar. Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Travessa da Queimada, 10-16. Telef. 362889-328503.

ADEGA MACHADO

cantam Esmeralda Amadeo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Tino Araújo. Fandango pelo Grupo de Vão Francisco de Xira. Consumo mínimo 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra às segundas-feiras.

TIMPANAS

cantam: Tino Odemira, João Fer-

nando, Emilio Reis, Luis Braga e Benedita Cruz. Tocar: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por J. M. Barreiros. Consumo mínimo 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Reis 24. Telefones 676655-672431.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença; conjunto típico dirigido por Tulo Pereira. Rua Diário de Notícias, 107. Telefone 328307. Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pós-jazz e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis 51-A. Tele 775695.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada

Marquês de Abrantes, 64-66. Telefone 667264.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante. Av. Marechal Carmona 2 — Campo Grande. Tele 790177. Encerra às 3.30 horas.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maximo. «Show» turístico. Va-

riedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Tele 55366.

vá jantar ou cear A FURNA
Rua Ferreira Lapa, 380
a duque de Loulé, Lisboa

BARBARELA

Rua de Alameda, 18 (Bairro Alto). Tele 367136. Encerra às 3 horas.

TAMILA

Morreu e 57. Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube. Últimas novidades em disco recebidas directamente dos E. U. A e Inglaterra. Rua D. Filipe de Vilhena, 6-D. Tele 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Tele 48384. Concl. Hélder Reis. Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Tele 530171.

BANCO DA AGRICULTURA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL E RESERVAS: 145 500 CONTOS

SEDE: Rua da Assunção, 74 — LISBOA

RELATÓRIO E CONTAS — 1970 RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Em conformidade com a lei e os Estatutos do Banco vimos apresentar a examinação e votação da Assembleia Geral o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício encerrado em 31 de Dezembro de 1970, previamente submetidos ao nosso Conselho Fiscal nos termos da nova legislação sobre sociedades anónimas.

Durante o ano findo continuou a acentuar-se o crescimento e consolidação do Banco da Agricultura, embora em conjuntura de custo sensivelmente agravada por novos condicionamentos em matéria financeira.

Na verdade, no decurso do exercício findo verifica-se um novo e alentador acréscimo dos depósitos, bem revelador da vitalidade da nossa instituição e da confiança cada vez maior que o público nela deposita.

Estes meios que nos têm sido confiados temos procurado canalizá-los, dentro dos critérios de selectividade superiormente definidos, para aplicações que se integram no processo de crescimento económico do País que urge rapidamente acelerar. Assim, foi incrementado o apoio às actividades mais significativas para a consecução daqueles objectivos e, muito em especial, as indústrias exportadoras, e bem assim às importações de bens de equipamento. No entanto, por virtude das novas disposições legais sobre taxas de juros referentes a operações activas e passivas, as inversões efectuadas em Carteira Comercial e Contas Caucionadas, embora com aumento global superior a 30 %, processaram-se com margem operacional sensivelmente mais reduzida.

Relativamente ao exercício de 1970, é ainda de atentar ao sensível acréscimo de encargos com o pessoal — cerca de 40 % —, que tem como contrapartida os benefícios concedidos pelo novo contrato colectivo de trabalho.

Impunha-se e impõe-se à Administração, por isso, um esforço urgente e ordenado no sentido de racionalizar as despesas de modo compatível com o crescimento do Banco. Esse esforço está sendo coroado de êxito, mas não pode ter-se por findo, pois além do mais é de esperar que se verifique ainda novo e substancial aumento de encargos.

A falta de número suficiente de agências, quando as não encontra ainda completa a cobertura bancária do País, continua a ser obstáculo para uma maior aceleração no desenvolvimento do Banco, que desta forma se vê impossibilitado de se realizar em zonas de maior interesse para a sua actividade.

Por todas estas razões, convém aos interesses do Banco continuar ou mesmo acentuar o critério de prudência que se tem usado na aplicação dos resultados líquidos, consolidando todos os factores inerentes a uma avisada segurança com o funcionamento das instituições bancárias.

Ainda no ano de 1970, e de acordo com o disposto na alínea b) do § 3.º do Artigo 19.º dos Estatutos, o Conselho Geral chamou para o Conselho de Administração o acção-

nista Senhor Dr. Alberto Maurício de Carvalho Neto, que desempenhava as funções de Director-Geral, nas quais demonstrou a sua grande experiência e saber, e que tomou posse em Janeiro do corrente ano. A designação do Conselho Geral é agora submetida à ratificação da Assembleia Geral, para o triénio em curso.

O resultado líquido do exercício depois de feitas as amortizações e provisões adequadas eleva-se a 16 829 779\$32
a qual, acrescido do saldo do ano anterior 140 761\$00
soma o total de 16 970 540\$32

1) Deduções, legal e estatutárias:
Para Fundo de Reserva Legal 2 000 000\$00
Para cumprimento do § 3.º do art.º 13.º
e do art.º 17.º dos Estatutos 1 344 194\$00
Disponível 13 626 346\$32

2) Para aplicação do resultado disponível pela Assembleia Geral, depois de ouvido o Conselho Geral, propomos:
Para dividendo 6 000 000\$00
Para outros Fundos de Reserva 7 500 000\$00
Para conta nova 126 346\$32
13 626 346\$32

Os resultados obtidos são fruto da perene e confiante colaboração de todo o pessoal. O Conselho de Administração reconhece o importante contributo prestado à gestão do Banco pelos membros da Direcção, Gerentes e Procuradores, e tanto agradece como louva o labor disciplinado e eficiente de todos os empregados e correspondentes.

Cumprimos, por fim, o grato prazer de manifestar o nosso maior apreço aos Senhores Presidente e Vice-Presidente da Assembleia Geral e aos Senhores Presidente e Vogais do Conselho Fiscal, cujo auxílio e conselho foram para a Administração de bod\$ 1

Lisboa, 20 de Janeiro de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel da Cruz Filipe — Presidente
Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — Vice-Presidente
Alfredo Maria Praça Cunhal
António Correia de Sampaio Castelo Branco
José António Fernandes Soares
Paulo Melero Sendim
Rafael Termes Carreró

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO

DISPONIVEL E REALIZAVEL

Caixa e depósito no Banco de Portugal	457 477 039\$74		
Depósitos noutras instituições de crédito	171 020 846\$00		
Promissórias de Fomento Nacional	43 000 000\$00	671 497 885\$76	
Correspondentes no estrangeiro	185 784 833\$81		
Ouro, moedas e notas diversas	5 132 778\$13		
Carteira de títulos e cupões	40 551 535\$00		
Carteira comercial	2 324 422 608\$99		
Letras sobre o estrangeiro	73 961 636\$98		
Correspondentes no País	20 340 265\$70		
Empréstimos e c/ correntes cau-			
nados	145 746 880\$24		
Devedores e credores	118 055 571\$88		
Empréstimos a mais de um ano	8 783 347\$21		
Outros valores realizáveis	2 432 273\$77	2 925 221 731\$71	3 506 719 617\$47

IMOBILIZADO

Participações financeiras		22 745 743\$10	
Imóveis	14 250 000\$00		
Amortização (a deduzir)	5 384 048\$12	8 865 951\$88	
Imobilizações diversas		18 175 575\$25	49 787 270\$23

OUTRAS CONTAS DO ACTIVO

Contas diversas		46 525 712\$05	
		3 693 032 599\$75	

CONTAS DE ORDEM

Valores de conta alheia		562 345 577\$31	
Valores recebidos em caução		1 228 893 167\$31	
Devedores por garantias e avais			
prestados	456 526 904\$73		
Devedores por aceites	929 801 484 \$70		
Devedores por créditos abertos	32 266 683\$78	1 418 595 073\$21	
Outras contas de ordem		246 672 668\$05	3 456 506 485\$88
			7 149 539 085\$63

PASSIVO

EXIGIVEL

Depósitos à ordem — Moeda nacional	1 309 266 832\$85		
Depósitos à ordem — Moeda estrangeira	4 303 670\$87		
Depósitos com pré-aviso — Moeda nacional	24 800 219\$90		
Depósitos a prazo — Moeda nacional	1 943 806 964\$89	3 282 177 688\$51	
Cheques e ordens a pagar	86 726 125\$75		
Exigibilidades diversas	3 666 788\$91		
Correspondentes no País	11 131 167\$39		
Empréstimos e c/ correntes cau-			
nados	5 456 139\$39		
Devedores e credores	31 038 414\$79	138 068 636\$23	3 420 246 324\$74

NAO EXIGIVEL

Contas diversas e provisões			119 815 734\$69
------------------------------------	--	--	-----------------

CAPITAL E RESERVAS

Capital	100 000 000\$00		
Fundo de reserva legal	12 000 000\$00		
Reserva de reavaliação	1 133 661\$00		
Outros fundos de reserva	22 866 339\$00		136 000 000\$00

RESULTADOS

Lucros e perdas			
Saldo do exercício anterior	140 761\$00		
Resultados do exercício	16 829 779\$32		16 970 540\$32
			3 693 032 599\$75

CONTAS DE ORDEM

Credores por valores de conta alheia		562 345 577\$31	
Credores por valores recebidos em caução		1 228 893 167\$31	
Garantias e avais prestados	456 526 904\$73		
Aceites	929 801 484\$70		
Créditos abertos	32 266 683\$78	1 418 595 073\$21	
Outras contas de ordem		246 672 668\$05	3 456 506 485\$88
			7 149 539 085\$63

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel da Cruz Filipe — Presidente
Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — Vice-Presidente
Alfredo Maria Praça Cunhal
António Correia de Sampaio Castelo Branco
José António Fernandes Soares
Paulo Melero Sendim
Rafael Termes Carreró

O Director da Contabilidade

Enrico de Campos e Silva Dias

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITOS

Juros e comissões a nosso cargo	79 760 603\$16		
Contribuições e impostos	5 970 508\$40		
Despesa com o pessoal	56 511 107\$34		
Despesas gerais	21 497 245 \$54		
Encargos diversos	83 721\$33		
Provisões e amortizações	17 640 652\$11	181 463 837\$88	
Saldo		16 970 540\$32	
		198 434 378\$20	

CREDITOS

Saldo do exercício anterior			140 761\$00
Juros e comissões a nosso favor	175 914 414\$54		
Resultados em operações cambiais e sobre títulos	17 711 902\$95		
Rendimento de títulos de crédito	1 560 657\$39		
Outros rendimentos, receitas e lucros	3 106 642\$32	198 293 617\$20	
			198 434 378\$20

O Director da Contabilidade

Enrico de Campos e Silva Dias

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel da Cruz Filipe — Presidente
Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — Vice-Presidente
Alfredo Maria Praça Cunhal
António Correia de Sampaio Castelo Branco
José António Fernandes Soares
Paulo Melero Sendim
Rafael Termes Carreró

(Continua na página seguinte)

Tribuna livre

A CIDADE DA GUARDA

(CAPITAL DO TURISMO AUTOMÓVEL)

NÃO DISPÕE DE COMUNICAÇÕES EFICIENTES COM O INTERIOR DO PAÍS

O novo plano rodoviário já muito comentado e em vias de adjudicação, votou ao esquecimento uma zona, que pelas suas incêndias no turismo nacional, a partir da fronteira de Vilar Formoso, bem merece que os responsáveis revejam uma posição que se nos afigura obsoleta e asfixiante.

Não negamos a necessidade de abrir as auto-estradas estudadas, particularmente o troço crucial Lisboa-Ponte de Vilar Formoso-Guarda-Coimbra, a entroncar com a auto-estrada Lisboa-Ponte.

As vias de comunicações são hoje os polos vitais das localidades, o coração e os pulmões do seu desenvolvimento socioeconómico.

As Beiras desovoadas pela emigração em "massas", empobrecidas pela saída dos valores humanos retalhados pela análoga situação dos lavradores em "minifundiários", e esvaziadas sómente de uma industrialização a saturar zonas de privilégio, continuam no atraso das suas gentes, sem energia, sem ânsia sem escolas e sem vias

de comunicação, não podem perder a corrida das comunicações com os grandes centros, sob pena de vermos esta asfixia lenta transformar-se em morte prematura.

A economia de um povo não pode equilibrar-se com os investimentos parcelados em regiões já favorecidas. O todo que integra a Nação necessita equitativamente da distribuição de benesses e, particularmente de chegar em si todas as parcelas desse todo, para contrariar o desequilíbrio.

O trânsito internacional pela Estrada da Beira

A situação da região guardense, tão magra de recursos quanto desprotegida não poderá ser no olvido, pois para além do belo selvagem dos seus penhascos graníticos, das suas magras beiras verdejantes, em equilíbrio prodigioso pelas serranias, tem gado e continuará por certo, a ser caminhar penoso para sessenta por cento de automobilistas que demandam Portugal e que não querem voltar, enquanto durar o martírio aterrador das mais curvas sinuosas e irregulares curvas que, mal dimensiona-

das, alongam o caminho que deveria ligar, em condições de segurança, a Guarda com Coimbra.

A Estrada da Beira, aca-nhada para o trânsito normal, vem-se tornando, dia após dia, obsoleta e ultrapassada, pois é a escolha da maioria dos camións dos transportes internacionais, que quotidianamente vão, também, ficando pelo caminho, semeando o pavor e o desânimo de mistura com a má propaganda da região beira.

Rem sabemos que, modernamente, se insiste na concentração demográfica e se vão condenando os meios de fracos réditos e poucos recursos a um empobrecimento ainda mais absorvente. Mas não será que aqueles que ainda lutam pela sobrevivência de um povo quem as Beiras encontrou os grandes sustos da sua hegemonia pluricontinental sejam alertados por quem de direito para poderem abandonar a tempo de salvação uma namorada da Pátria Lusa que jamais deixará de chamar a injustiça dos homens enquanto to justiça lhe não for feita

MADEIRA GRILLO

BANCO DA AGRICULTURA

(Continuação da página anterior)

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Acionistas:

Dentro do prazo que a lei estabelece foi apresentado ao Conselho Fiscal do Banco o relatório do Conselho de Administração, acompanhado do balanço e conta de resultados, ou de ganhos e perdas, além dos inventários em que aqueles se alicerçam. Vem aditado ainda com a proposta de aplicação dos resultados, a levar à consideração e aprova da Assembleia Geral.

Em conformidade com as disposições da lei e dos estatutos, cumpre-nos elaborar o parecer respectivo, o que fazemos depois de devidamente apreciados os documentos em causa.

O relatório e contas do Conselho de Administração, são, de per si, ao que entendemos, elucidativos quanto à sólida posição do Banco da Agricultura, conseqüente da superior actuação dos seus Administradores. Adoptou-se uma orientação prudente e baseada nos moldes que mais convêm ao exercício da indústria bancária, como o mesmo relatório e contas revelam, digna do nosso aplauso.

Em particular cumpre-nos referir que:

- 1.º — A contabilidade, o Balanço e as Contas de Resultados satisfazem, não apenas os objectivos implícitos nas disposições estatutárias e legais vigentes, como ainda as exigências expressas nessas mesmas disposições;
 - 2.º — Mensalmente, acompanhou este Conselho a evolução e arrumação dos elementos contabilísticos, para cuja análise foram sempre exibidos os respectivos documentos de suporte, e prestados todos os esclarecimentos tidos por convenientes;
 - 3.º — Ao longo do exercício teve este Conselho a oportunidade de certificar, com a possível frequência, a extensão das existências mais características, designadamente as correspondentes às rubricas «caixa», «carteira de títulos», «cupões» e «títulos depositados»;
 - 4.º — Os valores evidenciados no Balanço do Banco e correspondentes a ouro amoldado ou em barra, a moedas e notas estrangeiras, a disponibilidades e responsabilidades em moeda estrangeira e a títulos integrados na sua carteira, assentam rigorosamente nos critérios valorimétricos estabelecidos pela legislação em vigor.
- Relativamente a todas as demais classes patrimoniais, foram adoptados os critérios correntes ou tidos por mais convenientes para uma correcta avaliação do património do Banco e dos emergentes resultados.

Temos, pois, a honra de propor:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório e Contas do Conselho de Administração;
- 2.º — Que os resultados tenham a aplicação proposta pelo Conselho;
- 3.º — Que seja aprovado um voto de louvor ao Conselho de Administração, extensivo a todos os colaboradores nas actividades do Banco.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1971.

O CONSELHO FISCAL

Alberto Jordão Marques da Costa

Em representação de

A PÁTRIA, Companhia Alentiana de Seguros

Fernando José Salazar Garcia

António Resende Valadas Fernandes



«As mulheres têm o mesmo direito que os homens de apreciar inteiramente o sexo» — afirma Adelina Tattilo (à direita, na foto)

EPIDEMIA DE TIFO NA REGIÃO DE CANTANHEDE

CANTANHEDE, 5 — No laboratório de análises clínicas do hospital desta vila, foram diagnosticados 180 casos de tifo, nos meses de Janeiro e Fevereiro.

Nas freguesias de Cantanhede, Pelizes e Cadima apareceram novos casos de tifo. Naturalmente que o facto está a causar preocupações à população e autoridades.

A visita pascal será feita à margem da tradição

COIMBRA, 9 — Na Igreja de Santa Cruz houve uma reunião promovida pelo Conselho Paroquial, na qual tomaram parte mais de duas centenas e meia de pessoas, para conhecimento das conclusões de estudo do problema da visita pascal, considerando uma necessária renovação do sistema tradicional.

Os temas apresentados revestiram-se de muito interesse e foram sugeridas diversas práticas para essa renovação, que agora vão ser estudadas, mas já foi deliberada a eliminação da visita pascal nos moldes tradicionais, devendo oportunamente convocar-se nova assembleia para a apresentação das conclusões definitivas, ainda para pôr em prática este ano e a servir nos anos futuros.

Novos dirigentes dos Bombeiros Voluntários de Pinhal Novo

PINHAL NOVO, 9 — Foram eleitos, em reunião da assembleia geral, os novos corpos gerentes da benemérita corporação local dos Bombeiros Voluntários, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — Alvaro da Costa Tavares, presidente; Augusto Baltasar e António Jacob A. Franco.

Direcção — Dr. Manuel Veríssimo da Silva, presidente; Rui da Costa Xavier, Carlos Carriço do Nascimento, Augusto Jorge Martins Duarte, Amílcar Carvalho O. Parreira, Custódio de Jesus Oliveira e Aníbal Guerreiro de Sousa.

Conselho Fiscal — Manuel Modesto Cravinho, presidente; Francisco Pinheiro Pimentel e José Joaquim Endeço.

Forma de pagamento dos técnicos de contas

Uma comissão formada no âmbito do Sindicato dos Profissionais de Escritório, do Distrito de Lisboa e constituída pelos srs. Fernando Quintais, Piedade de Sousa, Ferreira Casanova, Cunha Rosa, Mendes Valada, Mariette Silva Barroca e Moreira Afonso (secretário) estuda a forma de pagamento dos técnicos de contas, conforme exerçam

a sua actividade em «full-time», «part-time» ou regime livre; o modo de acautelar os interesses da classe, em face das responsabilidades crescentes que lhe são adstritas e a inserção de clausulado especial nas convenções colectivas de trabalho, em negociação ou estudo pelo Sindicato, no sentido de se encontrar a melhor maneira de defender os interesses daqueles técnicos.

MIL E DUZENTOS CONTOS

(SÓ EM TELEFONEMAS LISBOA/LONDRES)

CUSTOU A GREVE DOS CORREIOS BRITÂNICOS

Agora que terminou a greve dos Correios ingleses e estão em vias de cessar os seus efeitos práticos, vale a pena referirmos alguns episódios postais deste último mês das relações de comércio entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Sendo difícil manter o correio regular entre as empresas de cá e de lá, criaram-se artifícios de comunicação, descobriram-se processos de corresponder, inventaram-se precursos de ligação possível. Mais demorada, a vida movida por interesses comerciais, contudo, não parou.

Além do telefone que tocou mais vezes e do telex que se manteve quase em permanente ligação, arranjaram-se os correios privados — verdadeiros postilhões a jacto montando milhares de cavalos.

OS NÚMEROS

Mas, para já, falemos dos números, cedidos pelos C. T. T. já que telefones e telex

estiveram, na emergência, particularmente activos.

Para termos outros termos de comparação, referimos o número de minutos que foram utilizados, ao telefone, entre Portugal e o Reino Unido, desde o mês de Novembro de 1970.

Eis-los: Novembro, 39 400 minutos; Dezembro, 41 500; Janeiro, 47 500; Fevereiro, 55 500. Note-se que Fevereiro, um mês de 28 dias, excedeu, em tudo, os pacatos meses de 30 e 31 dias do

fim e do começo do ano. Valem a pena acrescentar que esta conversa para inglês ouvir correspondeu a 925 horas e 38 dias e meio!

Façamos a conversão em escudos, já que uma chamada Lisboa-Londres (que tomamos como regra) sai a 28\$00 o minuto: portanto Portugal falou com o Reino Unido, durante o mês da greve, muito para cima de mil e duzentos contos.

Quem fizer outras contas verá que Portugal falou, por dia, cerca de 33 horas com a Grã-Bretanha.

OS TELEXES

Outro serviço de grande movimento foi o dos telexes, cujo escoamento de tráfego, do mesmo modo que o dos telefones, aumentou deveras.

Em números, desde o mês de Novembro, a coisa passou-se assim: Novembro, 55 600 minutos; Dezembro, 51 200; Janeiro 63 700; Fevereiro, 75 800.

Ora, Lisboa-Londres, em telex, cobra 12\$00 por minuto, o que passa para a verba de 90\$ 600\$00 a utilização paga aos C. T. T., durante Fevereiro, por essa via de comunicação. E aqui está a greve dos Correios ingleses a aumentar largamente o número de horas e de custo dos telex entre o cá e o lá.

Naturalmente que, nestes serviços de telex e telefone, há um outro elemento (além do custo) que pesa no orçamento dos utentes: Referimo-nos ao tempo de espera e, sobre isso, podemos dizer que um telefonema Lisboa-Londres, por exemplo, que, antes da greve demorava a um quarto de hora, passou a ter a espera de uma amanhã ou uma tarde inteira.

CORRESPONDENCIA

Claro que, durante todo o tempo de greve (agora em fim de festa) a correspondência entre firmas comer-

ciais não deixou de se efectuar, mas, é evidente, por via indirecta.

São conhecidos os Correios Privados que, saindo da Grã-Bretanha iam estampilhar, para os mais diversos destinos, grande volume de cartas. Havia o Correio de Paris, o de Bruxelas, o de Rotterdam, o de Zurique e o de Dublin. Mas, para trazer cartas e manda-las para o Mundo, qualquer voluntário, de qualquer carreira, servia.

Ainda há dias, a uma firma portuguesa chegou um desses postilhões a jacto. Era um homem que vinha passar uns dias a Portugal e a quem no aeroporto de

Londres, cometeram o encargo de trazer correspondência para selar em Lisboa e seguir para novos destinos.

O curioso é que o volume de cartas em trânsito era tão grande que só em estampilhas consumiu mais de um conto de selos.

Há ainda o caso (conhecido) de um funcionário da Embaixada Britânica em Lisboa que, tendo família em Londres, recebeu (deles) uma carta vinda de Hamburgo. Remeteu-a alguém que lá (á Alemanha) chegou com um maço de cartas passadas à greve que, agora, termina, voltando (quem sabe?) tudo à normalidade.

RASTREIOS DE TUBERCULOSE NAS UNIVERSIDADES

Avisam-se os estudantes que por motivos justificados, não realizaram, nos dias que lhes haviam sido especialmente destinados os rastreios de que poderão efectuar os mesmos, igualmente na sede dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, das 9 às

12 e 30, de harmonia com o seguinte calendário:

Faculdade de Ciências, hoje; Faculdade de Direito, 8 e 9; Faculdade de Farmácia 10; Faculdade de Letras, 11, 12, 13 e 15; Faculdade de Medicina, 16 e 17; Instituto Superior de Agronomia, 18; Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, 19, 20, 22 e 23; Instituto Superior Técnico, 24, 25, 26 e 27; Escola Superior de Medicina Veterinária, 29; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarina, 30; Escola Superior de Belas-Artes, 31.

OS LADRÕES DO OURO VOLTARAM À CARGA

PINHAL NOVO, 9 — Teve agora a sua «segunda edição» o assalto a uma ourivesaria desta localidade: pelo mesmo processo, os ladrões «visitaram» a agência «Ómega» no Montijo.

Não ficaram por aí, porém, pois presume-se que tenham sido os mesmos dois indivíduos quem, na Baixa da Banheira, furtou de cima da bicicleta do ourives sr. Manuel da Silva Ribeiro, ali estabelecido uma pasta contendo 30 relógios e outras peças no valor total de 28 contos.

O caso vai ser hoje entregue à Polícia Judiciária.

AS REGIÕES ITALIANAS

A dr.^a Primula Viggiano de Pina Martins falará sobre a região do Trentino — Alto Adige, no Instituto Italiano de Cultura (Rua do Salitre, 146), amanhã, às 18 e 45.

A palestra será ilustrada com diapositivos e filmes do E. N. I. T. e com o filme «Dolomiti» de Carlo Erba. A entrada é livre.

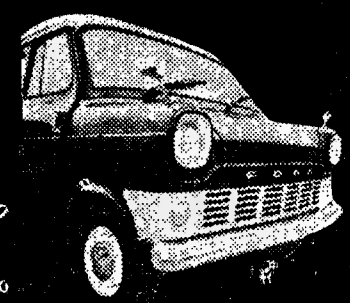
O DIA NO SERVIÇO D

COIMBRA, 8 — No Regimento de Serviço de Saúde celebrou-se hoje o «Dia da Unidade». As cerimónias

meça
mar.
sr. g
a qu
honr
Na
dade
mens
Servi
comb
neio
reir
tel.
Na
dos
moço
qual
e ac
gume
Um
para
futeb
equi



As telefonistas da «Internacional» tiveram excepcional volume de serviço



CONCESSIONARIOS

modelos a gasolina
e gasoil

Ford Transit

nas versões FURGÃO e MISTAS até 9 lugares



STAND MODERNO

Rua João Saraiva, 15 — LISBOA (Alvalade). Telef. 71 10 65

(10 linhas)

Salão de Exposição: Avenida Fontes Pereira de Melo, 15 - A

e concelhos de: CASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA

e VILA FRANCA DE XIRA

A ENSINAR ADULTOS

AS REGENTES ESCOLARES
E O ENSINO DE ADULTOS

Da sr.^a D. Maria L. Gonçalves, de Alê, recebemos a seguinte carta:

«Li um artigo, no vosso jornal, referente a uma carta que vos foi dirigida pelo pároco de Alê. Venho associar-me a tão justa opinião sobre a actual situação das regentes escolares. Mas não só na Guarda...

Durante perto de vinte e dois anos exerci igual cargo de regente, no distrito de Lisboa. Levei, anos sucessivos, alunos da 4.^a classe a exame. Só tive uma reprovção na 3.^a classe e outra na 4.^a. Comecei, como muitas colegas, com uma minoria de gratificação e sempre maioria de pouco aprego. Nunca foi bem vista a nossa missão e afinal tanto temos trabalhado para formar

almas e alicerces de intelectualidades.

Estive algumas vezes trabalhando em comissão por ter o 5.^o ano liceal e bons aproveitamentos, mas a situação era desesperante, tanto mais que havia absoluta necessidade de ajudar na manutenção dum lar, com quatro filhotos, mãe quase cega e ordenado de marido também diminuto. Nunca ganhei mais que 600\$00 mensais e só nos meses de serviço, trabalhando após três ou quatro dias de parto, num esforço titânico onde havia muito de aprego pelo cargo que exercia e muito aprego pelo Governo e pelo dr. Oliveira Salazar, o que me levava a pensar que era impossível acudir a todos os problemas de Estado.

Bem... trabalhando em co-

missão ganhava mais... mas isso aconteceu tão raras vezes...

Meus filhos cresceram, empregaram-se, mas as vicissitudes continuaram, com doenças, com inúmeros problemas até.

Criou-se perto donde moro um Curso Nocturno de Adultos. Com desesperante boa vontade o tenho regido há anos. Centenas já de alunos leccionei, muitos deles já têm seus diplomas de 2.^o grau.

Gratificação oficial mensal? 290\$00, durante sete meses apenas. Será justo?

Dirão: «certamente recebem mais dos alunos» 100\$00 ou 200\$00 no fim do exame feito? Porque, constando que os cursos são oficiais, todos sabem que são gratuitos, visto nós termos ordenado.

Tenho dado imenso de mim, tal como dizem no vosso jornal, a leccionar tantos filhotos dos outros e até os meus. Tenho prestado sempre justa compreensão ao Estado e ao lugar que ocupo.

Actualmente, já nada tenho a esperar dos vinte e tal anos que ensinei crianças, chegando a ter na aula mais de 40 alunos, com as quatro classes, isto a par duma vida particular cheia de privações.

Agora... há poucos anos regendo cursos de adultos... que benefício ainda posso esperar com 54 anos de idade e a maior parte consagrada a bem da Nação?»

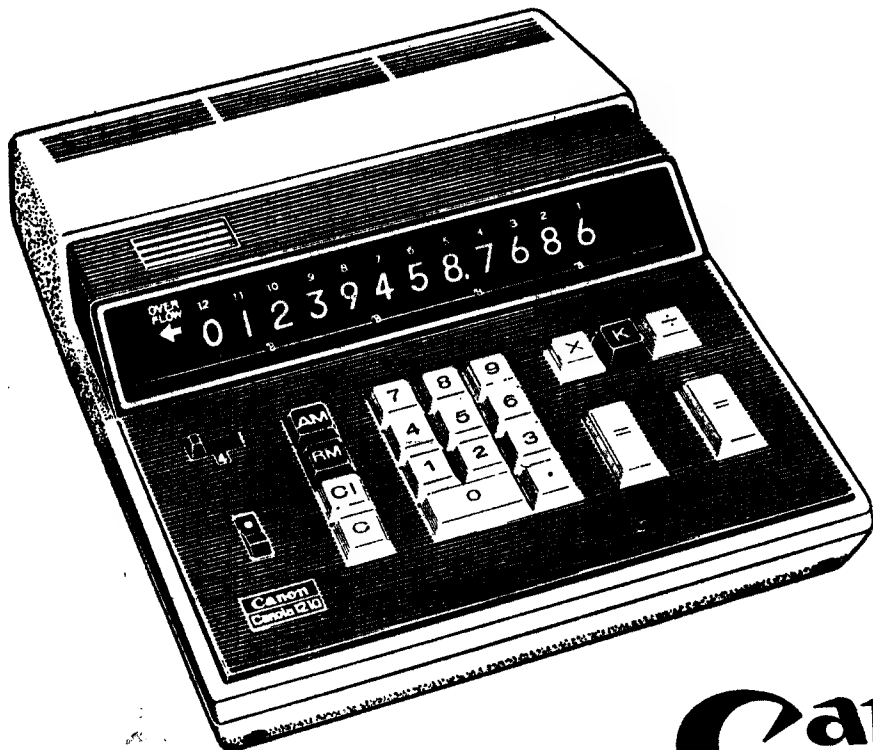
Agora... há poucos anos regendo cursos de adultos... que benefício ainda posso esperar com 54 anos de idade e a maior parte consagrada a bem da Nação?»



Per certo inspirada nos trajes típicos das bailarinas de flamenco, eis uma criação da moda britânica, na linha apresentada para vestidos de noite da próxima colecção de Primavera-Verão. Em organza, começa a estreitar abaixo do joelho de modo a deixar uma discreta cauda. O modelo é de Lachasse

Canon na vanguarda

Qualquer que seja o seu trabalho, encontrará na linha CANON-CANOLA a calculadora electrónica apropriada, 12 a 16 dígitos. Desde máquinas capazes de tratar toda a espécie de problemas gerais de escritório, até às impressoras e programáveis para cálculos científicos. Aquil está o nosso modelo 1210. Uma das calculadoras mais populares em todo o mundo. Sistema de memória. Constante. Cabe numa gaveta. Em todo o mundo, CANON quer dizer o melhor em calculadoras. São as escolhidas pelos peritos. Visite o distribuidor CANON. Consulte-nos e mostrar-lhe-emos os caminhos do futuro.



Canon
Comundo

LISBOA - Comundo Dep. de equip. de esc. - Telef. 53 70 91 * PORTO - Sonipol, SARL - Telef. 2 05 53
COIMBRA - Zume, Lda. - Telef. 2 44 56 * FARO - A Mecanográfica - Telef. 2 22 91

DIA DA UNIDADE DE SAÚDE EM COIMBRA

meçaram pela visita do comandante da Região Militar, sr. general Reimão Nogueira, a quem foram prestadas as honras da ordenança.

Na capela privativa da unidade foi rezada missa em homenagem aos militares dos Serviços de Saúde mortos em combate, seguindo-se um torneio de tiro à pistola, na carreira de tiro reduzido no quartel.

Nas messes dos oficiais e dos sargentos, decorreu o almoço de confraternização, no qual foram convivas antigos e actuais componentes do regimento.

Uma tarde desportiva na parada dos «claustrais», incluiu futebol de salão entre uma equipa de praças do Q.P. e

outra do E.R. e uma de actuais e outra de antigos oficiais. A noite, haverá um serão recreativo.

Faqueiros de Prata

TODOS OS ESTILOS
FABRICO ESPECIALIZADO
Ourivesaria PIMENTA
R. AUGUSTA, 255 - LISBOA

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da 1.ª página)

ra decidiram enviar os seus cupões-duplos de identificação devidamente preenchidos. Não repararam, porém, numa particularidade que temos salientado e para que voltamos a chamar a sua atenção: o cupão-duplo deve ser enviado **UMA ÚNICA VEZ**. Muitos leitores nos têm

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deve juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00

remetido mais do que um cupão-duplo. Naturalmente, apenas um dos cupões-duplos será considerado. Exemplifiquemos: em qualquer clube ou associação, os sócios só poderão ter, logicamente, um cartão de identidade. Pois imaginemos que esta iniciativa levada a efeito pelo «Diário de Lisboa» será um grande movimento associativo. Cada leitor participante receberá o seu cartão de identidade e apenas um, que o identificará como leitor do nosso jornal, habilitando-o aos valiosos prémios instituídos.

Insistimos: aque-

les que ainda o não fizeram podem remeter o cupão-duplo de identificação **APENAS UMA VEZ** para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185, 1.º, Lisboa-1, até ao próximo dia 25, data em que, impreteavelmente, termina o prazo de recepção.

Chamamos ainda a atenção dos participantes para a conveniência do preenchimento do cupão-duplo de identificação com letra bem legível, a fim de evitar demoras e, até, extravio do cartão de identidade com o número que os habilitará ao sorteio de valiosos prémios, o primeiro dos quais é

o maior até hoje instituído na história da Imprensa portuguesa: um amplo andar no Parque Residencial e Turístico

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA» Rua Castilho, 185 1.º — Lisboa 1

de Miraflores e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220» com valor total superior a mil contos. Esta iniciativa pode, pois, fazer milionário um leitor do «Diário de Lisboa».

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o tabacaria ou o vendedor a quem entregue o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo este deverá

ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º - Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1\$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio

- se o leitor pretender que lhe seja entregue, pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00 que se destina logicamente a despesas de correio.

- recebido o cupão duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo.
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio

que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.

60 CONFECCÕES «KARIM-SOLA» (PARA HOMEM E SENHORA) SÃO TAMBÉM PRÉMIOS DO NOSSO CONCURSO



60 CONFECCÕES «KARIM-SOLA» SÃO TAMBÉM PRÉMIOS DA NOSSA INICIATIVA. VESTUÁRIO PARA HOMEM E SENHORA EM TODOS OS TIPOS DE MALHA, ESPECIALMENTE DO TIPO ITALIANO «FULLY FASHIONED», COM ACABAMENTO DE LUXO, AS CONFECCÕES «KARIM-SOLA» IMPÕEM-SE NÃO APENAS PELA SUA ALTA QUALIDADE MAS, TAMBÉM, PELO BOM GOSTO DE PADRÕES E MODELOS. FABRICA: AV. R. DO FALCÃO, LOTE R-5. ESCRITÓRIO: AV. DO BRASIL, 134, 1.º-ESQ. — LISBOA

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

N.º _____ (a)

nome _____
morada _____
localidade _____
telefone (b) _____
profissão (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

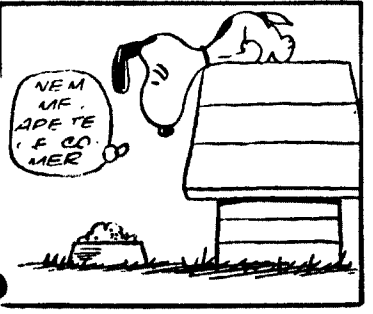
N.º _____ (a)

nome _____
morada _____
localidade _____
telefone (b) _____
profissão (b) _____

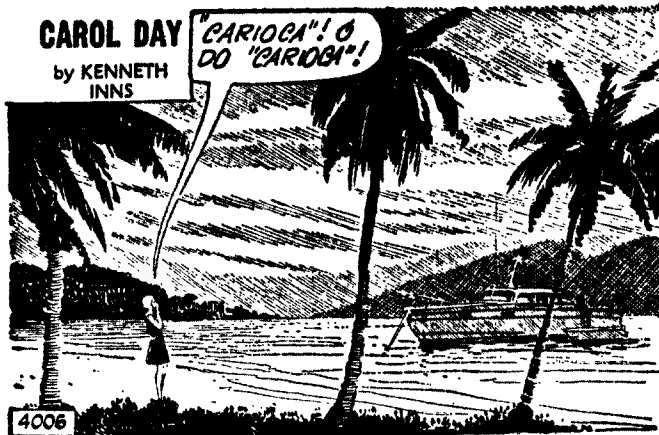
(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Março de 1941 publicava:

«LONDRES, 9 — Durante a noite passada, a capital britânica sofreu o mais violento ataque de Janeiro último. Vagas sucessivas de bombardeiros alemães lançaram centenas de bombas altamente explosivas e incendiárias sobre a cidade de Londres. As baterias de artilharia anti-aérea reagiram energicamente. Os bombeiros e serviços auxiliares trabalharam desafiadamente, e conseguiram localizar os incendiários que deflagraram em diversos pontos da capital britânica.

«Numerosos edifícios de Londres, muito bem conhecidos do público, foram atingidos pelas bombas lançadas pelos aviadores alemães. Muitos desses edifícios ficaram totais ou parcialmente destruídos.»

ALMOÇO DE HOMENAGEM

Na sede da Caixa Sindical de Previdência e dos Tipógrafos, Ligeiros e Ofícios Correlativos, foi comemorado, com um almoço, o dr. Luís Gonzaga Henriques Pereira Cyrne de Castro, presidente da direcção, que, dentro em breve, e a seu pedido, passará à situação de aposentado, depois de ter desempenhado o cargo durante 12 anos.

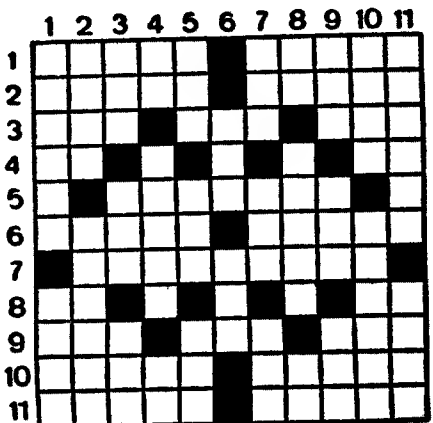
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5827

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9670

HORIZONTAIS: — Antigo peso de prata. Tamonho 2 — Ratoeira. Prendêis com eles. 3 — Apelido. Preposição. Saudáveis. 4 — Cobalto (s. q.). Apelido 5 — Municípios. 6 — Pessoa impertinente (fig.). Asa do nariz. 7 — Fortifica (fig.). 8 — Basta. Mi e cinquenta em romano. 9 — Estava. Rei lendário de Tróia. O caminho, a trilha, a vereda. 10 — Acalentar. Nome das cartas de jogar. 11 — Exportação. Eventualidade.

VERTICAIS: — Feições. Usufruto. 2 — Gorgulho tropical. Lavramo 3 — General de Napoleão. Greda branca. Agência Telegráfica de Imprensa. 4 — Grama. (abrev.) Tão numeroso. Preposição latina que designa movimento. 5 — Duna na Suécia. Origem. Córera. 6 — Pronome pessoal. Um milhão. 7 — Possui. Igual (inv.). Vozia. 8 — Alumnino (s. q.). Significativa. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 9 — Em os. Ente. Marisco de Cabo Verde e do Senegal. 10 — Imãs do pó. Peça móvel com que se tapa um vaso (pl.). 11 — Armação de um edifício. Molesto.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5826

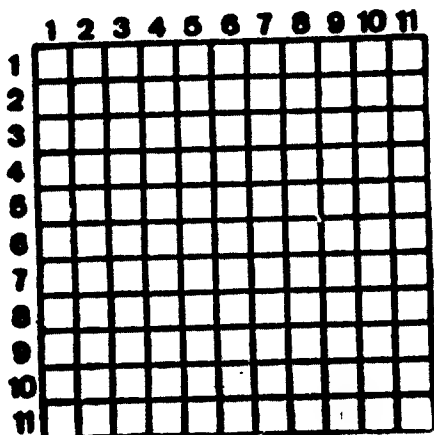
HORIZONTAIS: 1 — Trevo. Toipa. 2 — Al. Asentor. 3 — Am. Air. 4 — TAL. 5 — Mira. 6 — Ileso. Ora. 7 — Igarimas. 8 — Já. 9 — Goa. Vil. 10 — Respirar. Ul. 11 — Elais. SANTO.

VERTICAIS: 1 — TAL. MILAGRE. 2 — Ri. Til. Joel. 3 — Parei. Asa. 4 — Vá. Lasca. Pl. 5 — Osa. Roa. Vis. 6 — Sabe. Ruir. 7 — Tem. Mol. Lás. 8 — An. Coral. Ra. 9 — Ita. Sarnos. 10 — Pais. Roa. Ut. 11 — Arroto. Alá.

Provérbio: TAL SANTO, TAL MILAGRE.

HORIZONTAIS: — Cidade e porto de Marrocos. Planta malvacea de Angola. 2 — Para barlavento. Antiga capital da Birmânia. Oceano. 3 — Cântico de Manila. Letra grega. Em a. 4 — Jogo de cartas. Repartição pública na China. 5 — Guarnição de asas. Distrito da Índia Portuguesa. Magnete natural. 6 — Curso de água natural e abundante. Conjunção. 7 — Seduzo (fig.). Prender. 8 — Distrito da província de Angola. Pronome pessoal. Boi selvagem. 9 — Diplomata alemão que ficou célebre pelas suas questões com Bismarck. Cidade de França. 10 — Indique a data de. Fizera muito fno. 11 — Encantarias.

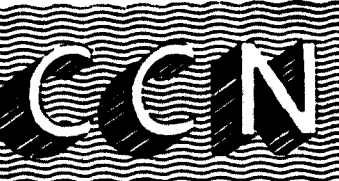
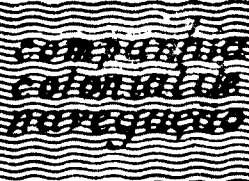
VERTICAIS: — Dança popular brasileira. Pequeno porto da Pérsia. 2 — Içais. Escameceram. 3 — Nome de Buda na China. O mesmo que cobra. 4 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Satélite de Jupiter. Unidade monetária do Japão. 5 — Essência. Dois m e dois em romano. 6 — Rio de Portugal. Interjeição de dor. 7 — Procediam. Feiticeira. 8 — Em partes iguais. Deusa da Lua entre os Egípcios. Roer. 9 — Antigo indefinido. Borralha. 10 — Remedem. Ave aquática do Rio Grande do Sul. 11 — Guarnição de anames. Nome de flores.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9669

HORIZONTAIS: 1 — Capa. Capa. 2 — Aia. Sais. 3 — Sir. Ave. Mdo. 4 — São. São. 5 — Ois. Par. 6 — Ab. Rol. Co. 7 — Rival. Topam. 8 — Aceso. Arado. 9 — Mau. Ror. Rir. 10 — Bt. Pi. rão. Sr. 11 — Asoto. Muí.

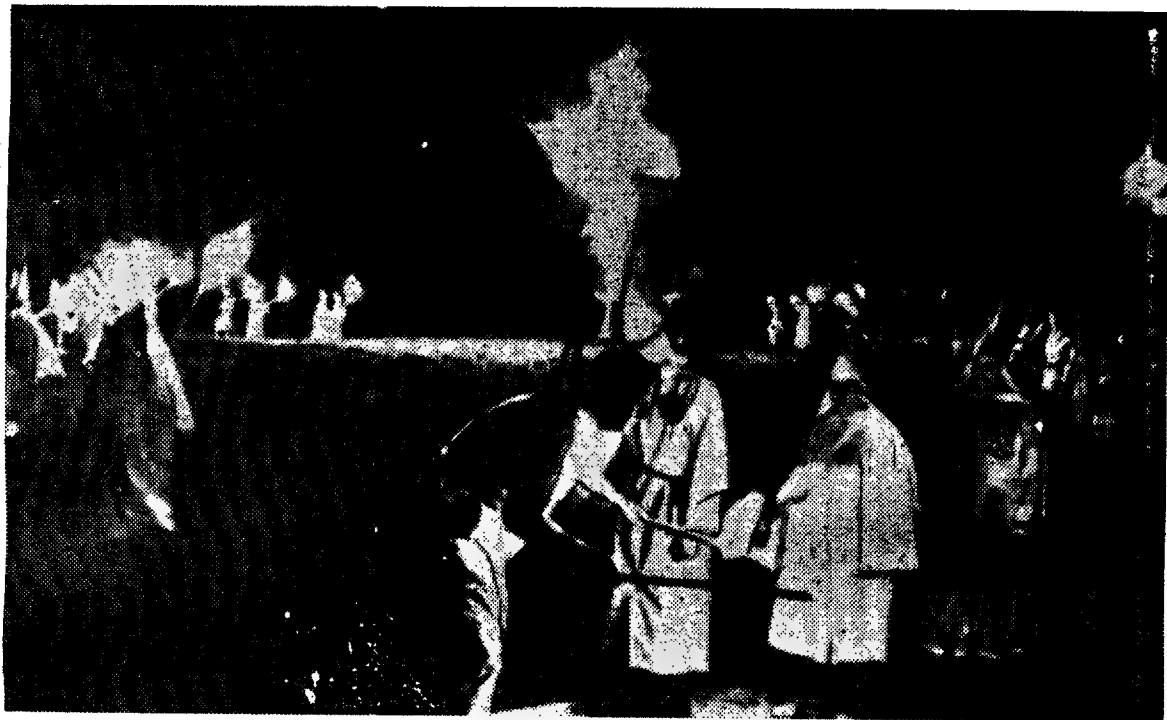
VERTICAIS: 1 — Cês. Caramba. 2 — Avis. B. ois. 3 — Airão. Vê. 4 — Ló. Oiras. Pt. 5 — As. salorio. 6 — Lu. Or. 7 — Espetaram. 8 — As. Rol. Ou. 9 — Pomar. Par. 10 — Sias. Cód. 11 — Aso. Gamorra.

PARIDAS	DESTINOS
«LOBITO» a sair em 9 de Março	Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário).
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 12 de Março às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 8 a 10 de Março.
«GANDA» a sair em 26 de Março	Com escala prévia por Leixões para: S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 16 a 20 de Março.
«UIGE» a sair em 31 de Março às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 22 a 25 de Março.
«PÁTRIA» a sair em 8 de Abril às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Abril.
«BAILUNDO» a sair em 10 de Abril	Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 3 a 7 de Abril.
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 13 de Abril às 12 horas	Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 8 a 11 de Abril.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 20 de Março às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), CURAÇAU e LA GUAIRA.
«SANTA MARIA» a sair em 5 de Maio às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens	
LISBOA — Rua de S. João, 63 — Tel. 349621/8 PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342	

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua da Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Actualidade internacional



Cerimónia nocturna da «Ku Klux Klan». Recurso à violência e ao medo

UM LIVRO OFICIAL DE HISTÓRIA NO ESTADO DO ALABAMA FAVORÁVEL À «KU KLUX KLAN»

MONTGOMERY (ALABAMA) — Recentemente editada, uma edição «a vista do livro usado na quarta classe (crianças entre os dez e os onze anos) das aulas de história do Estado de Alabama, «destilou» passagens abertamente favoráveis à escravidão e ao «Ku Klux Klan».

A revisão de «Conhece Alabama» — o único livro de texto recomendado pelo Estado para o curso exigido, aliás, a todos os estudantes da quarta classe, pelo sistema da escola pública — também men-

ou o estabelecimento da segregação racial.

«Conhece Alabama» foi agora publicado por uma editora de Montgomery, Viewpoint Publications, Inc., que é dirigida por dois antigos secretários da Imprensa dos governadores George C. Wallace e Lurleen B. Wallace.

O aparecimento da nova edição revista foi elogiado em Birmingham por entidades escolares oficiais, precisamente no local onde, no ano passado, decorreram os protestos contra o referido texto.

chapéu e dizer: «Bom dia, patrão John». E gostava-se da maneira familiar com que falavam e sorriam, mostrando fiadas de dentes brancos.»

Esta passagem e muitas outras foram suprimidas.

Da mesma maneira, houve mudanças de fraseologia, qualificações e inserções feitas no capítulo do «Ku Klux Klan». A nova edição informa pela primeira vez, os seus jovens leitores de que esta organização utilizou, por vezes, a violência e o medo, muito embora não o ilustre com exemplos específicos.

num governo biracial no sul. No entanto este final resultou do trabalho político feito pelo republicano Rutherford B. Hayes para assegurar a sua subida à Presidência, em 1876.

Uma das mães negras que protestou contra o livro, no ano passado, disse pensar que a maioria das alterações feitas na nova edição eram demasiado subtis para serem assimiladas por estudantes da quarta classe e que no fundo eles continuariam a receber as mesmas lições de História, segundo a versão do Estado.

Alterações subtis...

Explicando o plano de fundo da «Ku Klux Klan», a edição antiga dizia, «os leais homens brancos do Alabama vieram que não podiam depender das leis ou do governo do Estado para proteger as suas famílias. Eles sabiam que tinham de fazer alguma coisa para recuperar a lei e a ordem perdidas, que tinham de recolocar o governo nas mãos de homens honestos, que soubessem como ir para a frente.»

Esta frase foi agora mudada para: «muitos dos homens brancos de Alabama acreditavam que não podiam depender das leis nem do governo do Estado. Queriam recolocar o governo nas mãos de homens que eles acreditavam saber como ir para a frente.»

O capítulo relativo ao «Ku Klux Klan», na edição revista, supõe que esta foi, inicialmente responsável pelos esforços desenvolvidos para que a guerra civil terminasse

MAL RECEBIDA NOS ESTADOS UNIDOS A COMPANHIA DE MAURICE BEJAERT

NOVA YORK — Um dos fenómenos mais surpreendentes do mundo internacional do bailado é o acolhimento favorável dispensado à companhia de bailado de Maurice Bejaert na Europa, onde o agrupamento actua em palácios dos desportos, perante audiências de 12 mil pessoas.

Nestas condições, surpreendeu a frieza e até mesmo a hostilidade com que o «Ballet do Século Vinte», de Bejaert, foi acolhido, aquando da sua estreia nos Estados Unidos, na Brooklyn Academy of Music.

Qual a razão de reacções tão diferentes por parte do público europeu e norte-americano?

A companhia distingue-se pela elegância dos seus componentes e serve-se de processos modernos. «Messe pour le temps present» começa com um índio sentado no chão a tocar um instrumento enquanto que os dançarinos, convergendo «blue jeans» e tendo flores pintadas no rosto, entram lentamente, um a um, sentando-se de pernas cruzadas. Tudo isto leva cerca de uma hora.

A dança, missa, ou cerimónia, como é chamada, prossegue durante duas horas, sem interrupção. Durante a actuação dos dançarinos, uma senhora idosa de pequena estatura dá a volta ao palco numa «scooter» (o surrealismo é um elemento principal do trabalho de Bejaert), um jovem barbudo lê extractos de «The song of the songs», em francês, e de «Thus spoke Zarathustra», em alemão enquanto que Bejaert, parcialmente escondido por detrás do pano, bate ritmadamente com um pau no chão à guisa de deixa percussora destinada aos dançarinos.

A música quase se não faz ouvir durante todo o espectáculo.

Também se dança muito pouco, sendo nesse ponto, quanto a mim, que a companhia de Bejaert fracassou.

Paradoxalmente, a compa-

nhia dispõe de belos dançarinos. Com efeito, conta com um dos mais belos, eloquentes e completos dançarinos de todo o mundo, Paolo Bortoluzzi. Vê-lo deslizar,

por Jean Bettey Lewis

(Exclusivo «The Washington Post» — «D. L.»).

com o seu misto de serenidade e poder, compenhou de maneira suficiente a viagem a Brooklyn.

ESTÁTICO

Bejaert imaginou uma coreografia eficaz para Bortoluzzi, na qual se recorre a muitos gestos e posições orientais. Mas, para os restantes membros da companhia a coreografia de Bejaert consiste, principalmente, em lentos exercícios de aquecimento.

Trata-se de um bailado estático e estacionário. A maior parte é executada com magnífico «controle» e técnica, mas acabamos por nos impacientarmos à espera de que os dançarinos se afastem e se movimentem. (Quando o fazem, finalmente, em «Messe» a coisa resume-se a uma vulgar dança em que os dançarinos nada mais fazem do que agitar-se).

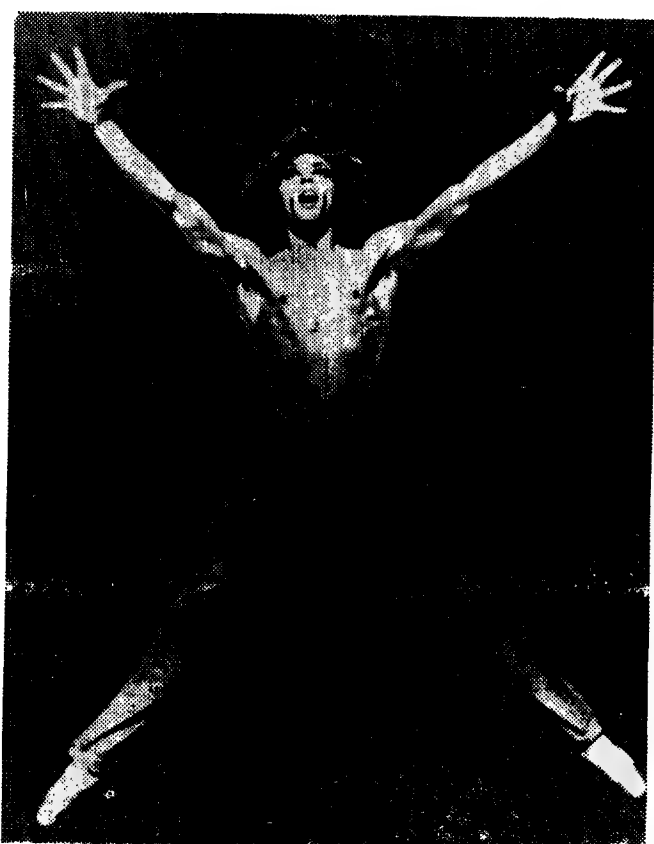
Esta limitação é acentuada na coreografia de Bejaert destinada à sua nova bailarina, Suzanne Farrell, que foi, até abandonar a companhia, há dois anos, a dançarina favorita de Balanchine no «New York City Ballet».

Em «Messe», Suzanne Farrell dança em cima de uma grande mesa (todo o espaço de que a coreografia necessita), revelando as suas notáveis qualidades de executante mas não dança realmente no sentido de se movimentar sobre o palco, exprimindo a música.

Previsões arriscadas

Num país e numa cidade acostumados a presenciar formas inéditas de dança de Balanchine, Robbins, Graham, Fred e Alpin, novas formas teatrais de Graham e Joffrey e a entrega verdadeira e apaixonada de uma Anna Sokolov, uma Mere Cunningham ou um Alvin Ailey, a solução de Bejaert parece superficial no conteúdo e com pouca imaginação na sua forma de dança.

Mas convém acentuar, uma vez mais, que se trata de uma companhia maravilhosamente plena de energia, sem qualquer dúvida profundamente ligada a Bejaert e ao seu estilo.



Jorge Dunn, um dos dançarinos do «Ballet do Século Vinte»

Por KENNETH REICH

(Exclusivo «The Los Angeles Times» — «D. L.»)

ciona pela primeira vez os direitos civis dos negros. Um breve capítulo é escrito em termos de neutralidade.

Apesar destas disparidades de educadores, pais e educadores que tinham protestado contra o conteúdo do mesmo, no ano passado, quinze anos após a publicação da primeira das suas três edições, continuam insatisfeitos.

Descrições idílicas...

Estes apontam as passagens que se referem aos brancos como tendo sido geralmente justos para com os negros e os negros contentes com a sua condição de escravos. E quem se de que o livro não menciona acontecimentos históricos de grande importância, tais como a retirada dos direitos políticos dos negros, em 1890.

Há um ano, em Birmingham, as mesmas individualidades afirmaram ser necessários outros quinze anos para substituir todas as edições antigas do livro.

A edição que estava em uso, refere-se à escravidão no sistema de plantação como «um dos meios mais felizes de vida em Alabama, antes da guerra entre os Estados». Após a revisão esta frase foi mudada para «...outra forma de vida em Alabama, antes da guerra civil.» E existem muitas alterações semelhantes a esta.

A edição mais antiga continha ainda descrições idílicas da planície, vistas pelos filhos dos donos da mesma. Numa passagem típica podia ler-se: «Assim que se aparece junto dos negros quando estes estão no trabalho, eles param apenas o tempo necessário para tirar o



A ALEMANHA E A BELGICA têm um acordo sobre ordenação do território. Em virtude desse acordo os estados alemães da Renânia do Norte-Vestefália e da Renânia-Palatinado assinaram um documento com a Bélgica, segundo o qual se institui uma zona comum aos três territórios em parque europeu. NA FOTO a assinatura desse documento que se efectuou em Saarbrücken

EXPULSA DE ESPANHA A IRMÃ DO PRETENDENTE CARLISTA AO TRONO

MADRID 9 - (R) — O Governo espanhol solicitou à princesa Cecilia de Bourbon-Parma, de 85 anos irmã do pretendente carlista ao trono de Espanha, que abandonasse o país, segundo revelaram a noite passada, fontes do gabinete do generalissimo Franco.

Partidários carlistas afirmaram que a princesa, que deverá partir hoje de Madrid para Paris, é expulsa.

Contudo, círculos governamentais disseram que a princesa não fora expulsa do sen-

tido re-rito da palavra visto ter já sido proibida de entrar em Espanha juntamente com outros membros da sua família. Revelaram que a princesa entrara no país misturada num grupo de turistas.

A medida segue-se à expulsão em Dezembro de 1968 de seu pai — príncipe Xavier de Bourbon-Parma, de 81 anos, e de seu filho Carlos Hugo, considerado pelos carlistas como o «príncipe real».

Nessa altura a princesa Cecilia encontrava-se ausente de Espanha, empenhada em trabalho de socorro em Biafra. Regressou a Madrid para um exame médico, mas foi informada na semana passada pela Polícia de que o seu nome fora acrescentado à lista dos membros da família Bourbon-Parma que foram expulsos — declararam nesta capital dirigentes carlistas.

Os carlistas constituem um sector de monarquistas dissidentes principalmente da província montanhosa de Navarra, que combateram a favor do generalissimo Franco, na guerra civil de 1936-39 a qual levou o caudilho ao poder.

Contudo, o generalissimo Franco dissipou há dois anos as suas esperanças de ganhar eventualmente o trono quando nomeou o príncipe Juan Carlos de Bourbon, neto do falecido rei Afonso para

ser o futuro rei de Espanha quando o caudilho se afastar da política ou falecer.

A noite passada, dirigentes carlistas classificaram a decisão governamental sobre a expulsão da princesa Cecilia como uma medida repressiva que, disseram, acentuavam a falta de liberdade política e de respeito pelos direitos humanos em Espanha.

NEVÃO DE 23 HORAS

EM MADRID

MADRID 9 - (F. P.) — Quase toda a Espanha teve neves. Há umas 200 pessoas feridas, e em Madrid conta-se mesmo um morto. Aqui o nevão durou 23 horas.

Uma centena de madrilenos foram hospitalizados devido a quedas.

Mais de 3000 homens servindo-se de engenhos apropriados tratam de desbaratar as ruas onde a neve às vezes tem 35 centímetros.

Todos os aeroportos espanhóis tiveram perturbações no tráfego.

Nem Ecija, o «forno da Andaluzia», escapou à nevada. Os prejuízos causados na agricultura.

Yigal Allon promete iniciativas israelitas «interessantes» se as hostilidades recommencarem

TEL-AVIV (Mar Vermelho), 9 - (F. P.) — A maior preocupação de Israel é que a sua liberdade de navegação no Mar Vermelho nunca mais seja ameaçada. E por isso que o Governo de Israel está firmemente decidido a manter uma presença física em Charan el-Uzza, que ficará ligada a Israel por uma faixa territorial, declarou ontem em visita o vice-primeiro-ministro israelita, Yigal Allon, quando assistia às cerimónias do aniversário da entrada das tropas israelitas em Elath, em 1949.



YIGAL ALLON, vice-primeiro-ministro de Israel

«Uma grande satisfação», a declaração do presidente Anwar Sadat, anunciando que a RAU deixava de estar comprometida pelo cessar-fogo, transmite a Agência de Informações do Médio-Oriente, citando fontes militares.

Segundo a agência, o estado de alerta foi proclamado ontem entre os observadores das Nações Unidas nos sete postos de observação da margem ocidental do Canal de Suez. O chefe dos observadores da ONU na zona do Canal realizou ontem reuniões com todos os observadores no sentido

de serem tomadas medidas para enfrentar qualquer eventualidade.

A agência salienta, a concluir, que, apesar dos preparativos urgentes de uma e outra parte, o dia decorreu sem qualquer incidente.

A decisão do presidente Sadat de não prolongar o cessar-fogo, segundo Allon, reforça a decisão de Israel de não usar que lhe sejam impostas soluções contrárias aos seus interesses. A esse propósito, o responsável israelita condenou o relatório de U. Thant, secretário-geral da O.N.U., e a atitude do mediador Gunnar Jarring que, segundo a sua opinião, «reforçaram mais a agressão do que fizeram progredir a paz».

Acerca dos prolongamentos futuros Allon declarou que estava persuadido de que o presidente Sadat «que arrecadou êxitos diplomáticos notáveis» não tinha dito «a sua última palavra» e que preferiria recorrer a «demarques políticas» em vez de «operações militares que só trariam desastres ao Egipto». «Se as hostilidades se reiniciarem, a crescentou, o mundo será testemunha de certas iniciativas muito interessantes da nossa parte».

A concluir, o vice-primeiro-ministro foi de opinião que uma eventual «volta à guerra de usura no Canal de Suez levava ao mesmo resultado do assalto anterior». Uma derrota egípcia..

SATISFAÇÃO NO CANAL

CAIRO, 9 - (F. P.) — Nos diversos sectores da frente do Suez foi acolhida

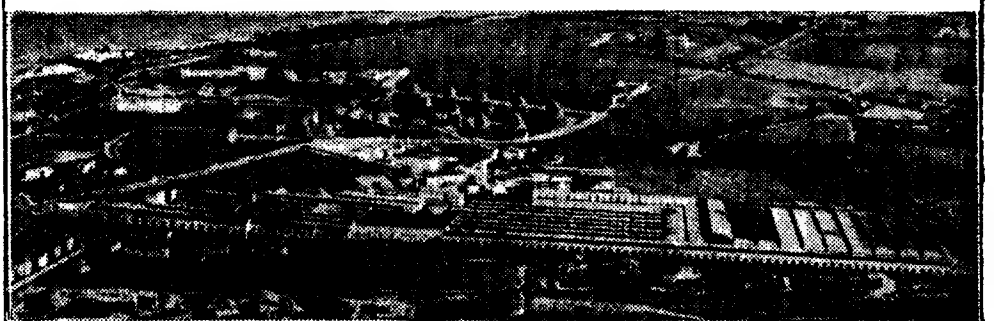


A CONJONETISTA KAREN YOUNG casou-se de «hot pants» com Peter Elliot. Mas quem se divertiu mais durante a cerimónia foi o comediante Fred Emery, o caudatário da noiva



FUNDIÇÃO DE OEIRAS

Fundição e Construção Mecânicas, S.A.R.L.



50 Anos ao Serviço da Indústria Nacional

INFORMA que nomeou seu distribuidor exclusivo de material de queima para PORTUGAL Continental a Firma:

E.I.E.L. ESCRITÓRIOS DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA
Rua da Boavista, 84-LISBOA

Fogões • Fogareiros • Aquecedores • Esquentadores
Todos os modelos a gás propano, butano e hulha

Actualidade internacional

HANOÍ ANUNCIA:

O papel de Pequim na Indochina poderá tornar-se mais activo

HONG-KONG, 9 — (R.) — O Vietnam do Norte anunciou hoje que o papel da China continental na Indochina poderá tornar-se mais activo com uma escalada da guerra por parte dos americanos. Este aviso foi publicado no «Nhan Dan», jornal oficial de Hanoi, depois da visita de quatro dias do primeiro-ministro chinês Chu En Lai, que regressou a Pequim a noite passada.

Segundo o «Nhan Dan» «Quanto mais os imperialistas americanos intensificarem a guerra mais o Governo e o Partido Comunista chinês aumentarão o apoio em todos os sectores, para anular a escalada e conseguirem a vitória total».

O artigo do jornal fala na «poderosa defesa nacional» da China e na posse de armas nucleares e afirma que o povo do Vietnam se sente orgulhoso por ter um tal aliado. Segundo a agência noticiosa do Vietnam do Norte, o jornal destaca as declarações prestadas por Chu En Lai em Hanoi, quando afirmou que a expansão da guerra na Indochina representava uma grave ameaça para a China, de forma que os chineses já tinham tomado as precauções necessárias.

Os observadores estão convencidos de que o es-

tadista chinês, que visitara Hanoi pela última vez em 1969, quando da morte de Ho Chi Minh, discutiu as hipóteses do auxílio chinês no caso das tropas do Vietnam do Sul invadirem o Vietnam do Norte.

Para além da especulação contida nestas suposições, é de notar a presença de vários oficiais de alta patente na delegação de Chu En Lai, especialistas em logística e no planeamento de operações militares.

Porém, o «Nhan Dan» dá a entender que a visita de Chu En Lai foi mais de carácter político do que militar.

AUMENTA O NUMERO DE ATAQUES AEREOS

SAIGÃO, 9 — (A. N. I.) — O comando militar dos Estados Unidos em Saigão anuncia que está a aumentar substancialmente o número de ataques dos aviões e helicópteros americanos no Laos, em apoio às tropas sul-vietnamitas que ali operam.

Na semana passada, efectuaram-se em média mil incursões por dia, durante as quais foram destruídos pelo menos 800 camiões norte-vietnamitas. A partir de ontem, o número de ataques da aviação americana aumentou para 1200 por dia.

Normalmente, os camiões norte-vietnamitas transportam reforços de tropas, munições e abastecimentos através do Laos, para as unidades comunistas que operam no Vietnam do Sul e no Camboja.

O general Hoang Xuan Lam, comandante dos 20 000 soldados sul-vietnamitas que têm por missão cortar por completo a «Pista Ho Chi Minh», na sua ofensiva no Laos, iniciada no dia 8 de Fevereiro, disse que o trânsito dos comunistas por aquela via «diminuiu muito» nas últimas quatro semanas.

Xuan Lam acrescentou

que as forças sul-vietnamitas tinham destruído 18 189 toneladas de munições e 1841 toneladas de géneros alimentícios desde que começou a ofensiva no Laos.

Equador: trinta pessoas soterradas

QUITO (Equador), 9 — (R.) — Recebeu-se a noite passada que tivessem morrido, pelo menos 30 pessoas, quando um gigantesco deslizamento de terra sepultou automóveis e autocarros numa auto-estrada na cordilheira dos Andes, entre Quito e Guayaquil, segundo anunciou a Polícia.

Um informador da Polícia disse que o deslizamento se deu perto da localidade de Santo Domingo, a uma centena de quilómetros ao sul desta capital.

As chuvas torrenciais tinham anteriormente causado deslizamentos de menor intensidade, que bloquearam a estrada principal, pelo que numerosos automóveis e camiões se encontravam paralisados na estrada quando o segundo deslizamento, de grandes proporções, caiu sobre eles.

Nova viagem do Papa?

CIDADE DO VATICANO, 9 — (ANI) — Depois de ter ido à América Latina, à África e à Ásia, Paulo VI tem em vista deslocar-se novamente ao estrangeiro, segundo se afirma em círculos do Vaticano, acrescentando-se que já estão adiantando os planos para uma possível viagem do Papa à Inglaterra, França e Espanha.

De acordo com os mesmos círculos, que, no entanto, previnem que tudo possa ficar em nada, a viagem do Santo Padre será realizada em Maio ou Setembro.

O informador da Santa Sé, Federico Alessandrini, desmentiu esta informação,

Reacção da Casa Branca a um inquérito

WASHINGTON, 9 — (A. N. I.) — O presidente Nixon não tem intenção de «induzir o povo americano em erro sobre as nossas operações na Indochina» — declarou o informador da Casa Branca, Ronald Ziegler, comentando o resultado de um inquérito a opinião pública realizada pelo «Gallup» que revelou que 69 por cento dos americanos, isto é, sete em cada dez, não acreditam que o chefe de Estado esteja a dizer toda a verdade da guerra no Sueste Asiático.

«O que ele disse ao povo americano foi o que se fez» — declarou Ziegler, acrescentando que Nixon tem sido inteiramente coerente na informação ao público sobre a sua política.



ENQUANTO SAIAS E CALÇAS VOLTAM A SUBIR, os chapéus tornam-se cada vez maiores. Isso é, pelo menos, o desejo dos chapéleiros de Hamburgo. Chamaram eles à nova linha «Romantica» e dove servir as elegantes da Primavera e Verão que se aproximam.

O jornal londrino «Daily Sketch» absorvido pelo «Daily Mail»

LONDRES, 8 — (F. P.) — Vai desaparecer mais um jornal londrino. O «Daily Sketch», fundado em 1908, jornal popular de grande tiragem, é absorvido pelo «Daily Mail». Os dois diários fazem parte do grupo de Imprensa Associated Newspapers igualmente proprietário do vespertino «Evening News».

O novo jornal fica com o nome de «Daily Mail» mas David Englis, director do «Daily Sketch», passa a ser o responsável em substituição de Arthur Britenden que deixa a Associated Newspapers.

O desaparecimento do «Daily Sketch» é provocado pelas dificuldades financeiras do grupo proprietário. Vere Hampsworth, que dirige a Associated Newspapers desde que seu pai, lord Rothermere se retirou há dois meses diz que este recurso não deve bastar, dado que o déficit é de 2 250 000 libras (mais de 150 000 contos). Admite-se, assim, uma remodelação dos quadros dos três jornais, podendo vir a ser dispensadas umas 1700 pessoas.

A tiragem do «Daily Sketch» que durante muito tempo chegou à volta de um milhão, desceu para 760 000 devido essencialmente a concorrência feita pelo «Sun» com os

seus dois milhões de exemplares.

As dificuldades do grupo têm ainda outra origem. Lord Rothermere apóia com efeito somas consideráveis na televisão independente britânica que não se revelou afinal um investimento proveitoso.

Seja como for, a absorção do «Daily Sketch» documenta o facto de a Fleet Street ter jorna's a mais. Há um ano surgiu um relatório extremamente alarmante quanto à situação da Imprensa londrina. O «Daily Sketch» não era o único a perder dinheiro.

EXPLODIU E INCENDIOU-SE UM PETROLEIRO INGLÊS

LONDRES, 9 — (R.) — Anunciou-se que o petroleiro britânico «Ocean Bridge», de 86004 toneladas, estava a arder a noite passada e corria o perigo de se afundar após ser atingido por uma explosão quando respondia a um pedido de socorro.

Notícias pela rádio do outro navio, o petroleiro «British Comet», de 23 741 toneladas diziam que todos os tri-

puantes do «Ocean Bridge» tinham sido salvos, mas que o comandante fora dado como desaparecido.

A explosão ocorreu quando os dois barcos se encontravam lado a lado, cerca de 50 milhas a noroeste de Freetown, Serra Leoa, após o «Ocean Bridge» ter seguido a toda a velocidade em resposta a um SOS do «British Comet».

+

BENVINDA DE JESUS MARTINS

FALECEU

Leopoldino Nunes, Luísa de Jesus Ferreira marido e filha, Armando Martins Galvão mulher e filhos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mulher, irmã, cunhada e tia. O funeral realiza-se da Igreja do Santo Condestável, amanhã, às 11 h. para local a designar.

AGÊNCIA BARATA

+

BENVINDA DE JESUS MARTINS

FALECEU

Armando Martins Galvão, mulher e filhos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mulher, irmã, cunhada e tia. O funeral realiza-se da Igreja do Santo Condestável, amanhã, às 11 h. para local a designar.

AGÊNCIA BARATA

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação de 2.ª página)

ração de Camilo de Oliveira, de Luís Filipe Costa e Raul Durão. Produtor será Mário Dias Ramos.

Foi, pois, nessa qualidade que Dias Ramos se apresentou à entrevista no programa de Artur Agostinho. Pouco se ficou a saber da estrutura do programa. Em contrapartida, Ramos fez algumas declarações amenáveis.

Como possivelmente algumas pessoas saberão, Dias Ramos exerce a «crítica» de televisão no «Diário de Notícias». Cada crítico vê a realidade por determinado ângulo, e não é, portanto, o ângulo de Dias Ramos que está em causa, mesmo que muitos o considerem um ângulo demasiado obscuro. No seu pleno direito está a estar mesmo na sua obrigação, de achar notáveis as palestras de João Couto, eméritos os «pontos» de Artur Anselmo, extraordinárias as reportagens de Mário Gonzaga Ribeiro.

Já espantará, até ao absurdo, que venha publicamente dizer: «É extremamente fácil estarmos todas as noites sentados frente a um televisor, com a maior ou menor intenção de dizer o que pensamos dos programas. Qualquer analfabeto pode fazer isso».

Que loucura, porém, que insensatez leva um Com a sua actividade, Mário Dias Ramos demonstrou cabalmente a última afirmação. Que loucura, porém, que insensatez leva um indivíduo a considerar fácil, qualquer actividade crítica, em geral, e a da televisão em particular? Que ausência de equilíbrio pode levar alguém a passar-se a si próprio um atestado de eviandade?

Pois Artur Agostinho sente muito prazer com a presença de Dias Ramos, o seu sucessor. Ele disse: Nem ao menos uma palavra para se desassociar das afirmações gratuitas do herdeiro.

ADEUSINHO...

O último instante do programa foi também aquele que se rodeou de maior interesse. Três concorrentes ao último festival da canção reuniram-se para cantar em comum as suas moções: Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Duarte Mendes.

Curioso o processo. Procurou-se, com eficiência, fugir ao esquema estabelecido: ao já visto e ouvido as três canções formaram uma canção única. A dar-lhes coesão — e força — uma parte da canção de Ary dos Santos que, no ano passado, não venceu o festival. Pedro Osório, uma presença em que a modestia e a eficácia se conjugam, obteve com o seu arranjo algo que não pôde ser abolição do *Curto-Circuito*, porque os seus pedaços eram muitos.

A simplicidade dos três moços constituiu nota simpática de tanto agrado do nosso público. Com ela, estivemos longe das poses posturas e comerciais das Simonas Calvários, Iglésias, Tons etc. etc. Alguma coisa de essencial ficou demonstrado. Que o passado não pode regressar. Que os «velhos» já não mandam, pois ninguém os suporta. Perderam o comboio. Ficam irremediavelmente para trás. Adeusinho...

A DESGRAÇA MAIOR: NÃO TER VIVIDO

Artur Agostinho jogou e perdeu. Ao contrário de Figueirinhas, cantor de beijos, ele não teve sempre na manga o trufo indispensável: ali não se pode usar mangas: braços nus, até acima. Todos os outros, visíveis ou invisíveis, deram a colaboração ou deram o não. Artur Agostinho «deu a cara», para utilizar a sua própria expressão. Não acusou nin-

guém; não acusou nada. No entanto, talvez nenhum profissional de televisão armazenasse tão compacta e dura experiência durante um ano de actividade. Tal como a *Nau Catrineta*, terá muito que contar um dia, quando escrever as suas memórias. Deu a cara, também ontem. Naquilo. Na.

II

Não interessará, por agora, pela dificuldade em apanhar com clareza os argumentos essenciais, procurar as razões profundas da derrota do *Curto-Circuito*. Diga-se já que a quebra maior resultou de se não ter realizado como cumpria o programa sugerido pelo título. *Curto-Circuito* sugere fios postos em contacto fásica, exposto. Por outro lado Artur Agostinho que «dava a cara» não dava uma ajuda — se é que ajuda podia dar: notava-se a ausência de um pulso firme. As entrevistas duravam tempo demasiado, eram em geral, conduzidas de modo canhestro e desenvolviam-se de todo em todo ignorantes do género de público que enfrentavam — se é que existe um público capaz de aguentar a pé firme tanta estocada, tanta palavra balofa e perdida nos meandros do não se saber como chegar ao destino.

O caminho aberto no ano anterior para apresentação de programas mais vivos na rede justificava a extensão de temas e qualidades artísticas no *Curto-Circuito*. O programa de Artur Agostinho vinha como sucessor afortunado do *Zip-Zip*. Aguardava-se que o facho de Raul Solnado mudasse de mão. Lusões. Na realidade, o facho apagava-se. *Zip-Zip* morria — e por alguma razão morria. *Zip-Zip* morria e não deixava, como herança, senão dois breve punhados um de boa memória, outro de cinza. *Curto-Circuito* era o parente pobre que para cúmulo, chegava na hora de jantar com a mesa vazia.

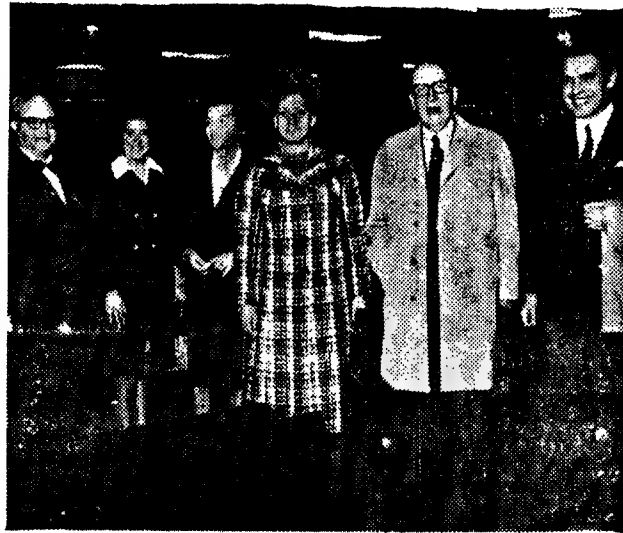
Dai que fossem muito menos significativos de uma certa descompressão os nomes apresentados em *Curto-Circuito*. Dai que no plano musical não se tenha verificado uma única revelação digna de registo. A Juventude esteve ausente — e quando não esteve, melhor fora que estivesse. *Curto-Circuito* optou pelos consagrados, uns de dentro e outros de fora: deu-nos dores mactas de terceiros ou quartos planos internacionais: recorreu a artistas estrangeiros que «por acaso» se encontravam em Lisboa; e levou para o Monumental simpáticos franceses, espanhóis e americanos capazes de entoar umas cozinhas.

Depois de falhar na palavra, falhava nas variedades. Era muito falhas. Talvez uma certa audácia na realização pudesse conseguir algum interesse televisivo.

Al também aconteceu desastre. Helder Mendes, que assumira alguns trabalhos de interesse na Televisão portuguesa (principalmente directos exteriores) não esteve à vontade dentro da sala. Há pássaros assim, só podem desenvolver todas as suas faculdades nos grandes espaços. Helder Mendes sofreu quase sempre de claustrofobia. Pode dizer-se que o campo de acção era restrito. Quem assistiu aos programas vivos, repetia com que dificuldade as câmaras se moviam e como, em lugar de colaborarem, se complicavam mutuamente a vida. Manobravam três câmaras onde duas já seria muito. A verdade é que raramente aconteceu reportagem, impacto, proximidade, ambiência. Era como se se vissemos diante de uma arquitectura caótica, raramente aconteceu casa habitável para os telespectadores. Helder Mendes foi malobreiro do *Curto-Circuito*.

Passamos por cima de factores tão importantes para o espectáculo televisivo como são a imagem e o som. Deixaram muito a desejar. Disso, porém, é que não se pode culpar Artur Agostinho.

MÁRIO CASTRIM



O dr. Azeredo Perdigão a partida para o Brasil

PARTIU PARA O BRASIL O DR. AZEREDO PERDIGÃO

O sr. dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, partiu esta madrugada para o Rio de Janeiro, acompanhado de sua esposa e do sr. dr. José Branco, secretário do conselho de administração. No aeroporto, estiveram a apresentar cumprimentos de despedida o embaixador do Brasil e esposa; dr. Vítor de Sá Machado, administrador da Fundação Gulbenkian; deputado dr. Martins da Cruz; directores de serviço daquela instituição e outros funcionários; arq. Mário de Oliveira, Artur Ramos, etc.

No momento da partida, que se verificou à 1 e 45, o sr. dr. Azeredo Perdigão fez breves declarações à imprensa, referindo os objectivos da sua visita ao Brasil e saudando os portugueses que ali residem.

O dr. Azeredo Perdigão será recebido pelo presidente, Medici

Durante a sua permanência no Brasil, o sr. dr. Azeredo Perdigão visitará diversas instituições culturais e beneficentes da colónia portuguesa, entre as quais o Hospital da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, o Hospital da Obra Portuguesa de Assistência, Real Gabinete Português de Leitura, onde se realizará a cerimónia do desceramento de uma lápida de homenagem a Calouste Gulbenkian; Escolas e Lar de Velhos da Casa de Portugal; etc. Será recebido na Embaixada de Portugal; no Itamaraty pelo Ministro das Relações Exteriores, dr. Mário Gibson Barbosa, e no Ministério da Educação e Cultura (em Brasília), pelo ministro, coronel Jarbas Passarinho. Visitará também o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde receberá o título de sócio honorário e assistirá ao lançamento do IV Centenário dos «Lusíadas»; será homenageado com um jantar pelo embaixador Walter Moreira Saes, presidente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e visitará a Fundação Getúlio Vargas, onde será homenageado com um almoço.

O presidente da Fundação Gulbenkian visitará depois a Baía, onde assistirá a cerimónia da posse do novo governador, dr. Carlos de Magalhães, sendo recebido nas instituições portuguesas e brasileiras. Vai proferir, no dia 16, na Universidade da Baía, uma conferência integrada no ciclo comemorativo

do jubileu de prata daquela Universidade, subordinada ao tema «Mecenato e Cultura», sendo-lhe depois oferecido um banquete pela colónia portuguesa de Salvador.

No dia seguinte o dr. Azeredo Perdigão seguirá para Brasília, onde será recebido, em audiência especial pelo Presidente da República, sendo homenageado com um almoço e um jantar, respectivamente pelos ministros da Educação e das Relações Exteriores.

No Recife, realizará diversas visitas ao Património Histórico daquela cidade brasileira, às instituições portuguesas do Real Gabinete de Leitura e ao Real Hospital de Beneficência. Na histórica cidade de Olinda, será-lhe oferecido um jantar pelo prof. Jordão Emerenciano. O dr. Perdigão visitará ainda diversos Institutos, como o de Estudos Portugueses de Micologia e de Nutrição; e será homenageado pelo Conselho Universitário e a Universidade de oferecer-lhe um almoço, realizando-se depois uma sessão no Instituto de Pesquisas Sociais Joaquim Nabuco.

O regresso a Lisboa do sr. dr. Azeredo Perdigão está marcado, em princípio para o dia 22 do corrente.

Necrologia

FUNERAIS

Eng. Luís Delgado Santos
PORTO, 9 — Foi a enterrar esta tarde, no cemitério de Soure, terra da sua naturalidade, o corpo do sr. eng.º Luís Guilhermino da Hora Delgado Santos, que ontem faleceu na sua residência, 4 Avenida Brasil, 694, na Foz do Douro. Tinha 68 anos.

Após ter concluído o curso de Engenharia em 1927, ingressou no quadro docente da Faculdade de Engenharia, passando a reger as cadeiras de Electrotécnica Geral, Electrometallurgia e Electroquímica, desempenhando também as funções de assistente da cadeira de Medidas Eléctricas.

Em 1930, a convite do director do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro» ingressou na Empresa Fabril do Norte, mantendo-se quase 40 anos na administração daquela unidade fabril.

O eng.º Delgado Santos desdobrou, ainda, a sua actividade noutros sectores, fazendo parte dos conselhos de administração do Entrepósito Comarcial e Industrial do Norte, da empresa «O Primeiro de Janeiro», das Águas da Curia, presidente da Classe Algodoeira da Associação Industrial Portuguesa, membro do Conselho Superior da In-

Vai ser entregue ao Tribunal de Tavira o sueco que roubou um norueguês

Vai ser entregue ao Tribunal de Tavira, da comarca de avira, quem se pronunciará sobre a sua situação, o sueco Bjorn Ivan Vangsjo de 22 anos, detido pela P. S. P. daquela cidade, acusado do furto de um automóvel, do norueguês Eivind Ostborg, que se encontra no nosso País em viagem de turismo a quem roubou, também, a importância de 10 contos. O automóvel foi encontrado abandonado em Faro. Ao sueco foi apreendido, no momento da captura, um aparelho de T. S. F. com gravador cuja proveniência não explicou convenientemente.

PROFISSIONAIS DE SEGUROS

COIMBRA, 9 — Na sede da Associação dos Antigos Alunos da Escola «Broteros» realizou-se uma reunião de profissionais de seguros de Coimbra, na qual compareceram também os profissionais em serviço na Figueira da Foz, com vista à representação dos representantes da classe, junto do Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros do Distrito do Porto.

Foram eleitos: efectivos — Armando Pereira e Evaristo Mendes de Oliveira, de Coimbra; e António Duarte Garcia Ferrolho, da Figueira da Foz; suplentes — Henrique Teixeira e Fausto Cruz, de Coimbra; e António Gaspar de Oliveira da Figueira da Foz.

Quarta, etc. Foi também membro do conselho consultivo do Crédito Franco-Português e presidente, desde a sua fundação, do conselho de administração da Companhia Portuguesa do Cobre.

Enfermo desde há alguns meses, abandonou em Dezembro último toda a sua actividade, deixando de fazer parte das citadas empresas.

O eng.º Delgado Santos era casado com a sr.ª D. Leonor Melo e Castro de Oliveira Santos e pai do sr. eng.º Fernando Melo e Castro Oliveira Santos.

Dr. Armando Vieira Santos

Da sua residência (Rua de Salitre, 36, 1.º) para jazir de família, no Cemitério dos Prazeres, efectuou-se, ontem, o funeral do conhecido estadista e crítico de arte dr. Armando Vieira Santos. Era uma personalidade de rara elegância mental e cultura vasta, tendo deixado publicados alguns livros sobre a arte portuguesa e colaborado em muitas iniciativas. Trabalhara particularmente em GRAVURA (Sociedade Cooperativa de Gravadores, Lda.), de que foi um dos principais obreiros.

Adoentado, há tempos, a sua morte foi muito sentida por quantos o conheciam, e no seu funeral se incorporaram muitos artistas plásticos.

O secretário do Exército visitou Infantaria 3

BEJA, 9 — Vindo de Évora, chegou hoje a esta cidade, em visita oficial ao Regimento de Infantaria 3, o secretário de Estado do Exército, que foi recebido pelo comandante daquela unidade, coronel Calpés Martins, e demais oficiais ali em serviço.

Após a visita ao quartelamento, houve um almoço. A meio da tarde, o secretário de Estado do Exército regressou a Lisboa.

O comandante das Forças Navais Aliadas do Sul da Europa

O comandante das Forças Navais Aliadas do Sul da Europa, almirante G. Birlinelli, da Marinha de Guerra italiana, que se encontra entre nós em visita ao comando do Iberiant, apresentou hoje, de manhã, cumprimentos ao ministro da Marinha e aos chefes do Estado-Maior General das Forças Armadas e do Estado-Maior da Armada e ao secretário-adjunto da

Defesa Nacional

A tarde, visitou as instalações actuais e futuras do comando da Área Ibero-Atlântica. O almirante G. Birlinelli deixa amanhã Lisboa, rumo a Gibraltar.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

«JOE» FRAZIER CONTINUA CAMPEÃO DO MUNDO

O «ÍDOLO» (CASSIUS CLAY) TOMBOU NO ÚLTIMO ASSALTO (43 MINUTOS)

• Vitória nítida de Frazier, aos pontos, confirmando a maioria das previsões

NOVA YORK, 9 — (A. N. I.) — Iniciou-se às 4 horas e 40 minutos de hoje, o sensacional combate de pugilismo entre Joe Frazier (campeão mundial dos pesados) e Cassius Clay (pretendente ao título).

Grandes campeões assistiram ao combate: Dick Tiger, Jack Sharkey, Archie Moore, Billy Conn, Rocky Graziano e Joe Louis, por exemplo. Havia poucos negros entre os 19.500 «privilegiados» que estavam no Madison.

• No primeiro «assalto» Clay teve superioridade sobre Frazier e desferiu a maioria dos «punches». Os primeiros sete ataques foram de Clay, incluindo dois bons «ganchos» da esquerda.

• Segundo «assalto»: Clay deixou de dançar menos em

volta do adversário e atingiu Frazier, ganhando também este «round». No final, acenou aos espectadores demonstrando que não considerava muito o potencial do adversário. Clay desferiu a maioria dos golpes no «assalto» e Frazier lançou um bom «gancho» da esquerda contra o adversário levando-o às cordas, mas Clay conseguiu atacar com quatro bons golpes seguidos à cabeça de Frazier.

FRAZIER REAJE

• Terceiro «assalto»: Frazier ganhou este «round» por pequena margem. Surgiu um ligeiro fio de sangue no olho esquerdo do campeão. Frazier conseguiu penetrar mais vezes na defesa do adversário, e lançou diversos bons golpes ao corpo e à cabeça. O «assalto» terminou com Frazier a atacar Clay no canto deste.

• Quarto «assalto»: Frazier ganhou também este «round». Frazier atingiu o adversário com três «stupendos «ganchos» da esquerda no último minuto do «round», enquanto que os golpes desferidos por Clay não atingiram a cabeça de Frazier. No seu canto depois deste «assalto», Clay

tinha um aspecto grave e o seu segundo falava com ele constantemente e em tom enérgico.

O CAMPEÃO PROVOCA CLAY

• Quinto «assalto»: Cassius ganhou o quinto «round», ao voltar a esgrimir a distância, lançando direitas e «esquerdas» simultâneas à cabeça de Frazier. Numa ocasião, o campeão deixou cair ambas as mãos e começou a gritar e a rir em volta de Clay, dando-lhe ocasiões a que o atingisse.

• Sexto «assalto»: Clay, utilizando a sua esquerda, obteve também a vitória neste «assalto». Frazier limitou a sua acção desferindo golpes na cabeça do adversário com o objectivo de o massacarar, mas não pareceu abalar Clay.

O envelope selado em que Clay tinha fechado o seu prognóstico, foi aberto por Burt Lancaster, para o circuito fechado de televisão. Na sua previsão, Clay afirmava que ganharia ao 6.º «assalto» por K. O....

ANTES DA LUTA

NOVA YORK, 9 — (R.) — Cassius foi o primeiro a pisar o ringue, envergando robe vermelho brilhante, com uma faixa branca.

Frazier usava um robe verde, debruava a ouro. Cassius Clay, fazendo uma careta, dançou à volta do ringue e quase empurrou Frazier, que fazia flexões no seu canto. Descreveu, depois, outro círculo à volta do ringue, olhando ostensivamente com Frazier. O campeão nada disse, mas lançou a Ali um olhar de desagrado.

O árbitro da partida foi Arthur Mercante.

CADA PUGILISTA RECEBEU 72 800 CONTOS

NOVA YORK, 9 — (R.) — Uma atmosfera carregada de electricidade, provocada pela excitação, enchia a noite passada no Madison Square Garden uma hora antes de Joe Frazier e de Muhammad Ali (Cassius Clay) se defrontarem para o combate de 15 «assaltos», em que estava em jogo o título de campeão mundial dos «pesados».

O encontro do actual campeão (Frazier, de 27 anos) e do antigo detentor do título (Muhammad Ali de 29) assinalava a primeira vez que dois invencíveis campeões dos «pesados» se já defrontaram.

Frazier: «o que me aborreceu foi ter sido forçado a cortar a perna».

Os prognósticos a favor de Frazier baixaram antes para 6-5. Há duas semanas os correctores de apostas de Nevada davam a Frazier um favoritismo de 7-5 e no fim da semana passada esse favoritismo para 13-10.

Personalidades do mundo do espectáculo incluíam Frank Sinatra, Ed Sullivan e Burt Lancaster, que actuava como comentador da emissão de televisão.

Frazier e Ali combatiam ambos por bolsos de 2.500.000 dólares (cerca de 72.800 contos), as mais avultadas na história do desporto.

Charwell Artists Limited, donos dos direitos do combate, deveriam fazer, segundo se esperava, uma receita de mais de 20 milhões de dólares (aproximadamente 581 mil contos).

O combate foi transmitido pela Televisão, em circuito fechado para teatros, recintos e salas de baile dos Estados

Unidos, Canadá e Grã-Bretanha. Também «via satélite» foi visto em 40 outros países por cerca de 300 milhões de pessoas.

Na pesagem que se realizou ao meio-dia de ontem, com um intervalo de duas horas para cada pugilista, Frazier acusou na balança 92,21 quilos e Cassius 97,52.

Entre a assistência viam-se muitas celebridades, a maioria delas sentadas em lugares caríssimos: cadeiras de «ring» ao preço de 150 dólares (4340 escudos) cada.

• Sétimo «assalto»: Cassius, boxeando inteligentemente, esquivou-se aos ataques do campeão e terminou o «assalto» com um ataque a Frazier no canto deste. Perto do fim, Frazier levou Clay até ao seu canto, atingindo-o no corpo: e disparou-lhe dois potentes socos na cabeça, enquanto Clay contestou com bons golpes. Em ambas as ocasiões Clay manejava a cabeça com prontidão, indicando que não ficara magoado.

ADVERTENCIA DO ÁRBITRO

• Oitavo «assalto»: Frazier deu velocidade ao ataque e

ganhou o «round», porque Clay se limitou a defender e, por duas vezes, permaneceu encostado às cordas. Quando o árbitro chamou a atenção para ambos os pugilistas combaterem com ardor, Cassius fez sinal a Frazier para atacar. Joe desferiu a maioria dos golpes, enquanto Clay algumas vezes pareceu indiferente.

• Nono «assalto»: Cassius venceu o «round» atacando com rapidez e desferindo oito sólidos murros consecutivos à cabeça de Frazier. O campeão, porém, atingiu Clay com uma potente esquerda, atirando-o

(Continuação da pág. anterior)

Clay escondeu-se após a derrota

NOVA YORK, 9 — (A.N.I. e R.) — Pela primeira vez na sua vida Cassius Clay perdeu a luta.

Com o maxilar enormemente entumecido, Clay vestiu-se, saiu do vestiário e tomou lugar no seu automóvel para ser conduzido a hospital, sem dizer uma palavra. Já dentro do carro o antigo campeão tentou sorrir mas fez um trejeito de dor.

Suspeita-se que Clay tenha fracturado um maxilar mas não se conseguiu obter uma entrevista com o pugilista vencido porque ele não estava em condições de responder a perguntas.

Cassius encontra-se completamente isolado — declarou um dos treinadores do antigo campeão.

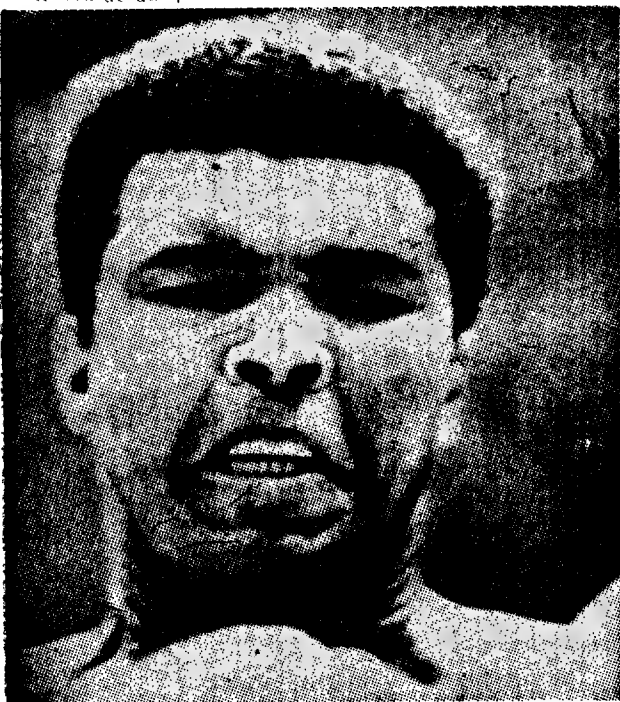
NÃO HOUVE FRACTURA DE MAXILAR

Aliás, o paradeiro de Cassius Clay era esta manhã um mistério. Nos hospitais de Nova York os jornalistas não conseguiram encontrar o pugilista e a Polícia diz não sa-

ber para onde ele foi. Um dos assistentes de Clay, ao fim da manhã informou os jornalistas de que já tinham sido tiradas radiografias ao maxilar, que afinal não estava fracturado. O informador disse no entanto não saber onde tinham sido tiradas as radiografias, confirmando apenas que Cassius Clay não ficou internado para tratamento.

O COMBATE FEZ DOIS MORTOS

A dura batalha que os dois campeões travaram ao longo de «assaltos» custou a vida a dois ferrosos adeptos do boxe. Com efeito, a direcção do Madison Square Garden anunciou que dois espectadores tinham sucumbido nos seus lugares a um ataque cardíaco durante o combate.



Cassius (Mohamed): o admo à invencibilidade

FRAZIER APÓS O COMBATE

«Foi um soco do fundo da alma»

Frazier, na conferência de imprensa, que se seguiu ao combate, começou por pedir desculpa de ter a cara naquele estado. «Na realidade não sou assim tão feio como pareço». Perguntaram-lhe então por que baixara a guarda, oferecendo-se assim a Clay. «Era para lhe fazer ver que não era capaz de me fazer mal» — respondeu o campeão. «Diria mesmo que me sinto ainda mais forte do que no princípio do combate». Clay tinha mostrado excelentes qualidades de encaxador. «O «crochet» que lhe atirei e o fez ir abaixo no último «round» era um «crochet» do fundo da alma. Nele pus tu-

do quanto me restava de vigor e convicção. Disparei-o de muito longe».

Clay, indo às cordas, parecia estar a fazer pa-lhaçada. «Mas não era» — afirmou Frazier. «Era o efeito de todos os socos que já tinha levado. Com efeito, abrandou o seu ritmo e na verdade já não podia deixar as cordas». Frazier terminou: «Não queria que ele alosse a meus pés depois da vitória, como ele tinha anunciado, mas acho que devia pedir-me desculpa de tudo quanto disse a meu respeito. Agora necessito de descanso. Tenho vontade de viver um pouquinho. Há dez anos que trabalho, e duramente».

QUEM TERIA MEDO DESTE CASSIUS CLAY?

Tal como prevíamos o famoso Cassius Clay ou Muhammad Ali não teve pernas, nem fôlego para se impor a Joe Frazier.

Este iniciou o combate no seu típico estilo de «bobbing attack» e, sensacionalmente manteve o ritmo atacante até ao 15.º «round». Clay acusou o afastamento, já na lentidão já na falta de «encaixe» nos golpes ao tronco. Os «ganchos» da esquerda ao estômago pararam sempre a manifestação de Cassius Clay. O homem que desafiou Bonavena nada pôde contra o «Rocky Marciano Negro».

Espectosa a preparação e a resistência de Frazier que não acusou qualquer dos golpes do seu adversário, mais pe-

Por PATRÍCIO ALVARES

sado a com maior «calor» Clay foi uma sombra do antigo e poderoso jovem que fazia «gato sapato» dos melhores «pe-sados» mundiais.

Começou logo por ser advertido por agarrar e assim procurou conter os ataques de Joe Frazier. Este impôs a «meia-distância» e utilizou as pressões de Clay para o golpear com poderosos «ganchos» da esquerda, um dos quais o derrubou no derradeiro «assalto».

E Frazier continua campeão do Mundo de todas as categorias depois de desfazer o mito de Cassius Clay. Agora, dá-se como provável a retirada de Frazier, evitando assim que um dia venha também a ser destruído o seu próprio mito.



Frazier, o «cantor-pop» que é — agora — rei incontestado do boxe

CASSIUS CLAY CONFESSA: «FRAZIER É UM GRANDE CAMPEÃO»

NOVA YORK, 9 — (F. P.) — Clay tinha um ar triste e desapontado. Primeiro, recusou-se a responder às perguntas, mas depois consentiu em declarar a Burt Lancaster: «Joe Frazier é um grande, muito grande campeão. Mostrou esta noite. Outro que não fosse ele não teria resistido à minha avalanche de socos. Terminou esplendidamente. A decisão concedida é muito severa para mim...»

— «Acha-a justa?» — perguntou-lhe Burt Lancaster.

— «Nada mais tenho a dizer por agora» — respondeu Clay. O seu treinador reve-

lou que Clay tenciona desafiá-lo para novo combate na primeira oportunidade.

— A primeira coisa que ele me disse ao chegar ao vestiário depois do combate foi: «Prepara-te para a próxima».

O treinador garantiu que Cassius Clay voltaria a tentar arrebatá-lo título e disse que desta vez não haverá tão grande intervalo entre os combates.

or seu turno, Frazier declarou que terá muito prazer em conceder a desforra ao adversário mas acrescentou: «Não creio que ele queira outro combate. Eu por mim estou às ordens em qualquer altura.»

MÁRIO CASTRIM VIU PELA TV MADISON SQUARE GARDEN DE MADRUGADA EM ELVAS

Os socos dados em Nova York ouvem-se na sala de Portugal. Dão cinco horas da madrugada, caem pesadas, como gotas de azeite, da torre da Igreja no largo tranquilo. A milhares de quilómetros, dois homens estão num corpo-a-corpo feroz. Duas massas pesadas, brutalmente activas. Duas tácticas frente a frente: Frazier martela o estômago, o flanco, para chegar à direcção, ao bureau; Cassius Clay martela o rosto, a cabeça (o «bureau») para chegar aos músculos. As câmaras de televisão assestam, implacáveis, os olhos sobre os dois homens em busca de destruição. Os socos de Frazier os flancos de Cassius Clay parecem rebentar no saco de areia; pressente-se o golpe do punho de Cassius no rosto de Frazier. Pressente-se. Ao certo, não se sabe: o pugilista branco, de calções brancos, baixa a cabeça em direcção ao estômago do pugilista negro, de calções negros. A câmara de televisão não larga o pugilista branco, acompanha-o até ao seu canto: vê-se o risco de sangue descendo da arcada. Os socos acertaram.

A reportagem volta atrás para nos dar, ao retardador, imagens do round. A televisão inaugura, também, no boxe a hora da proximidade, a hora da verdade. Frazier leva punhadas no rosto, mas ataca, empurra Cassius para as cordas, tira-lhe liberdade de acção. Cassius, sorridente, pousa a mão sobre a nuca do adversário de súbito transformado em inimigo. Como se afa-gasse uma criança.

A televisão dá a caminhada, o roteiro do combate: Frazier a investir como um touro, desordenado, a coleccionar directos com a tranquilidade do bebé que engole a papinha matinal. Quase indiferente, enquanto luta. Mas angustiado quando recolhe ao seu canto. A câmara vai até lá: mostra-lhe os traços escuros ao canto dos olhos, e sangue. Verdadeiro. Mostra-lhe as nódoas negras na testa. O belco inchado.

No outro canto, Cassius Clay está tranquilo, mas o sorriso apaga-se-lhe na boca, lentamente, como um cigarro que já não sabe bem. Deixa-se cair na ratoeira de Frazier: aceita o corpo-a-corpo, encosta-se às cordas quase com prazer, quase com deleite. Entretanto, de cabeça baixa, Frazier abre, nos flancos do adversário, um túnel por onde se lhe escapa a resistência. Cassius segura-o pelo pescoço. Uma pega de caras. Algo que se parece com um abraço fraterno — e não é outra coisa senão o gesto preventivo, defensivo, de fugir ao súbito murro de Frazier que pode explodir à saída do abraço. Abraço que Frazier demora. O tempo vai pas-

sando, os pontos somam-se a seu favor.

Os técnicos em volta do ring, interrogam-se. Porquê Clay não usa o seu jogo de pernas, não evita a torrente de Frazier o seu apetite de piranha? A verdade aparece nítida na pequena janela do televisor: Cassius Clay está fatigado. As pernas levam-no, não o bailam. Fala-se da deficiente preparação física, Frazier, pelo contrário, está fresco e leve como aquele anúncio de laranjadas na televisão espanhola. Frazier é homem bem comportado. Não esteve inactivo durante três anos por razões alheias ao boxe. Cassius, pois claro, não pode preparar-se. Pouco mais lhe resta além de aguentar, com a possível bonomia, os ataques desencabrestados do Frazier e a sua raiva surda e miudinha contra o estômago e os rins. O seu rosto está limpo, mas a visão começa a turvar-se. O adversário bombardeia sistematicamente as vias de comunicação: cada murro no flanco é uma contracção, cada «cabeçada» no estômago é uma náusea. Para bater não tem senão a nuca do adversário. Demasiado dura. Os músculos de Frazier funcionam bem. As bombas esportivas que Clay lhe deixa cair sobre o quartel-general não afetam as operações: o combate prossegue quase por força da inércia. Frazier dá a impressão de que não precisa da cabeça para nada. Clay ode bater quanto lhe apetece. Se lhe arrancassem a cabeça, decerto Frazier continuaria a lutar, os punhos continuariam a transformar os flancos de Clay em carne picada.

(Nova York diz a reportagem espanhola, está suspensa do combate. A vida parou na grande cidade. As ruas desertas. E não só aí. Milhares e milhares de pessoas rodeiam o minúsculo quadrado de Madison Square Garden.

A fisionomia do combate não se altera. Frazier faz agiotagem de pugilismo: põe socos breves e repetidos a render juros (a render pontos) nos flancos de Cassius Clay. Este não tem espaço para manobrar: raramente pode estender o braço. Entretem-se a fazer ralar na cara do adversário. As câmaras de televisão, num alarde de virtuosismo, procuram novas posições. Podem manobrar à vontade: os pugilistas param, sistematicamente, contra as cordas.

Os últimos três minutos. O último assalto. A reportagem espanhola diz-nos que vão ser «os três minutos mais intensos da vida de Nova York». Sabe-se que Frazier tem a vitória assegurada por pontos, e que vai defender cuidadosamente essa vantagem. Mas há quem espere uma reviravolta, há quem acredite na recuperação de Clay.

De Clay que não encaixa o «swing» e vai ao tapete. Sobe uma exclamação, um clamor. Madison Square e os milhões de pessoas que seguem o combate pelo televisor sabem que o combate terminou.

Terminou. A televisão alheia-se do ambiente, da vertigem dentro e fora do ring. Trabalhador incansável, pega ao retardador na queda de Cassius Clay, pega nisso com prazer com volúpia, como se continuasse, ela, a bater em Mohamed Ali, dá três vezes ao retardador três vezes, três vezes, e sempre com novos ângulos, três vezes sempre com um pormenor mais, três vezes Cassius Clay a receber o golpe a cair, a estender-se no tapete, a levantar-se perosamente, três vezes vencido, três vezes derrotado numa vez só. Eis Frazier transportado entre o público numa caixa de ajudantes e polícias. Eis o vencedor, com o rosto inchado, coberto de equimoses, com nódoas e riscos de sangue; eis o vencido, ainda dentro do ring, estranhamente calmo e sério, a trocar impressões com os seus auxiliares.

Séis horas da manhã. Milhões de pessoas estão fatigadas, moldas, esgotadas, arroladas pela força do boxe industrial. Milhões de pessoas fazem como eu: vão tomar um duche. Vão procurar esquecer o espectáculo de dois homens que procuram mutuamente, destruí-los.

A PONTUAÇÃO

NOVA YORK, 9 — (F. P.) — Foi como segue a contagem dos juizes do combate Frazier-Clay:

- Para Artur Mercante (árbitro): 8 «assaltos» para Frazier, 6 para Clay e um empate.
- Bill Reoch: 11 para Frazier e 4 para Clay.
- Artie Ardale: 9 para Frazier e 6 para Clay.

FRAZIER CONTINUA CAMPEÃO DO MUNDO

(Continuação da pag. anterior)

contra as cordas. Frazier estava a sangrar ligeiramente do olho esquerdo. Ao terminar o «assalto» ambos os pugilistas acenaram um para o outro.

• Décimo «assalto»: Frazier desferiu vários e poderosos murros à cabeça de Cassius, e este contra-atacou com esquerdas e direitas à cabeça do campeão. Frazier tinha um ligeiro alto acima do sobrolho direito. O árbitro separou os dois pugilistas, e o campeão afastou-se e pareceu estar a queixar-se, no seu canto, da intervenção do juiz do combate.

CLAY EM DIFICULDADE

• Undécimo «assalto»: Frazier atingiu Cassius com

uma tremenda esquerda, que quase o atirou ao chão. Seguidamente, amparou-se às cordas e, então, com as pernas pouco seguras, actuou de maneira a pôr Frazier até ao final do «round». No primeiro minuto do «assalto», Cassius caiu, mas devido a ter escoregado no canto molhado de Frazier.

O médico visitou Cassius no seu canto antes de começar o 12.º «assalto» e perguntou-lhe se o «boxeur» se encontrava bem.

Evidentemente, que Clay respondeu que sim, mas encontrava-se extremamente fatigado.

• Décimo segundo «assalto»: Frazier atingiu fortemente o adversário com duas potentes esquerdas, mas Clay (apesar de atordoado) contra-atacou: mas sem eficácia durante o resto do «round». Frazier ganhou o «assalto» por larga margem. O campeão ti-

nha um ligeiro corte dentro da boca. No fim do assalto, os «segundos» de Clay atiraram-lhe com água ao rosto e ao corpo.

• Décimo terceiro «assalto»:

O campeão ganhou por uma sólida margem a Clay, lançando-lhe numerosos golpes nos «cantos» do ringue. Frazier atingiu com potentes murros a cabeça e o corpo do adversário. Numa ocasião, com uma esquerda potente, atingiu a cabeça de Cassius, o que o fez oscilar. Porém, ao terminar o «assalto», as pernas de Clay não acusavam fraqueza, e dirigiu-se com firmeza para o seu lugar.

• Décimo quarto «assalto»:

Cassius tentou recuperar-se neste «assalto» atacando a cabeça de Frazier, mas este retorquiu com bons golpes, num esforço para atingir Clay num ponto vulnerável: que o derrubasse para a contagem final. Frazier teve um ligeiro corte ao longo da vista direita, e já

tinha sido atingido acima da vista esquerda.

• Décimo quinto e último «assalto»: Frazier atirou o adversário ao solo com um formidável «gancho» ao queixo, no primeiro minuto do «assalto». Clay rolou no chão até à contagem de oito, e então levantou-se. O campeão continuou a atacar furiosamente durante o resto do assalto. Cassius levou a maior parte do «assalto» tentando equilibrar-se de qualquer forma. O queixo do lado direito estava inchado, e os seus olhos estavam vidrados, e Frazier ri-se dele quando tocou o «gong» para anunciar o final do combate, com a vitória aos pontos conquistada pelo campeão.

Mercante que já arbitrou combates de Frazier, disse ainda que este nunca se mostrou tão rápido e tão temeroso. «Não julguei nunca que ele aceitasse o combate de per- te.»



FLORENCE FRAZIER, mulher do campeão Joe Frazier, conforta a filha do casal do Netta pouco antes do pai se encontrar com Cassius Clay no Madison Garden. Florence disse aos jornalistas que tentaria não pensar no combate.

CHUVA DE GOLOS NO «REGIONAL» DE HÓQUEI

Mais uma jornada (a 19.ª) do torneio de qualificação para o campeonato metropolitano de hóquei em patins (Zona Sul), com resultados que se podem considerar dentro das expectativas.

Benfica, 5-J. Salesiana, 1
BENFICA — Ramalheira; Gasimiro (1), Garrancho, Jorge Vicente (3) e Rodrigues (1).
J. SALESIANA — Coelho; Sombriheiro, Venâncio, José Virgílio e Chana (1).

Pareda, 6-C. Ourique, 5
PAREDE — Branco; Diogo, Leitão (3), Alexandre (2), Amfizar e Coelho.
C. OURIQUE — C. Alves; Antunes, Rui (1), Catarino, Quim (3), Pereira e Campos (1).

Oeiras, 16-L. Algés, 3
OEIRAS — J. Pereira (Rus); Rosado (2), Cristóvão (2), Carvalho (2), Ricardo (4) e Campos (2).
LIGA DE ALGÉS — Cerca; Baraló, Moura, Luís (1), Ramalho, Vasconcelos (2), Moreira e Henriques.

Belenen., 9-F. Benfica, 6
BELENENSES — Borges; Nunes (2), Saraiva, Garcia (2) e Carlos Gomes (2).
F. BENFICA — Neto; PL-

neiro, Jaime (3), Alexandre (3), José Carlos e Tó Zé (ex-Sporting).

Sporting, 11-Cascais, 5
SPORTING — Vitor Ferreira; Reis, Barata (1), Puskas (6), Paulo, Lourenço (3) e Adriano (1).
CASCAIS — Paulinho; José Carlos (1), Sombriheiro, Barros (4), Cunha e Luís Costa.

C. U. F., 2-P. Arcos, 1
C. U. F. — V. Domingos; José Carlos, Zezinho, José António e Leonel (2).
P. ARCOS — Monteiro; Alfredo, José Rosa, Rafael, Abreu (1) e Correia dos Santos.

Classificação: 1.ª, Benfica, 48 pontos; 2.ª, C. U. F., 43; 3.ª, Pareda, 40; 4.ª, Sporting, 39 5.ª, P. Arcos, J. Salesiana e C. Ourique, 38; 6.ª, Oeiras, 37; 7.ª, Cascais e Belenenses, 35; 11.ª, F. Benfica, 20 e 12.ª, Liga de Algés, 19.

Formada a selecção de Lisboa

A selecção de Lisboa de hóquei em patins, que tomará parte no torneio entre selecções regionais a realizar no fim deste mês, no Estoril, será formada pelos jogadores seguintes: Ramalheira (Benf-

ca) e Coelho (J. Salesiana), guarda-redes; António José (Benfica) e Reis (Sporting), defesas; Garrancho (Benfica) e Leitão (Pareda) médios; Jorge Vicente (Benfica), Luís Barros (Cascais), Abreu (P. Arcos) e Puskas (Sporting) avançados.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

No Pavilhão do Naval Setubalense, actuaram as equipas femininas de basquetebol

da C. U. F. e do Sporting, em jogo a contar para a 7.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão (zona Sul).

Amnharam e marcaram: C.U.F.-Lucinda Valente (10), Albertina Sousa (6), Maria Carvalho (10), Maria Baptista (9), Maria do Céu (1), Ana Silva, Maria Sousa e Maria Viçosa.

SPORTING — Maria Lopes (8), Filomena (9), Ana Magalhães (10), Isabel Pratas (6), Maria Dias, Dulce Baptista e Catarina.

Com a realização de mais uma jornada prosseguiu o campeonato regional de 2.ª categorias (seniores) da Associação de Basquetebol de Lisboa.

Resultados: Algés-Benfica, 40-64, Ateneu-Nacional 41-29 e Sacavenense-C. D. U. L. 37-42.

VOLEIBOL

Com o encontro CDUL-L. Ginásio prosseguiu, no Estádio Universitário, o campeonato de Lisboa em voleibol, tendo-se registado o triunfo «gnasista» por 3-2 (6-15; 14-16; 15-5; 15-12; 15-12).

CDUL — Mena Reis, Valério Capaz, Moniz Pereira, Amauri, João Passarinho e José Brochado.

L. GINÁSIO — Mota Carmo, José Borges, Vilar Moreira, Xara Brasil, Cazaal Ribeiro, José Pimpão e Rodrigo Carvalho.

O encontro correspondeu ao que dele se esperava, pois foi equilibrado e emotivo quanto ao vencedor.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de Juniores (desempate); Sport. ng - Passos

Manuel, às 21, no Pavilhão de C. Ourique.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino da I Divisão: Nacional-Encarnação, às 21; e C. U. F. V. tória de Setúbal, às 22 e 30, ambos no Pavilhão da Ajuda.

Campeonato Nacional Feminino da II Divisão: Benfca-Educação Física, às 21 e 30, no Pavilhão da Luz; e Algés-C. D. U. L. às 21 e 30, em Algés.

Campeonato Metropolitano da I Divisão (jogo de repetição): Sporting-Académica, às 22 e 30, no Pavilhão da Ajuda.

TÊNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão: Benfca-Paço de Arcos Ávila-Mirantense, Belenenses-Sporting e Intendente-Ateneu.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa Feminino: Benfca A.C.D.U.L. A. às 19 e 45, no Liceu D. Pedro V; e C. U. F. Medicina, às 19 e 30, no Estádio Universitário.

EM LEEDS, COM BOM TEMPO

O Vitória espera confiante

Instalada no Queen's Hotel, em Leeds, a comitiva do Vitória de Setúbal aguarda calma e confiante a hora do jogo de amanhã frente ao Leeds United, para a primeira «mão» dos quartos-de-final da Taça Europeia das Taças.

Tempo primaveril na Inglaterra, sem neve, nem chuva, nem temperaturas negativas. Tempo de excepção para um encontro que está a despertar excepcional interesse.

No Vitória, tudo em ordem. Pedroto tem programado, para hoje, um ligeiro treino de desentorpecimento e habituação ao piso, num campo vizinho do estádio onde o jogo se desenrolará.

Entretanto, é a seguinte a constituição provável das duas equipas:

LEEDS — Harvey; Reaney, Cooper (Davey), Bates e Jacky Charlton; Hunter e Lorimer; Clarke (Beliff); Jones, Giles e Madeley.

VIT. SETUBAL — Torres; Cardoso, Rebelo, José Mendes e Carriço; Octávio, José Maria e Vagner; Guerreiro, Vitor Baptista e Jacinto João.

O ineditismo do concurso de anteontem — apenas com jogos de campeonatos estrangeiros — constituiu um elucidativo teste sobre o permanente interesse da maioria dos totobolistas. 86 Espanha e Itália... e quase 6 mil contos para prémios!

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

O sistema de 6 «triplas» e 1 «dupla» «condicionado ao 12» desdobra-se em 9 boletins de 18 apostas, cada um. Acertando nos «fixos» e nas «duplas» há GARANTIA TOTAL de 12 resultados certos — a percentagem para o 13 é de 11,11.

Obtendo um «treze» haverá, também, 5 «dozes».

TRIPLA	1	X	2	1	X	2	1	X	2
TRIPLA	1	X	2	X	2	1	2	1	X
TRIPLA	1	X	2	2	1	X	X	2	1
TRIPLA	1	1	1	X	X	X	2	2	2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

O custo deste sistema é de 324\$00. Sem o «condicionamento para 12» custaria 2916\$00.

2x2 totobola

O próximo concurso

Do Limianos-Régua ao Torino-Inter

1. Limianos-Régua
2. Valecambrense-Anadia
3. Naval-Covilhã
4. E. Portaleg-Almeirim
5. Sacavanense-Estóvil
6. U. Montemor-Lusitano
7. Espanhol-Celta
8. Granada-Barcelona
9. Sevilha-At. Madrid
10. R. Sociedade-Málaga
11. Cagliari-Juventus
12. Roma-Lazio
13. Torino-Inter

Em pouco mais de metade deste concurso mantêm-se as características do anterior — isto é, jogos dos campeonatos espanhol e italiano. Mas desta vez as provas portuguesas estarão representadas — com 6 jogos — pelo campeonato da III Divisão, a competição nacional que envolve maior número de clubes.

Vejamos, jogo por jogo:

III DIVISÃO

Zona A

1. LIMIANOS-RÉGUA — Entre as 16 equipas da Zona, «Os Limianos» ocupam o 7.º lugar, com 23 pontos — mais um que o D. Régua, que está na 8.ª posição. No seu último jogo em «casa» «Os Limianos» empataram com o D. Chaves e no último jogo «fora» o D. Régua perdeu com o D. Aves (0-3).

Zona B

2. VALECAMBR. - ANADIA — O Valecambrense é 11.º da Zona, com 16 pontos — menos

6 que o Anadia, que está no 6.º lugar. No seu último jogo em «casa» o Valecambrense empatou com o Sp. Covilhã (0-0) e o Anadia perdeu em Oliveira de Azeméis por 0-2, na deslocação mais recente.

3. NAVAL COVILHA — O Naval está no 10.º lugar com 17 pontos. Por seu turno o Sp. Covilhã está no 2.º lugar a um ponto do «leader».

Zona C

4. ESTRELA DE PORTALEGRE-ALMEIRIM — Os portalegrenses ocupam o 7.º lugar com 20 pontos. No último jogo em «casa» perderam por 0-2 com o Casa Pia A. C., o U. Almeirim (3.º lugar, 21 pontos) perdeu anteontem no Estoril por 0-4.

5. SACAVANENSE - ESTORIL — Vencendo no passado domingo o Alferrarede (5-0) o Sacavanense ocupa agora o 2.º lugar com 25 pontos — mais 2 que o Estoril, 5.º classificado. O Estoril venceu em Alferrarede (por 1-0), a sua última vitória «fora».

Zona D

6. U. MONTEMOR-LUSITANO — O Lusitano de Évora ganhou na última «saída» (Beja) por 1-0 e está no 2.º lugar, com 17 pontos. Entretanto, o U. Sport de Montemor venceu, no seu campo o Almada (2-0), perdendo posteriormente na Amora. Está no 8.º lugar, com 19 pontos.

CAMPEONATO DE ESPANHA

7. ESPANHOL-CELTA — No último jogo no seu campo, o Espanhol (13.º classificado com 19 pontos) cometeu a proeza de vencer o At. Bilbao (1-0). Ao mesmo tempo o Celta (6.º, 28 pontos) perdeu no campo do Sabadell por 2-3.

8. GRANADA-BARCELONA — O Granada ocupa o 9.º lugar com 22 pontos e no último jogo em «casa» ganhou ao Gijón por 3-0. O Barcelona — 4.º com 32 pontos — empatou há pouco no terreno do Valência, que era o «leader».

9. SEVILHA - AT. MADRID — Vencendo no passado domingo o Valência, o Atlético madrileno é o novo «leader», com 33 pontos. O Sevilha 7.º classificado com 27 pontos venceu no seu último jogo em «casa» o Málaga por 1-0.

10. R. SOCIEDADE-MÁLAGA — Referida já a última «saída» do Málaga, falta dizer que esta equipa está no 10.º lugar com 21 pontos — menos 4 que o R. Sociedade, seu próximo adversário, que no último jogo e no seu campo venceu o Las Palmas por 1-0.

CAMPEONATO DA ITÁLIA

11. CAGLIARI-JUVETUS — Tendo empatado em «casa» com o Inter (1-1) e «fora» com o Foggia, o Cagliari (21 pontos) vai defrontar o Juventus que, depois de empatar com o Milan, venceu por

4-1 o Nápoles e está agora com 24 pontos.

12. ROMA - LAZIO — Após ter vencido o Varese, em «casa» por 3-0, e empatado com o Roma, (21 pontos) defrontará o Lazio. Nos seus últimos jogos, este perdeu «fora» com o Verona (0-1) e empatou em «casa» com o Bolonha (2-2).

13. TORINO-INTER — Mesmo jogando em «casa», o Torino terá um adversário difícil — o Inter, com 29 pontos. Nos seus últimos jogos, o Torino perdeu por 2-3, em «casa» com o Vicenza, e empatou em Florença, enquanto o Inter empatava «fora» (0-0) com o Cagliari e depois venceu o Milan por 2-0.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos Concursos n.º 27.º das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62		xx2	122	12x	21x1
62-63		121	111	111	xx11
63-64		112	1x2	121	1x1x
64-65		12x	xxx	211	x222
65-66		xx1	1x1	22x	1211
66-67		1x2	122	211	xx11
67-68		1x1	1x2	xx1	1111
68-69		212	112	12x	1x21
69-70		111	211	x2x	x11x

- a) No jogo n.º 9 nunca saiu o símbolo «2».
- b) Nas épocas 61-62 e 65-66 o Totobola voltou a «fazer» milionários;
- c) Na época 64-65 — cinco «X» e cinco «2» — não houve totalistas;
- d) Este é mais um daqueles Concursos que promete...

O CONCURSO QUE SE SEGUE

Os campeonatos nacionais da primeira e segunda Divisões reatam-se no próximo dia 21, e o concurso do Totobola, como é hábito, incide sobre duas provas. Assim:

I DIVISÃO

Guimarães-CUF
Porto-Académica
Belenenses-Varzim
Tirsense-Setubal
Barcelense-Leixões
Benfica-Farense

II DIVISÃO

Gouveia-Lamas
Famalicão-U. Leiria
Penafiel-Sanjoana
Seixal-Torres Novas
Oriental-Atlético
U. Tomar-Montijo
Torriense-Sesimbra

CARTAZ DOS CINEMAS



*** ROMA**
(Adultos) Tel. 72178
As 21.45 — **ESTREIA**
UM BELÍSSIMO NOVOBRO
com Gina Lollobrigida,
Gabriel Byrne e André
Lawrence
COLOR

*** BERNA**
(M. 12 anos) Tel. 77999
As 18.30 e 21.45
3ª SEMANA TRIUNFAL
Jack Lemmon e Sandra Dennis
Numa desconcertante e oportu-
níssima aventura
A SORTE VIAJOU DE BARCO
(A Av. Marques de Fomar)

*** MONUMENTAL**
(M. 12 anos) Tel. 566133
As 15 e 21.30
PATTON
com George C. Scott e Karl
Malden
Em 70 mm
QUINZENA
FICÇÃO CIENTÍFICA
Amazônia — Adultos — 18.45 h.
2001: ODISEIA NO ESPAÇO
de Stanley Kubrick, com Keil
Dullea e Gary Lockwood

*** SATELITE**
(Adultos) Tel. 862632
1ª SEMANA
As 15, 17, 19 e 21.45
4 espectáculos
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Premio Louis Delluc
com Michel Piccoli, Romy
Schneider e Lea Massari
Este cinema encena a situa-
ção da vida na Monumetal.

*** CHIADO TERRASSE**
(M. 17 ar) Tel. 320317
As 21 horas
BANHOS PARA CORDOBA
DOUTOR VAMOS A ISTO

*** IMPERIAL**
(Adultos) Tel. 45623
As 21 horas
A MINHA TARA
E O DINHEIRO
FLOR AMARGA

*** POLITEAMA**
(M. 12 anos) Tel. 326306
2ª SEMANA SENSACIONAL
As 15.15 e 18.15 e 21.30
COM O GIGANTE DO
WESTERN
MONTGOMERY WOOD
no curioso filme
O PREÇO DO PODER
Um filme que desvenda o mis-
tério de um assassinato pre-
sidencial
— Scope — Technicolor —

*** SÃO LUIZ**
(Adultos) Tel. 321778
As 15.15, 18.15 e 21.30
10ª SEMANA
Um filme romântico
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie-José e Gene Wilder em
O FALHADO AMOROSO
(The Producer)
O filme mais divertido do ano
Color do

*** ALVALADE**
(Adultos) Tel. 717486
As 15.45 e 21.45
Oscars para o melhor
argumento
Zero Mostel e Gene Wilder em
O FALHADO AMOROSO
(The Producer)
O filme mais divertido do ano
Color do

*** EUROPA**
(Adultos) Tel. 861016
As 18.15 e 21.30
No Outono das suas vidas...
aconteceu Amor
Ingrid Bergman e Anthony
Quinn em
CHUVA
NA PRIMAVERA
Color do

*** RESTELO**
(M. 17 anos) Tel. 6163078
As 21.30
O ÚLTIMO ADEUS
com Sophia Loren e Marcello
Mastroianni

*** LIDO**
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21.30
Extraordinária interpretação
de Eina Minnelli e Albert
Finney
UM HOMEM
E A SUA HISTÓRIA

*** AVIS**
(Adultos) Tel. 571483
As 15.30 e 21.45
4ª SEMANA
Um filme de emoção
ÚLTIMO DOMICILIO
CONHECIDO
com Marlene Jobert e Lino
Ventura
EASTMANCOLOR

*** ESTÚDIO 444**
(Adultos) Tel. 779995
As 15.30, 18.30 e 21.45
10ª SEMANA
Um filme romântico
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie-José e Gene Wilder em
O FALHADO AMOROSO
(The Producer)
O filme mais divertido do ano
Color do

*** EDEN**
(Adultos) Tel. 327768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Uma jovem melancólica... Uma
jovem bonita... Um homem sem
compulsos... Uma aventura
a três
O CEGO DESEJO
com Carol Baker e Lino Castel
Colorido

*** CONDES**
(Adultos) Tel. 52523-326710
As 18.30 e 21.45
4ª SEMANA
Clint Eastwood — Telly Savalas
— Dennis Quaid
HEROIS POR CONTA
PRÓPRIA
— KELLY'S HEROES —
Metrocolor — 70 mm

*** VOX**
(Adultos) Tel. 728008
As 18.30 e 21.45 h.
A mais recente e excitante rea-
lização de André Cavallet
OS CAMINHOS
DE KATMANDOU
Grande desempenho de Pascale
Audret, Serge Pénabaz e Elin
Martell
(Technicolor)
Junco à Av. de Roma

*** LUMIAR**
(Adultos) Tel. 795296
As 21 horas
O MOMENTO DE MATAR
QUE PENA SERES
VIGARISTA

*** SÃO JORGE**
(M. 17 anos) Tel. 54163
Hoje: As 15.15, 18.15 e 21.30
2ª SEMANA
LE VOY — O Partido
Mais de meio milhão de especta-
dores em Paris para o primeiro
festival de
CLAUDE LÉLICH

*** ODEON**
(M. 17 anos) Tel. 326283
HOJE: As 15.15, 18.15 e 21.30
EXCEPCIONAL EXITO DE
SARA MONTIEL
no seu mais extraordinário e
apetitoso filme de sempre
ESSA MULHER
Emocionante odisséia de uma
jovem a quem o destino nega o
direito de ser feliz
GRANDIOSA REALIZAÇÃO
ADMIRÁVEIS CANÇÕES
EASTMANCOLOR

*** LIZ**
(Adultos) Tel. 48960
As 21 h
O ÚLTIMO ADEUS
COM A PEDRA NO SAPATO

*** IMPÉRIO**
(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
Será uma epidemia da nossa
época? Será uma grande pos-
seia? De qualquer forma es-
tamos na era da
CONTESTAÇÃO GERAL
Em contexto tu contestas, ele
contesta
com Alberto Sordi, Nino Mas-
freti e Marina Vlady
COLORIDO

*** ESTÚDIO**
(Adultos) Tel. 326283
As 15.30, 18.30 e 21.45
10ª SEMANA
UMA MULHER MEIGA
Segundo a obra de Dostoevsky
Um filme de Robert Breunon

*** CASINO ESTORIL**
(M. 12 anos) Tel. 264821
As 17 e 21.30
O GRANDE SILÊNCIO
com Jean-Louis Trintignant,
Eliane Kinski, Frank Wolf
e Sonetta M'gee

*** TIVOLI**
(M. 17 anos) Tel. 50580
As 3 e 6.15 da tarde
e 8.30 da noite
LILLI PALMER, Cristina
Galbo e John Moulder
Brown em
INTERNATO
DE RAPARIGAS

*** MUNDIAL**
(Adultos) Tel. 526743
As 18.30 e 21.45 h
Bibi Andersson, Oren Vrielin,
Richard Boone, Lila Kedrova,
Max Von Sydow e George
Sanders num minucioso caso de
alta-dramagem
A CARTA DO KREMLIN
Um filme de John Huston
em Panavision e Technicolor
Metro Estação Pinar

*** ROYAL**
(Adultos) Tel. 865089
As 21 horas
BAMSE — PAIXÃO
IMPOSSÍVEL

* outros espectáculos

• LISBOA

TEATROS
TEATRO MONUMENTAL — As 21
e 45: «A Casa das Colinas» (17
anos).
VILLARET — As 21 e 45: «De-
pois da Queda» (17 anos).
CAPITOLIO — As 21 e 45: «A
Quemada Manteiga» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«A Cozinha» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«O Inocente» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — As 22:
«Fim de Festa» (7 anos).
TRINDADE — As 21 e 45: «O
Duelo» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23:
«Frasco no grelho» (17 anos).
CINEMAS
OLIMPIA — As 19: «Ursos no
Serro do Fogo» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Quando acabar
a Primavera» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «O último
fica vivo» (12 anos).
PARIS — As 21: «Aventura de
Gerard» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Stiletto» (17
anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «Um
homem para Eternidade» (12
anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Stiletto»
(17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Alçada
para um homem só» (17 anos).
IDEAL — As 21: «O Segredo do
Sr. Vitor» (17 anos).

• Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e
30: «Réptil» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21:
«A segunda verdade» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 7 e
21 e 30: «O grande silêncio»
(12 anos). PALACIO — As 21 e
30: «Onde estavam tu quando os
luzes se apagaram» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSE — As 21 e
30: «A Promessa» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-LEA-
TRO — As 21 e 30: «A vida
intima de Sherlock Holmes» (17
anos).
Outra bnda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 30: «A grande competição»
(17 anos).
BARREIRO — CINE-BARREIRO —
As 21: «O Vingador» (12
anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30: «Mi-
nuto e minuto sem respirar» (17
anos).
Linha de Sintra
BAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «O Tempo dos lobos» (17
anos).
AMADORA — RECREIOS-DESPOR-
TIVOS — As 21 e 30: «O se-
gundo flego» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA —
As 21 e 30: «A mulher lago-
nesa» e «Wister Cory» (17
anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY
As 21 e 30: «Mary Doreen Agn-
te 27» (12 anos).

• PORTO

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 2 e 30: «Amor,
a mãe e o mundo» (7 anos).
COLSEU — As 2 e 30: «El Cam-
peseiro» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 2 e 30:
«O passado» (12 anos).
TRINDADE — As 2 e 30: «Comas
da vida» (17 anos).
BATALHA — As 2 e 30: «Seus
mulheres e macacos» (17 anos).
ESTÚDIO — As 2 e 30: «Dona
vários no passado» (17 anos).
CAMPA — As 2 e 30: «Os Me-
mores do Bonanza» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «A
vingança é minha» e «Perigo de
morte em minutos» (17 anos).
VALÉ FORMOSO — As 21 e 30:
«Um homem irresistível» (17
anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Ca-
meões em Nápoles» (17 anos).

• COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «A
filha de Ryan» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Cidade
perdida... eu, não!» (12 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «O vin-
gador» (12 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30:
«Mori-Helm não perdoo» (17
anos).

farmácias de serviço

• LISBOA

ALFAMA — Mendes Go-
mes, Calçada da Amora,
22 (tel. 63256) * Topo-
da, Calçada da Amora,
83-A (tel. 63472) *
ALCANTARA — Estei-
Nogueira, Rua de Alcân-
tara, 5-A (tel. 637563) *
ALFAMA — Cruz de
Malta, Largo Charanz de
Dentro, 36 (tel. 886 26) *
ALTO DE S. JOÃO —
Daltom, Avenida Mouzinho
de Albuquerque, 16 Praça
Parva Couceiro, 7-A (tel.
84357) *
ALVALADE — Libria, Av.
da greia 4-B (tel. 7 68) *
Celta, Rua Moura Girão,
3-R (tel. 7 062) *
AMOREIRAS — Amorei-
ras, Praça das Águas Li-
vres 8-D (tel. 68 5 5) *
ANJOS — Antolin, Ave-
nida Amante Reis, 88-B
(tel. 44 73) * Magalhães,
Avenida Amante Reis
4-D (tel. 49479) *
ARCO DO CEGO — Pre-
vidência, Rua D. Filipe de
Vilhena, 9-C (tel. 770324) *
AREIRO — Marbel, Av.
de Roma 3-A (telefone
76235) * Lestrelha, Ave-
nida 3-Roma, 8-A (tel.
725445) * Clarendo, Rua
Agostinho Lourenço, 6-B
(tel. 7 033) * Celta, R.

Moura Girão, 3-B (telefo-
ne 71062) *
BAIRRO ALTO — Gon-
çalves, Rua da Rosa 76
(tel. 26268) *
BAIRRO DA LIBERDA-
DE — Zeneff, Rua A. 82
(tel. 65 840) *
BAIXA — Formosinho,
Praça dos Restauradores,
8 (tel. 30927) * Ner-
mal, Rua da Prata, 220
(tel. 32 342-32553) *
SILÉM — Botânica, R.
da Junqueira, 38 (telefo-
ne 638 32) *
BENFICA — Macedo, Es-
trada da Poça do Chão,
69-C (tel. 703697) * Ben-
fita, Estrada de Benfita,
44-A (tel. 70369) *
Canta, Estrada das Le-
zínguas, 202-B (telefone
70364) *
CAMPELUS — Pires,
Rua de Campelus, 27-C
(tel. 682475) * Santa, Rua
Rodrigo de Fonseca 53
(tel. 683488) *
CAMPO DE OURIQUE —
Fidlar, Rua Manoel P. 514
(tel. 687949) *
CAMPO DE SANTANA —
Península, Campo das
Mártyes, do Pôrto 77
(tel. 553308) *
CASTELO — Santa Le-
zite, Rua da Saudade 2-B
(tel. 86983) *
CONDE BARÃO — Aco-

riente, Largo do Conde Ba-
rão, 1 (tel. 66 330) *
ENCARNACÃO — Silva,
Praça das Casas Novas,
ore 66 (tel. 30 972) *
ESTRELA — B. de A.,
Rua Aguiar 32 (tel. 52388) *
ESTRADA DA BAMAIA —
Progresso, Estrada de
Damaia 64-C (tel. 702261) *
ESTRELA — Lindele, R.
Ferreira Borges, 30 (tele-
fone 660955) * Neves, R.
da Bela Vista 35 (telefo-
ne 66 25) *
LUMIAR — Patuleia, R.
do Lumiar 22 (tel. 790332) *
Douro, Alameda das
Linhas de Torres 93-A (tel.
99 3) *
MADRE DE DEUS — Ma-
de de Deus, Rua da Mor-
gan, 5-B (tel. 300 Bairo de
Grão (tel. 382470) *
OLIVEIRA — Simão, Rua
Capitão de Cabinda, 6-A
(tel. 3 058) *
PAREDE — Simão, Rua
Capitão de Cabinda, 6-A
(tel. 3 058) *
PEDROÇOS — Higilux,
Rua de Pedreiros, 50 (tele-
fone 6 0280) *
PENHA DE FRANÇA —
Europa, Avenida General
Rodrigues, 27-A (tel. 84380) *
Fonseca, Rua de Carvalhos
Araújo 46-B (tel. 84 708) *
Nogueira, Rua Helder-
ro Salgado 20-A (telefo-
ne 84436) * Zema, Rua

General Justino Padrel,
va Cascais, 805 Barba-
dosos (tel. 832580) *
PICHELEIRA — Mariz,
C. 8 (tel. 120708-728395) *
SANTA MARTA — Ma-
rius Sarmiento, R. de San-
ta Marta 5-A-B (telefo-
ne 49450) *
S. BENTO — Micoel, R.
de S. Bento, 300 (telefo-
ne 662 62) *
S. SEBASTIÃO DA PE-
REIRA — Berna, Aveni-
da de Berna, 44-A (telefo-
ne 773568) * S. de Be-
nedita, Rua Marquês Sá da
Bandeira, 36-42 (telefones
4 961-54672) * Oliveira
Viegas, Rua de Vimeiro,
29-A (tel. 49966-55360) *
Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes
— Av. Comb. 6 Guerra,
166 (Tel. 213953) *
CAXIAS — Nova — R.
Bernardim Ribeiro 1-A (Tel.
242839) *
PAÇO DE ARCOS —
Trindade Brás — R. Costa
Pinto, 186 (tel. 243034) *
OIRAS — Gadinho —
R. Candido dos Reis, 98
(Tel. 2430090) *
PAREDE — Aisir —
Bairro das Casas da Pre-
vidência — Bloco A (Tel.
2477948) *
ESTORIL — Marques dos
Santos — R. Ferreira, 7-A
(Tel. 260 16) *
CASCAIS — Conde —
Av. Conde G. Guerra, 40
(Tel. 281 479) * Nova —
Est. de Alameda Fontai-
nhos (Tel. 2810044) *
S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (Tel. 263052) *
Outra bnda
ALCANTARA — Gamelas
— L. António dos Santos
Jorge, 15 (T. 234100) *
ALFOS VEDROS — Por-
tuget — Av. da Bela Ro-
sa, 8 (tel. 224256) *
ALMADA — Megalhães —
R. Capitão Leão, 8-A
(Tel. 270242) *
BAIXA DA BANHEIRA —
Nova Fátima — Est.
Nacional, 221-B (telefone
224141) *
BARRENHO — Pimenta
— R. Cons. Joaquim An-
tônio de Aguiar, 259 (Te-
lefone 2278012) *
COVA DA PIEDADE —
Atlântica — Quinta do
Pombal 1 (Tel. 274365) *
MOTA — União Mel-
tense — Av. Dr. Teófilo
Braga (Tel. 239025) *
MONTIJO — Montepio
— Av. Amante Reis, 93
(Tel. 230035) *
S. SEBASTIÃO — Lopes —

R. Cândido dos Reis, 67
(Tel. 229028) *
SETÚBAL — Rosado Pin-
to — P. do Bocage (Tel.
22484) * Nova — R. Ge-
neral Gomes Freire (Tele-
fone 22052) *
SEIXAL — Godinha —
L. da Igreja, 51 (telefone
2218580) *
Linha de Sintra
AMADORA — Melo —
P. D. João I — Lote 146
— Bairro Janeiro (Telefo-
ne 932756) *
AMADORA — Central —
Av. Cardoso Lopes, 25
(Tel. 932210) *
AMADORA — Igreja —
P. da Igreja, 22 (telefone
932210) *
AMADORA — Jardim —
Av. Conde de Oeiras — Le-
gion X-1 — Reboreira (Te-
lefone 588424) *
BAMAIA — D. João V —
Av. Gurgel do Amoral,
2-A (Tel. 970461) *
QUELUZ — GH — Av.
Miguel Bombarda, 28 (Te-
lefone 950117) *
QUELUZ — Simões Le-
pes — Av. Elias Garcia,
51 (Tel. 950123) *
CACÉM — Central —
R. Elias Garcia, 55 (Tele-
fone 9540034) *
MEM MARTINS — Qui-

ma — Est. Mem Martins,
285 (Tel. 2910012) *
S. PÉRG DE SINTRA —
Valente (Tel. 980456) *
SINTRA — Misericórdia —
L. Dr. Gregório de Al-
meida, 2 (Tel. 980058) *
COLARES — Colares —
Abreia (Tel. 299088) *
ORTO
Alves, R. Extensão Liberta-
dor 67 (Tel. 60002) *
Alves Moreira, Av. Rodri-
gues de Freitas 67 (Tel.
5 889) * Antiga Porta do
Olivar, Av. do 20 de Po-
rtal 1-A (tel. 14262) *
Avenida, Av. da Boavista,
16 (Tel. 60342) * Ba-
rão, Rua do Barão, 29,
17-A (tel. 4703) * Ba-
telho 2-A do Barão 16
(Tel. 29524) * São Mano-
el, Rua do Barão, 29 (Te-
lefone 28793) * Campa, P.
da República 8 (Tele-
fone 25 6) * Costa, L.
de 3 Domingos 06 (Tel.
25963) * Estrela, Rua de

COIMBRA
Montes Claros — Rua
Dr. António José de Al-
meida (tel. 25904) * Vi-
gosa e Coimbrão — Rua de
São João (tel. 2608) * Mi-
guel — Rua Fernandes To-
má (tel. 26634) *

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



VAGA DE FRIO

EM PENEDONO NEVOU DURANTE VINTE HORAS

De vez em quando

Vamos ter um mau ano agrícola. São os correspondentes do jornal, espalhados por essa província fora, quem nos põe de sobreaviso. E todos eles coincidem no motivo dessa previsão: as culturas, devido às temperaturas amenas de Fevereiro, desenvolveram-se antes do tempo, com muitas arvoredos já vestidas de folhagem e, até, cobertas de flores; de repente voltou o frio, o vento corrosivo e a geada caustica. Tal como acontece com a agricultura, também os homens ficaram tolhidos quando são obrigados a vestir de novo roupagens espessas, que lhes tolhem os movimentos, quer os do corpo quer os do espírito.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

TEMPERATURAS AS 5 HORAS — Porto 3° Penhas Douradas — 4° Coimbra 2° Portalegre 0° Lisboa 4° Faro 0° e Funcho, 3°
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 31,4 mínima: Penhas da Saúde

SITUAÇÃO GERAL — Em Portugal Continental, o tempo estava em geral muito nublado, o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em algumas zonas.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado predominando de Leste; aguaceiros fracos que serão de neve nas terras altas do Norte e Centro; possibilidade de trovoadas no Algarve.

Amorim
Nascer às 7 e 57
Ocaso às 19 e 37

Die 12 Die 20 Die 26 Die 2

MARÉS:
PREIA-MAR: Hoje — 2 e 55 (3,1 m); 2 e 2 (3,6 m); Die 10 — 3 e 34 (3,9 m); 6 e 3 (5,1 m); Die 11 — 4 e 3 (4,2 m); 6 e 3 (3,8 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 8 e 13 (1,1 m); 20 e 40 (1,3 m); Die 10 — 9 e 37 (1,1 m); 6 e 4 (1,2 m); Die 11 — 9 e 35 (1,0 m); 2 e 46 (1,1 m).

• HÁ ALDEIAS ISOLADAS PELA NEVE EM TRÁS-OS-MONTES E NA BEIRA

Piora a situação provocada pela súbita vaga de frio, muito especialmente em toda a parte interior do País, onde há localidades em que neva ininteruptamente, há 20 horas.

Noutras terras deixou de nevar, mas o frio intenso apanhou as populações e prejudica as culturas, muitas delas já a rebentar devido à Primavera precoce que tivemos nas últimas quatro semanas, até aos primeiros dias do mês corrente.

Muitas terras das Beiras e de Trás-os-Montes permanecem cobertas por espessa camada de neve. Os transportes são afectados em numerosas estradas e há até a registar o facto de se encontrarem isoladas quase todas as aldeias do concelho de Carrizada de Ansiães (Trás-os-Montes), embora o problema possa ficar resolvido hoje ou amanhã. Anteontem e ontem caíram

nevoões em Celorico da Beira, Santa Marta de Penaguião, Belmonte, Guarda, Penamacor, Covilhã, Moncorvo, Laços, Idanha-a-Nova, Viseu, Vila Real, Montalegre, etc. É curioso notar que até em Coimbra e em Aveiro caíram alguns flocos.

Mas o frio não tem sido exclusivo do Norte e Centro; também no Sul se «bate a dentes». Segundo informações do Serviço Meteorológico Nacional, as temperaturas mínimas registadas durante a noite de ontem foram de 2,9 graus em Lisboa, 2 em Coimbra e 1,8 no Porto. Registaram-se temperaturas negativas em Bragança (-4), Penhas Douradas (-9), Portalegre (-8) e Beja (-1).

Carreiras interrompidas em Carrizada de Ansiães

Conselho de Ministros

Sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Castano, reuniu-se hoje, à tarde, no Palácio de São Bento, o Conselho de Ministros.

CARRIZADA DE ANSIAES. 9 — Esta vila encontra-se coberta por espessa mancha de neve, o mesmo acontecendo na maior parte do concelho. Nevou muito durante todo o dia de ontem, até ao princípio da madrugada de hoje. Esta manhã, nas ruas da

vila, a neve atingia cerca de meio metro, mas nas serras, nos locais batidos pelo vento, a camada nevava-se a um metro.

A situação (que deve manter-se hoje e amanhã) imprevista que se realizasse as carreiras diárias entre esta vila e a estação do Tua Além disso, assinava-se que a maior parte das estradas do concelho estão intrançáveis, e a maior parte das aldeias isoladas.

No entanto, na sede do distrito, Bragança, ainda não nevou, embora faça muito frio. Também não caiu ainda nos concelhos de Macedo de Cavaleiros e de Miranda do Alentejo, Moncorvo, porém, está sob um grande nevão, como os muitos

anos não acontecia nesta altura do ano.

Vinte horas a nevar em Penedono

PENEDONO. 9 — É dramática a situação neste concelho onde nevou ininterruptamente cerca de 20 horas. A neve atingiu uma espessura que em alguns locais ultrapassa o meio metro. Praticamente todas as freguesias do concelho estão isoladas. O trânsito rodoviário está completamente paralisado. Os lavradores debatem-se com a mais séria crise de comida para os animais dos últimos anos. Dada a espessura da neve e as actuais condições meteorológicas, não se prevê para breve a normalidade da situação.

150 QUILOMETROS DE NOVAS ESTRADAS NO NORDESTE DO PAÍS

— anunciadas pelo presidente da J. A. E.

O plano de obras (da Junta) para o corrente ano consigna 170 mil contos à «granda reparação e pavimentação» revelou o presidente da J. A. E., eng. Manuel Gaspar, ao empossar, hoje, três novos altos funcionários daquele departamento.

O eng.º Manuel Gaspar disse que estão, igualmente previstos 190 mil contos para reedificação de traçados e variantes, e, ainda, 120 mil contos para construção de novas estradas e pontes, a concluir em 1972 e 1973, no total de 385

quilómetros, dos quais 150 na região do Nordeste.

Em resposta ao discurso do presidente da Junta Autónoma de Estradas, usou da palavra o eng.º António Ferreira Pinto Basto, novo director de Estradas do distrito de Lisboa.

Os outros empossados são os engenheiros Rui Alcântara de Sousa e Melo e Leonel Pinto Pereira, respectivamente como director chefe da Divisão Técnica da Direcção dos Serviços de Conservação e da 3.ª Brigada de Estudos (Lisboa) da J. A. E.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

UM EMPRESÁRIO

PROCESSOU

CASSIUS CLAY

NOVA YORK. 9 — (R) — O pugilista Cassius Clay, poucas horas antes de disputar o combate com Joe Frazier, teve conhecimento de um processo por quebra de contrato que lhe foi movido por um empresário de Tóquio, o qual pede cinco milhões de dólares de indemnização.

A queixa, apresentada num tribunal desta cidade pela empresa Art Life Association, de Tóquio, diz que Clay não cumpriu o contrato para fazer um filme sobre a sua vida e carreira pugilística.

O empresário Akira Gm, director da organização, diz que Clay nunca fez o filme previsto pelo contrato que assinou a 20 de Setembro de 1967 com aquela companhia, mas no entanto fez dois filmes semelhantes para outras organizações.

Clay tinha-se comprometido ainda a realizar em Tóquio um combate para disputa do título mundial e a entregar àquela empresa filmes dos combates que disputará, o que também nunca cumpriu.

A Páscoa na Terra Santa

Partida em 6 de Abril
9.850\$00

Incluindo: passagens aéreas, pensão completa nos hotéis e a visita completa aos Lugares Santos da Galileia, Jerusalém, Nazaré, Belém, Jericó, etc.

NÚMERO DE PARTICIPANTES LIMITADO

Europeta

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

ANTIGUIDADES

Pintura de «João, filho de Maria» (medida 2,10x1,38 m). Venda: João Trindade (posto St. Teresa), nova est. Lisboa-Perito. Ao km 101. Tel. 42551 de Alcobaca. (Aberto também aos domingos).

duas reedições na obra de

FERNANDO NAMORA

DOMINGO À TARDE

(ROMANCE)

33.º milhar, 8.ª edição

UM SINO NA MONTANHA

(CADERNOS DE UM ESCRITOR)

11.º milhar, 3.ª edição

dois livros novamente à venda em todo o País numa edição de

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

TRADUÇÕES DE FRANCÊS E INGLÊS

Feitas no domicílio. Exige-se grande correcção no português. Volume considerável de trabalho.

Resposta a este jornal, ao n.º 735, com todos os detalhes, nomeadamente com o preço pedido por página dactilografada de 25 a 27 linhas.

SAI NA 6.ª FEIRA

motor

Com a reportagem da

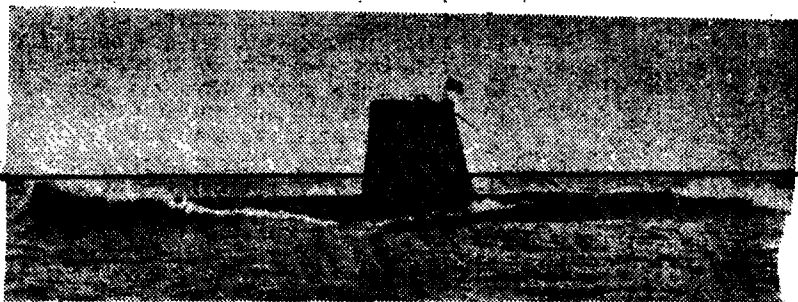
XXII VOLTA A PORTUGAL

Exclusivo

SUBMARINOS «INCÓGNITOS» PARA CUBA

Por GEORGE WILSON

WASHINGTON



A Armada americana que, há anos, vem seguindo os movimentos dos submarinos soviéticos no mundo inteiro, receia agora perder-lhes o rasto nessa antecâmara dos E. U. A. que são o Mar das Caraíbas e o Golfo do México.

Esta preocupação está na base da advertência feita pelos E. U. A., segundo a qual a construção de uma base soviética de submarinos em Cuba seria considerada «bastante séria».

A perspectiva de submarinos nucleares soviéticos equipados de torpedos ou de mís-

seis poderem introduzir-se no golfo sem serem detectados levou a Armada americana a mandar proceder a um estudo especial sobre os meios de detectar os submarinos à volta de Cuba.

Esta perspectiva levou igualmente o Governo americano a rever a maneira como a

Armada gasta os três mil milhões de dólares (cerca de 87 000 000 de contos) que lhe são anualmente adjudicados para a luta anti-submarinos. Certos especialistas da Defesa acusam os diversos departamentos da Armada — aviação, marinha de superfície e submarinos — de procurarem obter mais fundos para eles em vez de se esforçarem por coordenar a sua luta contra os submarinos inimigos.

A ironia deste caso reside no facto de a Armada americana estar mais bem preparada para seguir o rasto dos submarinos soviéticos ao largo de Reiquiavique, na Islândia, que ao largo de Nova Orleães, nos E. U. A.

O novo estudo da Armada, que deve estar concluído em fins de Abril, tem o objectivo essencial de determinar qual a espécie de «barreira» que poderia ser erguida contra a intrusão de submarinos soviéticos tão perto dos E. U. A. — um sistema de escuta submarina ou uma rede de navios de superfície, de aviões e de submarinos que patrulhariam permanentemente o golfo do México e o mar das Caraíbas.

Uma barreira deste género não impediria os submarinos soviéticos de penetrarem nessas águas — mas os E. U. A. querem seguir os movimentos dos submarinos soviéticos à volta de Cuba.

«ASSINATURAS» DE SUBMARINOS

O contra-almirante na reserva, John Haynes, declara nomeadamente que «as novas penetrações navais soviéticas» no golfo do México e no mar das Caraíbas são «o facto novo mais cheio de consequências para os E. U. A., desde a Segunda Guerra Mundial».

As implicações estratégicas da contro-
vérsia actual podem ser mais bem explica-
das, seguindo o trajecto de um submarino
soviético, desde a sua partida da base de
Mourmansk até ao porto cubano de Cien-
fuegos, atravessando primeiro as águas ge-
ladas do mar de Barents e ladeando o cabo
norte da Noruega.

Ao largo do cabo Norte, há submarinos
americanos, à espreita num desdobramento
silencioso, em águas profundas. Vigiam o
trájecto: cada submarino faz um ruído ligei-
ramente diferente sob a água — é a sua
«assinatura». Os submarinos americanos
podem reconhecer assim a «assinatura» de
um submarino e identificá-lo, sem o verem.

Logo que o submarino soviético fica
fora do alcance do som, o submarino ame-
ricano que o localizou pode assinalar a sua
chegada pelo rádio aos aviões de luta anti-
submarina do grupo P-3, estacionados na
base de Reiquiavique.

A via marítima estreita-se nesta região,
entre a Gronelândia, a Islândia e o Reino
Unido. As forças de luta anti-submarina re-
partidas neste sector constituem a barreira
UKGI — iniciais inglesas de Reino Unido,
Gronelândia e Islândia. Se um submarino
soviético é assinalado, os submarinos ame-
ricanos podem pôr-se em campo, em liga-
ção com aviões estacionados em terra e
outros em porta-aviões, helicópteros e des-
trozers. É o barulho do submarino que, nes-
tas condições, o torna localizável, pois esse



Submarinos a volta de Cuba. Um estudo especial da Armada americana

A CIDADE DOS PEÕES?

O inferno do movimento automóvel nas grandes capitais do mundo atinge proporções verdadeiramente descomensuráveis. Nova York, Tóquio, Paris, Londres são exemplos terríficos. Obstar a que a massa de veículos atulhe ainda mais as grandes cidades, tornar esta acessível ao peão, eis uma tentativa que se esboça ainda timidamente. Philippe Toussaint refere com pormenor (na página central) os esforços desenvolvidos neste sentido em Bruxelas



«ELDORADO» CIENTÍFICO NO MAR DAS CARAÍBAS

Por IRWIN GOODWIN

St. Croix, Ilhas Virgens — A ideia de extrair água gelada do quente Mar das Caraíbas parece extravagante. O mesmo se pode dizer de um projecto que visa arrancar humidade dos ventos alíseos, a fim de refrescar toda uma comunidade, extrair água doce, e, ao mesmo tempo, criar alimentos marinhos em grandes quantidades. Todavia são precisamente estes objectivos revolucionários que os cientistas estão a tentar tornar uma realidade numa faixa remota de praia rochosa perdida algures nestas ilhas.

Quando, nos princípios de Agosto, foi inaugurada uma nova estação de biologia marinha nos edifícios, feitos de pedra e argamassa, de uma histórica plantação de açúcar holandesa situada na costa norte desta ilha, começou a primeira fase de um promissor «Eldorado» científico.

Este ambicioso projecto fora, pela primeira vez, apresentado por Robert D. Gerard e J. Lamar Worzel, ambos pertencentes ao laboratório de geologia «Lamont-Doherty» da Universidade de Columbia, o qual financiou o apetrechamento da estação científica. Trata-se de um sistema integrado, de objectivos múltiplos, a saber:

— Criação de peixe, lagostas, camarões, ostras ou qualquer outra espécie de alimento marinho, em «herdades marinhas» ou «jardins de cultura aquática»

— Produção de milhões de litros de água doce não contaminada, a partir da humidade das brisas marítimas.

— Produção de energia eléctrica e «ar condicionado» frio e seco, destinado à comunidade de uma ilha tropical.

Muito embora os trabalhos aqui realizados constituam apenas uma experiência piloto limitada, o sucesso do seu principal objectivo poderia ser o presságio de projectos de maior envergadura.

EXPERIÊNCIA

APOS ANOS DE CÁLCULOS

O componente essencial consiste num simples tubo com uma milha de comprimento e 3 1/2 polegadas de diâmetro, o qual transporta 30 galões de água do mar por minuto, extraída, a uma profundidade de cerca de meia milha, do Mar das Caraíbas. A superfície, a temperatura da água anda à volta dos 80 graus «Fahrenheit», enquanto que, àquela profundidade, se aproxima do ponto de congelação, com uma temperatura de 40 graus.

Desta experiência, iniciada recentemente, após anos de cálculos, os cientistas da Universidade de Columbia,

apoiados pela Fundação Nacional para a Ciência, dos Estados Unidos, estão a tentar repetir um fenómeno da Natureza de importância crucial, o qual faz com que os oceanos ao largo do Peru, da Guiné e da África do Sul sejam extremamente abundantes em peixe.

Vastas colónias de vida marinha encontram-se nestas regiões, em virtude do que os oceanógrafos denominam «nascentes», ou seja a subida abrupta de água fria que transporta consigo matérias nutritivas extremamente ricas provenientes dos restos de vida marinha morta. Estas matérias nutri-



Mar das Caraíbas. Projectos de grande envergadura

tivas são arrancadas do leito marinho e trazidas à superfície pelos ventos, correntes e pela topografia da saliência continental.

A GRANDE CADEIA DA VIDA

Ao largo da costa norte de St. Croix, os cientistas criaram uma «nascente» artificial — a água bombeada através do «pipeline», que contém as mesmas matérias nutritivas, e a que se poderia chamar sopa criadora de vida primordial.

Esta sopa fria contém em abundância sais essenciais, muito especialmente nitratos e fosfatos, os quais, quando misturados no mar com gases, como o dióxido de carbono, e receberem a luz solar perto da superfície, geram plantas microscópicas conhecidas pela designação de «phytoplankton». Isto constitui o primeiro elo da grande cadeia da vida.

Durante anos, diversos investiga-

res do Laboratório Lamont, em Nova York, têm efectuado estudos com o fim de descobrir um processo de imitar esta cadeia, sujeitando a sopa básica, bem como «phytoplankton» e algas, a uma alteração subtil de temperatura e luz solar. Ao fazê-lo, acabaram por descobrir o processo de cultivar um jardim marinho.

Em St. Croix, os investigadores construíram duas piscinas de cimento, cada uma das quais pode conter 16 000 galões da referida sopa de sal básica. O seu objectivo é criar aí ostras, camarões, lagostas e, mais tarde, peixes que se alimentarão do «phytoplankton».

Muito embora numerosas «herdades

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

Talvez ainda mais importante para St. Croix, todavia, é a esperança de energia eléctrica e água doce, que se espera possam ser obtidas em fases posteriores da experiência. St. Croix, tal como a maioria das pequenas ilhas tropicais tem falta de ambas as coisas.

«Todos os dias — faz notar o director-adjunto do Laboratório de Lamont, Worzel — para cima de 300 galões de água, na forma de vapor na atmosfera inferior, passam através de cada milha de praia exposta aos ventos alíseos».

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

Talvez ainda mais importante para St. Croix, todavia, é a esperança de energia eléctrica e água doce, que se espera possam ser obtidas em fases posteriores da experiência. St. Croix, tal como a maioria das pequenas ilhas tropicais tem falta de ambas as coisas.

«Todos os dias — faz notar o director-adjunto do Laboratório de Lamont, Worzel — para cima de 300 galões de água, na forma de vapor na atmosfera inferior, passam através de cada milha de praia exposta aos ventos alíseos».

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

Talvez ainda mais importante para St. Croix, todavia, é a esperança de energia eléctrica e água doce, que se espera possam ser obtidas em fases posteriores da experiência. St. Croix, tal como a maioria das pequenas ilhas tropicais tem falta de ambas as coisas.

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

de cultura aquática» estejam em funcionamento em todo o mundo, a estação de St. Croix será a primeira, no caso de ser bem sucedida, a utilizar matérias nutritivas marinhas naturais como uma espécie de fertilizante.

BENEFÍCIOS IMPORTANTES

Uma vantagem adicional da acção do condensador consistirá, segundo os investigadores, na redução da humidade, uma vez que os ventos alíseos passem através do condensador. Na sua opinião, os ventos proporcionarão uma espécie de ar condicionado, sem humidade, para os edifícios do interior da ilha.

Já foram elaborados planos para a instalação de um pequeno condensador numa colina actualmente ocupada por um moinho de vento holandês.

Se resultar, será instalado um sistema de maiores proporções destinado a um hotel e a um conjunto de habitações na Baía de Colombo, perto da estação de biologia.

De uma maneira muito oportuna, o projecto pioneiro do Laboratório de Lamont é susceptível de modificar as condições de vida das ilhas das Caraíbas. «O seu desenvolvimento — afirma Gerard — «pode proporcionar importantes benefícios económicos e sociais. Regiões que hoje em dia nada produzem e não são habitadas, podem receber energia eléctrica, água doce e alimentos ricos em proteínas».

Gerard e Worzel não têm dúvidas de que o sistema tem imensas possibilidades. Tudo o que é preciso, para começar, é uma «nascente» artificial, a qual necessita de uma profundidade oceânica de meia milha, ou mais, relativamente perto da costa — muito embora seja possível utilizar, com bons resultados, uma draga afastada da praia.

CALENDÁRIO

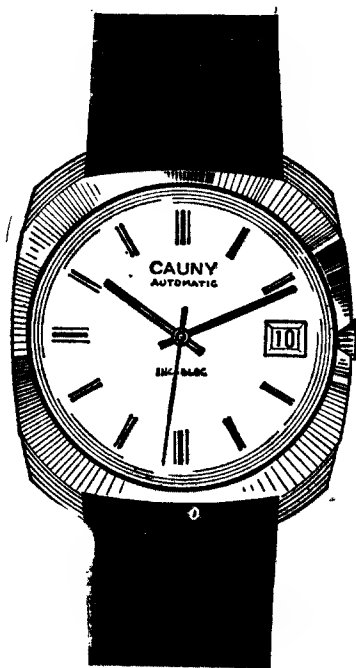
AUTOMÁTICO

100% Impermeável



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Mudança de data ultra-rápida



Resistente

Incabloc

CAUNY

A mais alta precisão suíça

SUBMARINOS

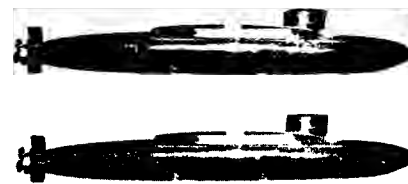
ruído é detectado por todos os tipos de aparelhos, incluindo «Sonobóias» lançadas por avião.

DETECTAR POR TRIANGULAÇÃO

A sul da Barreira UKGI, nova barreira espera o submarino soviético — a barreira Sousous, constituída por uma série de microfones submarinos colocados no fundo do oceano, ao longo da costa leste dos E. U. A. A posição de um submarino estranho pode ser detectada com toda a precisão, por triangulação. A barreira Sousous permite ouvir os submarinos soviéticos antes de estes chegarem a um ponto dos E. U. A. que fique ao alcance dos seus mísseis.

Mas depois de Cuba, o problema é completamente diferente.

Uma vez que o submarino cumpre este trajecto imaginário e passe por detrás de Cuba, já não pode ser detectado pela barreira Sousous. Pode sair de Cienfuegos e

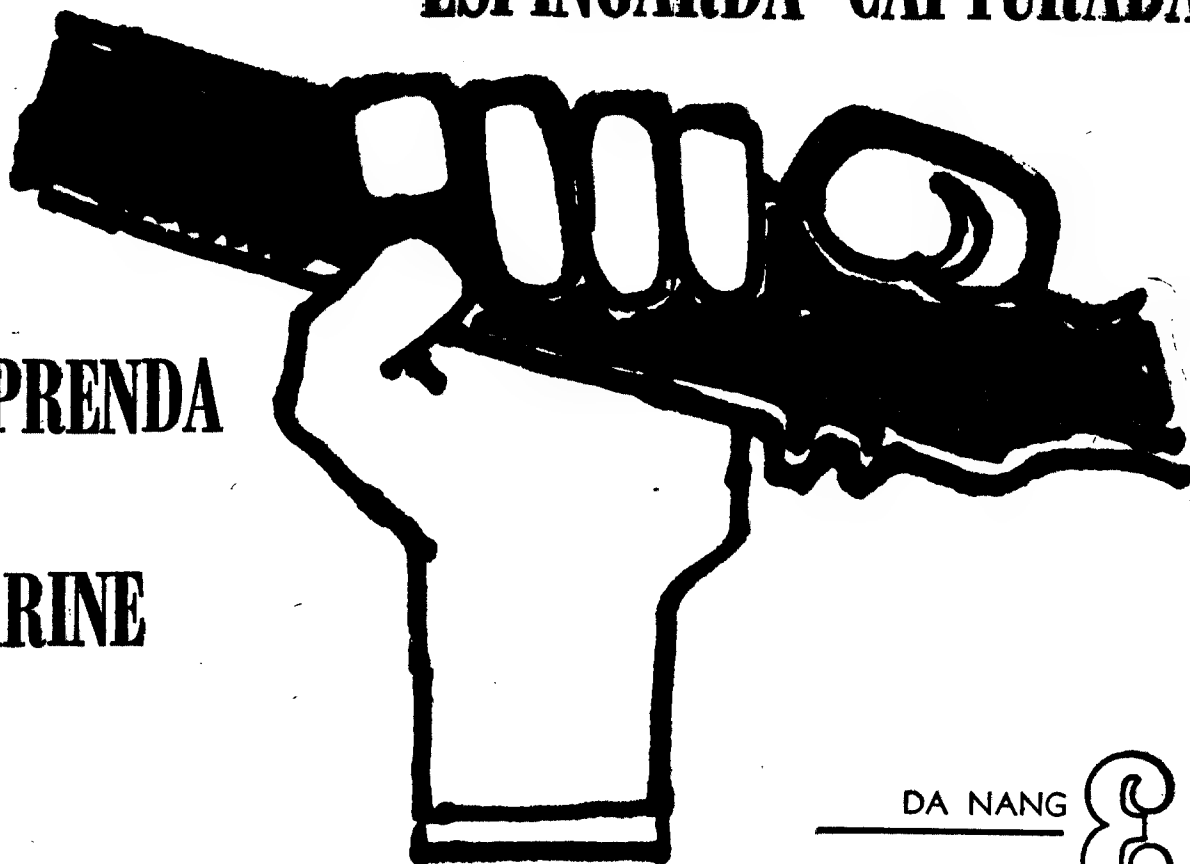


rumar ao golfo do México sem ser detectado. Não há barreira Sousous no golfo.

Em tempo de guerra, um submarino soviético poderia lançar os seus mísseis sobre as bases de bombardeiros americanos depois de ter penetrado no golfo até ao largo de Nova Orleães.

Em Julho de 1969, os soviéticos enviaram a sua primeira força naval para o golfo do México. O almirante Haynes escreve, no número de Janeiro de «Interplay», que é a primeira vez que navios de guerra pertencentes a uma potência estrangeira de intenções menos que amigáveis penetram no golfo, desde a invasão do México pelos franceses durante a guerra civil americana e no mar das Caraíbas, donde a destruição da esquadra espanhola ao largo de Santiago de Cuba, em 3 de Julho de 1898.

ESPINGARDA CAPTURADA



DA NANG



A PRENDA DO MARINE

Por JACK FOISIE

Exclusivo

CAPAZ de controlar o movimento dos submarinos soviéticos em determinadas zonas do mundo, os norte-americanos receiam não conseguir controlar os submarinos que circundam a ilha de Cuba. Tai receio levou a Armada dos E. U. A. a proceder a um estudo. (pág. 1)

O **MAR DAS CARAÍBAS** pode estar em vésperas de profundas transformações científicas, com vista, nomeadamente, a extrair água doce e a criar alimentos marinhos em grandes quantidades (pág. 2)

O **REGRESSO** de «Marines» aos Estados Unidos envolve aspectos curiosos e dramáticos, finda a sua missão militar no Vietnam. Ao sabor do estilo de vida norte-americano, chega a admitir-se a possibilidade do militar levar como prenda uma espingarda capturada (ao lado).

A **BARRAGEM DE ASSUAO**, o grande acontecimento do moderno Egipto, levado a cabo com a ajuda soviética, representa um benefício ou um desastre para a economia da R. A. U.? Segundo Claire Sterling, que estudou detalhadamente a questão, trata-se de um fracasso. Uma opinião. Há quem pense o contrário. (pág. 4)

O **CRESCIMENTO** económico de Israel tem assumido tais taxas, que alguns responsáveis do Estado Hebreu não hesitam em pretender ombrear com o progressivo Japão. Da-

vid Horowitz, governador do Banco de Israel, mostra-se optimista. Excessivamente optimista? (pág. 5)

TRANSFORMAR as grandes capitais do mundo em cidades dos peões, parece ser uma novidade dos nossos dias. Bruxelas, que reúne condições especiais para isso (possui uma população relativamente baixa), avança na vanguarda deste movimento. Philippe Tousseint explica como. (pág. central)

NO **ÚLTIMO** artigo da série que consagrou a droga, o doutor Escotier-Lambiotte ocupou-se do «Intoxicidário instantâneo». O autor pergunta a certa altura: «... não seria altura de procurar as causas, tentar restituir os agrupamentos humanos os valores afectivos, os fins, os sonhos ou o calor comunitário, sem os quais a vida parece vazia de sentido?». (pág. 8 e 9).

NO **PRÓXIMO** dia 4 de Abril decorrerão no Chile eleições municipais. Esta consulta afigura-se assaz importante, pois o seu resultado permitirá confirmar o apoio do eleitorado ao regime de Allende (pág. 10).

TIJUANA — uma cadeia única no Mundo, ser preso ali representará verdadeiramente um castigo? Certamente que sim, mas um castigo atenuado. Tijuana pode ser apenas o primeiro passo num novo regime prisional. O exemplo agora vem do México. (Pág. 12).

É POSSÍVEL ouvir o rugido dos caças-bombardeiros a jacto, ao levantarem voo de um aeródromo militar, situado nos arredores desta cidade sul-vietnamita, com destino à sua nova missão no Laos. Este aeródromo ainda se encontra sujeito a ataques esporádicos com foguetões do «Vietcong».

Todavia, a guerra terminou para o «terceiro do cinco» — o terceiro batalhão do quinto regimento de «marines» dos Estados Unidos. A última unidade de combate do corpo da Maíinha a ser retirado do Vietnam, o «três-cinco» regressa à pátria em «Camp Pendleton», Califórnia, a fim de ser aí reorganizado para cumprir o seu serviço em tempo de paz.

a guerra não está perdida. Pense que o «A. R. V. N.» (exército sul-vietnamita) se pode encarregar da tarefa a partir de agora.

Seja como for, os «marines» deram início à tarefa aborrecida e um pouco melancólica de arrumar os velhos uniformes, limpar e reparar o equipamento e as armas, e «dormir» os novos uniformes que envergaram quando regressa em ao «mundo» (os Estados Unidos), por avião ou de barco, no decurso das próximas semanas.

Para atenuar o aborrecimento que os invade, celebrar a sua sobrevivência ou dizer adeus a camaradas que «não são suficientemente baixos» para regressarem à pátria e serão transfe-

«marines» decidiram abandoná-la. To davia, desembaraçar-se das roupas sujas, das botas próprias para a selva dete loradas pelo suor e das cozinhas de campanha danificadas não significava o fim da «desmilitarização».

Os camiões e os «jeeps» com mais de 10 000 quilómetros estavam a ser reunidos a fim de serem embebedados para Okinawa para aí serem reparados. Os que tinham menos de 10 000 quilómetros no seu activo, e am marcados para serem entregues às unidades do exército sul-vietnamita.

UM CAMPO DE REPOUSO

Quer regressem aos Estados Unidos por ar ou por mar, os «maínes» farão escala em Okinawa, a base da reatguarda das unidades em serviço, no Vietnam, onde se encontram os seus objectos pessoais.

Sem esquecer, evidentemente, as recordações que trazem dos campos de batalha do Vietnam. Com efeito, de aco do com os regulamentos em vigor, um «marine» pode levar consigo, de regresso à pátria, uma espingarda capturada ao inimigo, desde que não seja automática, e se encontre devidamente registada nos arquivos de Marinha. Muitas destas armas permitidas são espingardas «SKS», fabricadas pelos chineses, segundo modelo russo. Uma recordação ainda mais popular é uma bandeira norte-vietnamita ou «vietcong».

De 1200 homens do batalhão, cerca de dois terços devem ser repatriados. Muitos regressarão por via aérea, enquanto que alguns viajarão como passageiros no navio porta-helicópteros «Juneau», acompanhando as bandeiras e os a quivos do batalhão.

Para aqueles que partem agora ou dentro de alguns meses, o Vietnam permanecerá cheio de recordações tristes e doces — disseram os «marines».

O sargento McCallre estava mesmo triste quando chegou a altura de abandonar a colina 31, onde o batalhão se encontra temporariamente estacionado.

«Há três anos perdi um bom amigo nesta mesma colina» — contou. — «Foi na altura em que o inimigo lançou a sua ofensiva do Tet, em 1968. Olhe agora para a colina — é um campo de repouso».



«Marines». Tentar dissimular o contentamento

A ordem para deixar o campo de batalha — a unidade estava empenhada em escaramuças ligeiras com o «Vietcong», no vale de Que Son, a Sudoeste de Danang — chegou em 15 de Fevereiro, o que veio confirmar rumo es em curso entre os militares, havia já um mês.

Os «marines» regressam à vida do quartel, cansados e estarrapados, muitos deles satisfeitos «por se livrarem daquilo». Os sargentos e os oficiais tentavam dissimular o seu contentamento, por considerarem pouco profissional, conforme alguém disse, «partir antes de a guerra ter sido ganha».

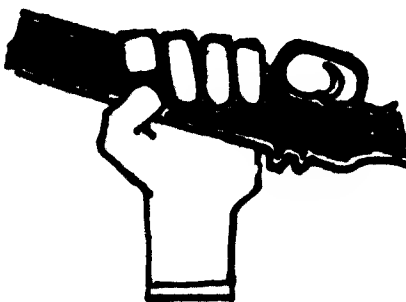
TAREFA MELANCÓLICA

Mas o tenente-coronel Herschel L. Johnson, comandante do batalhão, fez com que todos se sentissem à vontade, incluindo este próprio, ao afirmar: «Bem, agora tenho a certeza de que

ridos para outras unidades de «marines», que ainda se encontram no Vietnam, os homens do «três-cinco» dirigem-se aos bares da sua preferência todas as tardes, ao pôr-do-sol, a fim de aí «bebermos toda a cerveja que pudermos aguentar».

«No seu caso, são duas ce vejas», disse o segundo cabo David M. Tice, de 19 anos de idade, ao seu camarada, o cabo Dan Fink, de 20, em ar de troça. Ambos são veteranos. Fink passou onze meses na linha de combate e calcula que fez parte de pelotões que tiveram contactos com o inimigo mais de 75 vezes.

Fink sorriu quando lhe perguntaram se lamentava ter de devolver a sua espingarda M-16. «Bem, não se trata exactamente de um camarada, mas quando me encontrava na selva sentia-me bem em tê-la por companhia». Quanto à sua bagagem pessoal, os



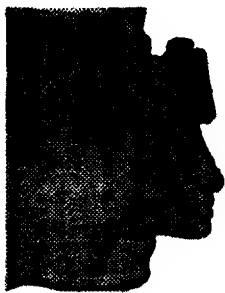
EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

DIÁRIO DE LISBOA, 9 DE MARÇO DE 1971

COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST», «LOS ANGELES TIMES» E «PUNCH»

BARRAGEM DE ASSUÃO:



BENEFÍCIO OU DESASTRE?

Por CLAIRE STERLING

A barragem de Assuão é um desastre. Efectivamente, ela priva os camponeses do Nilo dos sedimentos vitais depositados outrora pelo rio que alimentava o Egipto, dizimou a vida marinha no Mediterrâneo Oriental, aumentou de maneira perigosa a salinidade em milhões de hectares do solo egípcio, e poderá acabar por deixar o país com menos água do que anteriormente. Claire Sterling, do «Washington Post», estudou os problemas suscitados pela barragem de Assuão, conclusões que a seguir apresenta.

Entre todas as barragens construídas pelos países ricos para países pobres, que desle e modo esperavam enriquecer, a barragem de Assuão ocupa um lugar à parte. Construída pelos soviéticos é, com efeito, a maior e a mais cara de todo o

mundo. O presidente Nasser despendeu para cima de 1000 milhões de dólares para a sua construção, tendo alterado o curso da história para a fazer construir, rompendo com o Ocidente, nacionalizando o Canal de Suez, provocando a guerra

por causa do Canal e convidando os soviéticos a penetrar no Médio Oriente, no Egipto, bem como no Mediterrâneo. A barragem fez a sua fortuna política, mas provocou uma desordem ecológica de tal ordem que o Egipto talvez jamais consiga superar.

A culpa não é unicamente de Nasser. A responsabilidade é, também, dos engenheiros alemães que conceberam a barragem, do Banco Mundial que a aprovou, do Departamento de Estado que tinha concordado em a financiar e depois se recusou, apenas por motivos políticos, e dos russos que permitiram, finalmente, que Nasser tivesse a sua

barragem. Em resumo, de toda uma geração de dirigentes «distraídos» com a política e ultrapassados pela tecnologia.

DESEQUILÍBRIOS

A responsabilidade é dos peritos internacionais que não souberam prever o que iria acontecer, com excepção de um deles: algumas semanas antes do início dos trabalhos, em 1960 o célebre hidrólogo egípcio Abdel Aziz Ahmed declarava na presença dos engenheiros das obras públicas de Londres, que a barragem era «estranha ao Egipto e estava totalmente em desacordo com a política mite-

nária de irrigação do Nilo». Acrescentou ele que a sua construção seria «pouco sensata e, na verdade, extremamente arriscada». O dr. Ahmed foi demitido das suas funções após o regresso ao Cairo, o que resolveu o seu problema, mas infelizmente, não o dos flagelos para os quais chamara a atenção do mundo.

O dr. Ahmed tinha, nomeadamente, previsto os seguintes desequilíbrios:

1) A barragem construída sem comportas reterá anualmente os 134 milhões de toneladas de sedimentos do Nilo, que contém «elementos vulcânicos que formam os solos mais férteis da Terra». Dado que, praticamente, todos os solos cultivados no Egipto eram formados e alimentados por estes sedimentos, para a substituição dos quais ainda se não encontrou um produto artificial, a sua ausência acabaria por afectar profundamente a agricultura egípcia.

2) As águas do Nilo, privadas de sedimentos, provocariam uma forte erosão do leito e das ribas do rio, bem como da base de todas as pontes e barragens construídas ao longo dos 1000 quilómetros que separam a barragem do mar.

3) A evaporação, as infiltrações e as modificações das correntes de água subterrâneas suscitarão perdas de tal modo colossais, no lago formado atrás da barragem, que o Egipto acabaria por ter menos água do que anteriormente.

MUDANÇA

O dr. Ahmed não podia pensar em tudo. Foi assim que não previra a extinção da flora e da fauna orientais, a erosão das costas do delta pelas correntes marítimas, um aumento da salinidade do solo que ameaça tornar estéréis milhões de hectares, um aumento considerável das vítimas da bilharziose e, talvez, a invasão, a partir do Sudão, de uma espécie de mosquito transportador de uma das formas mais nocivas da malária. Todavia, o que o dr. Ahmed previra aconteceu efectivamente.

Muito embora o «fellah» egípcio já não tenha que temer, como os seus antepassados, as inundações periódicas do Nilo, sabe agora, sem qualquer dúvida, que não tornará a ver essas águas lodosas que faziam milagres. Basta que nos debruçemos de uma das janelas do hotel Semiramis, no Cairo, e vejamos o fundo arenoso do Nilo, através de uma água límpida, para nos apercebermos da enormidade desta mudança. Terrificante, não é verdade? — perguntou-se um amigo egípcio, seguindo o meu olhar.

Sem os sedimentos do Nilo, uma grande parte dos três milhões de hectares (aproximadamente) cultivados do Egipto, tem de ser já tratada por meio de adubos, e a totalidade, dentro de alguns anos. Uma equipa de especialistas egípcios dos solos já concluiu dever

ser necessário utilizar potássio, fósforo, azoto, cálcio e magnésio no solo outrora inesgotável do delta, dentro de quatro ou cinco anos, e cobre, zinco, molibdénio, boro e manganés dentro de 15 ou 20 anos.

A agricultura egípcia absorve, actualmente, 2 milhões e 350 mil toneladas de adubos artificiais por ano: dois terços desta quantidade servem, segundo os peritos do Banco Mundial e os especialistas egípcios, para compensar o que era outrora fornecido pelos sedimentos do Nilo.

O preço destes adubos ultrapassa a centena de milhões de dólares por ano, o que reduz em cerca de um quinto o rendimento por hectare, redução muito importante para um camponês cujo rendimento anual médio é de 75 dólares. Além disso, trata-se de uma despesa recorrente, que deve ser renovada todos os anos e para sempre.

RECUPERAÇÃO

Por outro lado, desde que o curso do Nilo foi regularizado, a salinidade atinge níveis alarmantes, não só no delta do Nilo, ou constituiu um problema há vários anos, mas também no Alto e Médio Egipto. A situação seria susceptível de se tornar «dramática» em menos de dez anos, segundo os especialistas, a menos que seja instalado um sistema de drenagem em todo o Egipto. O país executa, actualmente, um plano limitado, de 147 milhões de dólares, para o qual o Banco Mundial contribuiu com um empréstimo de um décimo. Mas, no conjunto, este programa custaria 1000 milhões de dólares, um quarto do rendimento nacional do Egipto, ou seja o mesmo que a barragem custou ao país.

Entretanto, a recuperação de solos desérticos, graças às águas retidas pela barragem, revelou-se muito desanimadora até agora. Embora Nasser esperasse recuperar deste modo para cima de 500 mil hectares, o antigo presidente sabia, efectivamente, desde 1965, que não lhe seria possível recuperar metade, a menos que estivesse disposto a incorrer em despesas astronómicas. É impossível obter dados exactos acerca do número de hectares que estão a ser recuperados, na medida em que tal número varia consoante os funcionários interrogados. Todavia, calcula-se, em geral, que é de cerca de 140 000 hectares, sendo o seu custo avaliado em perto de 360 milhões de dólares, seja um terço do custo de barragem.

Um aspecto indubitavelmente positivo da empresa é a transformação de aproximadamente 340 000 hectares de terras outrora inundadas em terras irrigadas por meio de um sistema de canais. Mas, também aí, o Nilo encontrou a maneira de se vingarem os «fellahs» que trabalham nestas terras: são hoje em dia vítimas de uma bilharziose que não se verificava anteriormente.

TAP - um modo de viajar

para novos destinos..

CANADÁ

A partir de 1 de Abril

A TAP oferece-lhe mais um destino: MONTREAL. Mais do que MONTREAL, um país rico de cor e de contrastes. Coberto de florestas infundáveis, a folha de acer — uma das 150 variedades de árvores aí existentes — inspirou a bandeira nacional do CANADA, como um símbolo tradicional e de modernidade.

• 2.ª, 5.ª e sábados

O CANADÁ espera-o, pois, para os seus negócios, para uma viagem de turismo, ou ainda, para uma nova vida! 3 vezes por semana* a TAP voará consigo para MONTREAL, oferecendo-lhe as comodidades e atenções do seu habitual serviço de bordo — apreciado e conhecido em todo o mundo. Viaje em boa companhia... ...viaje com a TAP.

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

MARCA 70

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

através do mundo
em boa companhia



Israel. Economia concebida para uma situação de guerra

OS ESFORÇOS em que diplomatas árabes, israelitas e de outras nacionalidades estão empenhados, em relação à situação no Médio Oriente, decerto resultarão numa destas três coisas: paz, guerra, nem guerra a sério nem paz a sério... Mas, segundo um notável economista israelita, a economia do seu país está preparada para qualquer das três alternativas.

A guerra ou a continuação desse estado incómodo de «nem guerra nem paz», que tem perdurado nestes últimos seis meses, não trará grandes mudanças na economia de Israel, que tem conhecido uma taxa real de expansão de 30 por cento, de 1967 para cá.

O governador do Banco de Israel, David Horowitz (um judeu polaco de 72 anos), declarou que a seu ver a taxa de crescimento e a taxa de expansão real da economia israelita nos últimos 20 anos, não tem paralelo em qualquer outro ponto do Globo, a não ser no Gabão.

Mas se a actividade diplomática agora em curso trouxer a paz ao Médio Oriente, então, segundo Horowitz, lá acol poderá modificar a sua economia, concebida até agora para uma situação de guerra, sem o perigo de depressão ou crise grave.

«Não quero dizer com isto — afirma Horowitz — que sejamos imunes a uma recessão: nenhum país do mundo pode gabar-se disso».

Mas a nossa economia tem dado provas de elasticidade, o que é muito encorajante e me faz esperar grandes esperanças.

Horowitz, que, segundo consta, se retirará no próximo Outono, declarou que uma transição suave de uma economia de guerra para uma economia de paz levaria dois anos e dependeria de vários factores.

Entre esses factores apontou o «nível de vigilância» que Israel teria de manter — o número de homens e o volume de fundos que teria de manter em reserva para fins de defesa durante os primeiros anos de paz; o volume de auxílio sob a forma de empréstimos oficiais e contribuições ou empréstimos que este país pudessem obter de judeus do estrangeiro; o aumento de exportações israelitas.

AGRAVAMENTO DA DÍVIDA EXTERNA

O aumento de exportações dependerá, por sua vez, segundo Horowitz, do contínuo aumento de entrada de judeus profissionalmente competentes no país, os quais poderão auxiliar a aceleração da viragem em curso neste país, que está a sair da fase agrícola para a fase industrial, com particular incidência na produção de bens para exportação, que incluem produtos metálicos e electrónicos.

ISRAEL: ÊMULO DO JAPÃO NO CRESCIMENTO ECONÓMICO

Por TOM LAMBERT

Horowitz declarou que essa viragem não significa que Israel desprezará as suas explorações agrícolas; segundo afirmou, também não se abandonarão os programas de culturas agrícolas fora da estação e de desenvolvimento de produção de frutas e flores de primeira qualidade para os mercados de inverno europeus.

Israel espera quadruplicar as vendas desses pro-

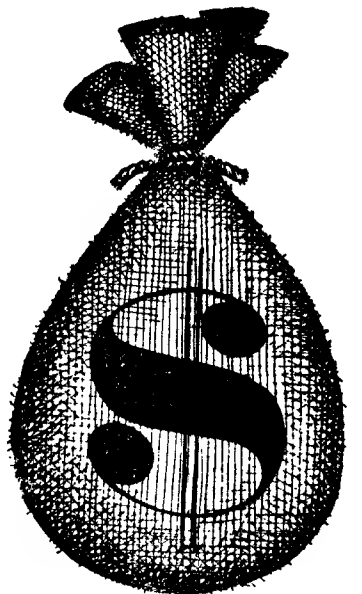
ductos, em 1975, até atingir um nível anual de 100 milhões de dólares (cerca de 2 900 000 contos).

Embora lamentem que a economia actual de Israel esteja tão condicionada pelas necessidades de defesa do país — cerca de 25 por cento do P. N. B. totalizando cerca de 5,5 milhões de dólares — são atribuídos a gastos militares e correlativos — Horowitz e outros economistas estão muito sa-

tisfeitos com os resultados da economia nacional do ano passado.

O consumo privado melhorou, os salários aumentaram ligeiramente, os preços subiram, mas não exageradamente, as reservas de divisas estrangeiras cresceram — mas a dívida externa e o défice da balança de pagamentos de Israel também se agravaram.

Horowitz insistiu, no entanto, em que era «absur-



do» dizer que Israel esteve à beira da bancarrota. A economia israelita é viável e pode crescer a ritmo muito elevado, desde que as vendas ao estrangeiro aumentem — declarou Horowitz.

Para o NSU 1000 "isto" também é estrada



A robustez, a economia e o conforto são realmente indiscutíveis no NSU 1.000.

Ele comporta-se como um «leader» em todos os caminhos até neste.

Com a caixa de velocidades completamente sincronizada, suspensão independente nas 4 rodas, estabilizadores transversais à frente, travões hidráulicos de disco nas rodas da frente e 48 HP., consome em média 7,8 litros aos 100 kms., «responde» prontamente

em todas as condições, com rapidez, e segurança.



**PARA ENTREGA
* IMEDIATA ***

JM PRODUTO **AUDI NSU** AUTO-UNION AG.

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES GERAIS: SOC. LUSOLANDA, SARL
ESCRITÓRIOS - R Latino Coelho, 57 - STANDS - R Latino Coelho, 65 - Av. Ant. Augusto de Aguiar, 25 C - LISBOA /agentes em todo o país

CASACOS ANTILOPE E CABEDAL

ACABARAM OS SALDOS MAS OS BAIXOS PREÇOS CONTINUAM EM CASACOS E OUTRAS CONFECÇÕES DE ANTILOPE E CABEDAL, TANTO PARA HOMEM COMO PARA SENHORA

DOS RESTOS DOS SALDOS QUE FICARAM, FAZEMOS PREÇOS VERDADEIRAMENTE DE RECLAME.

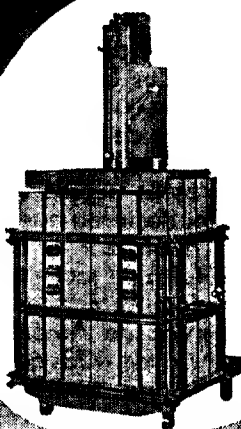
**NA VAMAR
É FÁCIL COMPRAR
CASA ESPECIALIZADA
EXCLUSIVOS
VAMAR**

RUA JOÃO DAS REGRAS,
3, 3.º, ESQ.

(à P. de Figueira, Antiga
R. do Amparo)

ACL

PRENSA DE ENFARDAR



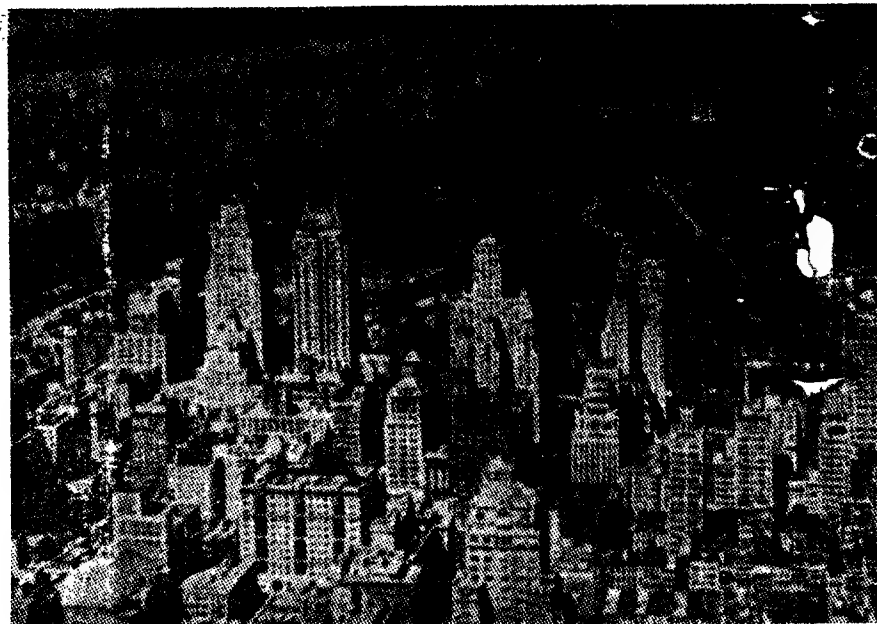
ALFREDO CARDOSO & C. Lda
RUA ANTÓNIO LOPES DA SILVA, 100 - TEL. 211.100 - PORTO

BRUXELAS



Por PHILIPPE TOUSSAINT

NO FIM-DE-SEMANA, EM NOVA YORK, A 5.ª AVENIDA É ÚNICAMENTE RESERVADA AOS PEÕES. EM WASHINGTON TOMARAM-SE MEDIDAS SEMELHANTES E, APESAR DOS PROTESTOS DOS COMERCIANTES, ESTAS DISPOSIÇÕES DEPRESSA SE TORNARAM POPULARES. A RUA FOI INVADIDA E OS AMERICANOS REDESCOBRIRAM A UTILIDADE DAS SUAS PERNAS

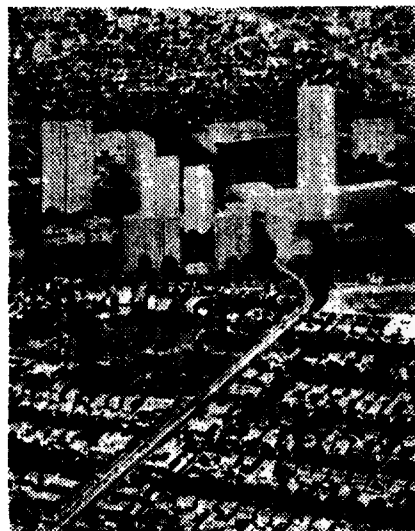


A CIDADE DO.

Tóquio tinha já apontado o caminho. Ao domingo, 122 ruas comerciais são reservadas aos passeantes. Os japoneses reaprendem então a respirar. O teor de óxido de carbono do ar era inferior a 80% em relação aos dias de semana. Em Paris, o prefeito Grimaud abriu certas zonas de avenidas aos peões, no fim do ano. Desejava fazer da rua uma festa. Em Bruxelas a Rua Neuve foi destinada aos transeuntes.

Por toda a parte estas decisões foram acolhidas da maneira mais favorável. Só os comerciantes e os hoteleiros protestaram mas pouco a pouco deram conta de que isto não reduzia a clientela. Será esta a solução para salvar o centro das nossas cidades?

É uma possibilidade certamente a considerar, mas não a adoptar sem variantes. Não podemos esquecer que, em geral, dois quintos



do tráfego urbano são constituídos por necessidades comerciais. Fornecedores e transportadores diversos devem ter sempre acesso ao centro. Em Paris, o prefeito Grimaud tentou regulamentar as horas de distribuição, mas levantaram-se enormes obstáculos. Esta medida não se destinava apenas a aliviar a densidade da circulação mas, sobretudo, a evitar os engarrafamentos. Na capital francesa o fornecedor é sempre obrigado a bloquear toda uma rua para descarregar. Em Nova York, em Tóquio ou em Bruxelas não se pensa em soluções semelhantes, porque



as manobras de descarga são mais fáceis. O problema consiste numa questão de infra-estruturas.

BRUXELAS INVEJADA

O limite de motorização nas cidades não é apenas uma esperança. Pode tornar-se uma realidade. O limite reside não sómente no número de veículos em movimento para a superfície disponível, mas também na impossibilidade de encontrar espaço para os veículos que querem imobilizar-se. As nossas cidades existem há séculos. Certos elementos são indestrutíveis porque fazem parte da história da arte. Não se poderá nunca quadrangular as cidades de grandes artérias e de qualquer forma este sistema encontra também o seu limite de saturação. Nova York demonstra-o. Na Europa, Paris destaca-se como o mais belo exemplo da anarquia automóvel. Todos os parisienses que viveram algum tempo em Bruxelas invejam os habitantes da capital belga. As vantagens resumem-se do seguinte modo:

- É possível viver nos arredores, de reencontrar todas as noites os espaços verdes e chegar todas as manhãs ao centro da cidade num espaço de tempo razoável.

- Durante o dia podem marcar-se vários encontros em diversos pontos da cidade e podem respeitar-se sem o receio de ficarem constantemente retidos devido a engarrafamentos.

Em Paris as ruas estão, dia e noite, cheias de viaturas estacionadas, provocando enormes problemas de estacionamento e reduzindo as faixas de circulação.

- A cidade de Bruxelas nunca se deixou ultrapassar pelos acontecimentos. Criticou-se a criação de túneis, em 1958, mas sem eles e sem a sua extensão Bruxelas estaria hoje completamente estrangulada.

- No seu conjunto, a vida de Bruxelas permite uma melhor organização do trabalho e evitar as horas não produtivas ou, pelo menos, evitar que se desperdicem energias e tempo.

Em Paris a média de tempo con-

sagrado para o trajecto domicílio-trabalho é de 35 minutos. Mais de uma hora por dia é, portanto, ocupada para a deslocação. Para Bruxelas isto não é um tempo mé-

dio mas sim máximo. Em Nova York, neste aspecto, a situação é catastrófica. Há pessoas que perdem cinco horas por dia para ir ao trabalho e regressar a casa. Na vida de um homem é de endoidecer só de pensar nas horas de repouso que desta forma se perdem.

SALVAGUARDAR BRUXELAS

Conclui-se, portanto, que Bruxelas desfruta de uma situação excepcional em relação a Paris e também, a Londres ou Milão. É certo que a sua sorte reside, também no número dos seus habitantes. Um milhão de habitantes é o número ideal na cidade modelo do reino automóvel. Para além dos dois milhões começam a

WASHINGTON



OS E. U

Por MARLYN BERGER

A UNIÃO SOVIÉTICA voltou a queixar-se, recentemente, de que os Estados Unidos tinham usurpado uma frequência de rádio de ondas longas, reservada para o Rádio Moscovo.

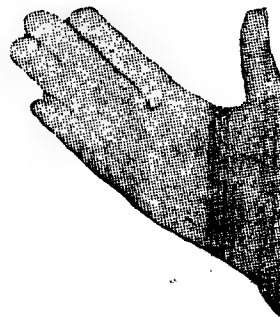
A questão, posta a diplomatas americanos acreditados na capital russa e a que a Imprensa soviética já se referiu mais de uma vez, foi considerada por alguns funcionários governamentais americanos como fazendo parte de uma campanha destinada a privar Rádio Europa Livre e a Rádio Liberdade das suas instalações na Alemanha Ocidental.

Rádio Moscovo afirmou numa emissão em língua inglesa, destinada à América do Norte: «O Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético chamou, uma vez mais, a atenção dos Estados Unidos para o uso ilegal da frequência de 173 quilociclos pelo transmissor de Munique da «Voz da América»... A União Soviética... protestou contra estas acções ilegais». A Tass, entretanto, declarou que a «Voz da América» estava a utilizar a frequência «com flagrante falta de respeito pelas normas internacionalmente aceites».

A «Voz da América» voltou a usar a frequência de 173 quilociclos, em meados de 1969, na tentativa de contrariar as interferências soviéticas das suas emissões. A frequência fora reservada para Rádio

Moscovo pela Convenção de 1948.

A «Voz da América» pelo Governo americano com Rádio Europa Livre. Todavia, a Tass, no entanto, aquelas duas organ



contra o que designou a frequência 173. A agência classificou R. E. U. Em verdade, consideramos particulares, como se tal como os próprios



OS PEÕES?

grandes problemas. A região parisiense, com a sua população superior a oito milhões, acolhe 2 300 000 veículos. Só a pequena Paris e os seus três milhões de cidadãos possuem 900 000. Ora as autoridades parisienses são formais. Desde que haja 120 000 veículos em circulação na cidade de Paris atinge-se a saturação. O movimento só se conserva fluido e regular até 60 000 veículos.

Para salvaguardar Bruxelas e as suas actuais facilidades, é preciso limitar, por qualquer preço, o acréscimo de população na cidade. Para isso torna-se necessário favorecer a criação de novos centros urbanos à volta de Bruxelas, Lovaina, Wavre, Lovaina-a-Nova, Genappe, Nivelles, Enghien, Ninove,

Alost e Malines são exemplos desses centros.

Impõe-se salvaguardar uma alegria de viver e um resto de ar de campo, na zona entre a capital e estes centros, através de uma zona de verdura. Impõe-se também estabelecer uma ligação entre os arrabaldes e o centro da capital. Caso contrário, teríamos um conjunto habitacional enlouquecedor, como Paris e Londres. Cada um destes centros urbanos será ligado à capital por uma auto-estrada, o que convencerá muitas empresas a descentralizar os seus serviços. Estes centros urbanos serão organizados para facilidade do trânsito automóvel, coisa muito simples de realizar, a partir do momento em que a população não ultrapasse os 100

mil habitantes. O exemplo de Anvers é, neste aspecto, significativo. A construção do Pequeno Anel e do novo Tunnel sob o rio Escaut bastou para transformar completamente as facilidades de circulação nesta cidade. Liège tem sempre problemas devido à sua topografia muito especial. Contudo em 1972 será ligada por auto-estradas a todos os grandes centros económicos. Gand encontrar-se-á em breve apoiada por diversas variantes, das quais uma entre a E 3 (Lisbonne-Stockolme) e a E 5 (Amsterdam-Paris). O abominável ferrolho de Namur está quase a desaparecer. O viaduto de Beez, que permite evitar a cidade, será aberto na Primavera deste ano. Charleroi projecta para dentro de três anos a construção de uma pequena auto-estrada periférica (10,9 km) e, para mais tarde (fim dos trabalhos em dez anos) um grande anel, ligando a auto-estrada da Walónia.

Como se vê, enquanto o mal for atacado a tempo e enquanto a cidade não tomar dimensões exageradas, basta quase sempre um complexo rodoviário para permitir ao automóvel continuar a ser o meio de locomoção ideal. Ainda relativamente a Paris, a construção de grandes obras (como o «boulevard» periférico) não salva a situação. Os responsáveis por Bruxelas têm a sorte de ter sob os olhos os maus exemplos de Paris, Londres, Tóquio e Nova York. Que tirem daí as conclusões necessárias.

ciso estudar também outras soluções. Na Bélgica, os meios de transporte em comum não constituem ainda um drama. É certo que não são ideais, mas não são também insuportáveis, como em Paris e Nova York. Os engarrafamentos degradam o automóvel, mas nenhum utente deste trocará a sua viatura por um hipotético banco de comboio.

A melhoria dos transportes públicos em França tornou-se um cavalo-de-batalha política e os cidadãos são muito sensíveis a isso. Em Bruxelas, a situação não é crítica, mas seria necessário prever soluções mais ousadas que o semáforo, caso se queira preparar o futuro. Neste aspecto, existem audaciosos projectos, como o Aero-Trem (velocidade de 400 km/h sobre almofada de ar), a «banquette» pessoal, subterrânea e programada, sem falarmos do tapete rolante munido de assentos ou de um vagão esférico que se desloca num tubo à maneira de pneumático. É preciso tornar o transporte comum agradável e dar ao seu utente a impressão de ser tratado como um cliente pelo qual se tem a mais elevada estima. Porque ao desenvolvimento do transporte válido em comum está ligada a liberalização das zonas para os peões. Esta necessidade não deve ser encarada como uma medida extrema, mas antes como um meio de dar ao centro da cidade um ar de festa e também o seu primeiro destino: um lugar onde as pessoas se encontram para ter contactos humanos de todos os géneros e não um local onde elas se atropelam. Porque não sonhar com uma Grand-Place sem automóveis?

EM COMUM

Paralelamente às maiores facilidades dadas ao automóvel, é pre-



Bruxelas. Limitar por qualquer preço o acréscimo da população

U. A. USURPAM ONDAS RADIOFÓNICAS

— ACUSAM OS SOVIÉTICOS

convenção de Copenhague

«América» é patrocinada por Europa Livre e Rádio Liberdade. No seu artigo, referiu-se às organizações ao insurgir-se

ram, ramificações da C.I.A., generosamente financiadas pelo serviço secreto americano.

A campanha russa contra a utilização, pelos Estados Unidos, da frequência 173 de ondas longas tinha diminuído de intensidade, há algum tempo, mas reacendeu-se após o senador Clifford P. Case ter apresentado um projecto de lei destinado a colocar Rádio Europa Livre e Rádio Liberdade sob o «contrôle» do Congresso. Case afirmou que estas organizações foram secretamente financiadas, durante os últimos 20 anos, com «várias centenas de milhões de dólares em fundos governamentais americanos».

Fontes oficiais americanas relacionaram igualmente a campanha soviética contra as organizações de rádio dos E.U.A. com o tratado entre Bonn e Moscovo, recentemente assinado. Segundo eles, Moscovo estaria a tentar aproveitar-se do desejo da Alemanha Ocidental de um degelo na Europa para pôr termo às actividades das referidas organizações.

Embora os russos não tivessem levantado directamente o problema durante as negociações anteriores ao tratado, deram a entender que o prosseguimento de emissões pelas organizações em questão, que consideravam provocadoras, não estava de acordo com o espírito do tratado.

ignou por uso ilegal da frequência noticiosa soviética Europa Livre e Rádio Liberdade. No seu artigo, referiu-se às organizações ao insurgir-se

A DROGA: DA ANGÚSTIA À ESCRAVIDÃO

PARIS



O INFANTICÍDIO INSTANTÂNEO

Pelo doutor ESCOFFIER-LAMBIOTTE

A LEI relativa às medidas sanitárias de luta contra a toxicomania, que a Assembleia Nacional Francesa adoptou definitivamente, em 10 de Outubro do ano passado, prevê que uma ordem do juiz de instrução pode obrigar a submeterem-se a uma cura de desintoxicação os intoxicados culpados de um dos delitos relativos à utilização da droga: com este fim, ratifica a criação de um dispositivo médico-social que permite a detenção destes toxicómanos, tal como havia sido anteriormente preconizado pelo ministro da Saúde Pública (circular de 15 de Dezembro de 1969).

De 1 de Janeiro a 7 de Outubro de 1970, 1032 pessoas foram, assim, tratadas em instituições públicas, das quais 248 se tinham apresentado espontaneamente, 610 tinham sido assinadas pelos Ministérios públicos e 174 pelos serviços médicos e sociais.

Os balanços — todos muito sombrios — dos países estrangeiros que levaram a efeito, muito antes de nós, um esforço curativo desta ordem, a disparidade dos métodos utilizados com este fim, as suas modificações contínuas e o seu carácter empírico, mostra a extraordinária dificuldade suscitada pela terapêutica das toxicomanias.

A Califórnia, que a partir de 1962 tinha adoptado um sistema análogo ao preconizado pela lei francesa, isto é, uma cura num meio hospitalar a que se segue um período de «liberdade condicional» de três anos, durante o qual o «desintoxicado» beneficia de um auxílio psicológico e médico, reconhece abertamente o seu fracasso. Sete anos decorridos após o início desta campanha, 9000 pessoas foram sujeitas a tratamento e... 5200 continuam no hospital; apenas 300 são consideradas curadas e «relativamente» reintegradas pela comunidade.

As percentagens de êxito obtidas pelos grandes centros hospitalares americanos, ingleses ou canadianos de desintoxicação são também catastróficas, e andam à volta de 15 a 20% (abstinência controlada durante cinco anos). O que contrasta de maneira muito estranha com os números fornecidos por certas instituições situadas a margem dos serviços hospitalares e por determinados médicos de família (40 a 50% de desintoxicações duradouras, 80% em certos casos).

TRATAR A CAUSA OU O SINTOMA

Mas tratar como e o quê?

O facto de se absorver regularmente e em doses crescentes, a ponto de não poder passar sem ela, uma droga qualquer não é, na realidade, senão a manifestação, o sintoma de uma angústia subjacente cuja causa compete ao médico analisar.

Pode tratar-se de uma perturbação mental, cujos diagnósticos são facilitados em certos casos, quando, por exemplo, já se verificaram hospitalizações anteriores por esquizofrenia, e é muito mais complexo noutros. O psicopata, muito embora viva numa

alheação contínua da realidade, pode compensar a sua enfermidade ao ponto de aludir às pessoas que o rodeiam.

O equilíbrio factício no qual eles mantêm a sua aparência pode ser brutalmente quebrado por uma série de acontecimentos de ordem física ou psicológica, onde se destaca o encontro com a droga; encontro com o sonho, a evasão e o seu resultado final, a morte. Encontro também, e talvez, acima de tudo, com um «medicamento do espírito» capaz, e o único capaz em muitos casos, de aliviar momentaneamente o indizível sofrimento e a intolerável ansiedade provocados pela enfermidade psicológica subjacente.

PSICOSE E MEDICAMENTOS DO ESPÍRITO

Na impossibilidade de tratar a perturbação mental cuja toxicomania é apenas um sintoma, compreende-se que os médicos e as instituições psiquiátricas se encontrem perante tais casos quase totalmente desarmados e que todas as medidas legislativas ou judiciais se revistam de um carácter tragicamente irrisório.

Compreende-se, também, a rápida divulgação, nos Estados Unidos de um método que consiste em substituir a dependência da heroína por uma outra dependência, de uma substância causadora de um menor grau de invalidade, a qual permite uma certa reintegração

social. A «méthadone», sintetizada há vinte anos por um químico alemão, foi introduzida em 1964 por dois psiquiatras americanos, Dole e Nyswander, no tratamento dos adeptos da heroína, que ela permite «desmamar» sem grandes dificuldades, desde que eles possam receber diariamente este substituto, também ele opiáceo e causador de euforia, mas compatível com um exercício profissional simples.

O Ministério da Saúde norte-americano acaba de conceder cerca de 2 milhões de dólares a este programa «méthadone», e trinta clínicas foram abertas, em dois anos, nos Estados Unidos, a fim de distribuir aos drogados a sua ração quotidiana.

O método é pouco dispendioso e não exige instalação hospitalar especial, nem pessoal especializado; permite a reintegração social dos doentes — porque se trata de doentes — que nenhum outro método terapêutico é, hoje em dia, susceptível de aliviar. O seu inconveniente explica as controvérsias que levanta: acaba por substituir uma dependência por outra. Parece, todavia, racional na medida em que implica que se renuncie a criar pela força ou pela persuasão um estado de abstinência impossível de conseguir. Pode antever-se aí uma etapa na psicofarmacologia, enquanto se aguarda o dia em que serão, talvez, descobertas as substâncias não tóxicas susceptíveis de compensar a enfermidade mental original.

NEVROSE E CONDICIONAMENTO

O êxito que um certo número de «comunidades terapêuticas» americanas parece obter, faz pensar que a dependência era, nos casos que elas trataram, o sintoma de um desequilíbrio psico-afectivo pré-existente (uma neurose) e não de uma perturbação mental estrutural.

Os neuróticos, que sofrem de um conflito inconsciente entre um impulso instintivo interdito e o conjunto da sua personalidade, encontram, frequentemente, um refúgio no álcool ou na farmacologia. Vergonha, culpabilidade, solidão, ansiedade, remorsos, coiera

ou decepções dissolvem-se assim numa embriaguez destrutiva, punitiva, e no calor tribal que a partilha comunitária deste recurso extremo autoriza.

A psicoterapia pode ser, aqui, notavelmente eficaz, quer seja aplicada pelo psiquiatra ou pelo médico de família; mas ela implica, em primeiro lugar, um processo paciente de decifração, e em seguida, de reestruturação, cujo domínio é particularmente difícil. Deve prosseguir no tempo, até à reintegração socioprofissional completa, e as estruturas psiquiátricas do género de asilo não se prestam de modo algum a este tipo de acção.

E esta é a razão pela qual, perante o seu fracasso, se multiplicaram, nos Estados Unidos, estas espantosas comunidades de trabalho, animadas, por um lado, por antigos drogados, desprovidas de todo o contexto médico-psiquiátrico e nas quais se prossegue uma verdadeira «restauração do carácter social».

Os métodos de condicionamento colectivo que aí são utilizados fazem-se acompanhar de uma disciplina rigorosa e de uma veneração hierárquica, que dão indiscutivelmente aos pacientes um sentimento de segurança comparável àquele que o fascismo diligente ou obter outrora para toda uma geração. Os princípios em que se baseiam as comunidades são muito simples: «A droga não é senão o sintoma do verdadeiro problema que é necessário atacar. Este problema consiste na perturbação do carácter e no desvio da atitude social. Trata-se por meio de um condicionamento levado a efeito num meio apropriado, rigorosamente disciplinado, onde o passado não tem lugar e a piedade ainda menos, onde a integração no grupo se faz obrigatoriamente».

Uma tese recente, deferida na Sorbonne por um francês, o sr. Jacques Durand-Dassier (1), que viveu durante vários meses nestas comunidades, abre sobre o futuro de tais métodos, e sobretudo sobre o apelo ao qual eles respondem, inquietantes meditações. Ela mostra que a fragilidade científica em que se baseia actualmente a psiquiatria a expõe a todos os desvios, a todos os erros, a todos os empirismos, e a conduzir em linha



recta, se ela não tomar precauções, a uma «sociatria» que lhe faria assumir, pouco a pouco, todos os desvios, não dos indivíduos mas da própria sociedade.

DOENÇA SOCIAL OU DOENÇA DA SOCIEDADE

Ora, no que diz respeito à terceira categoria dos drogados, de longe a mais numerosa e de muito longe a que mais preocupações causa, o motivo da toxicomania não é de ordem psicopática nem de ordem nevrótica, mas de ordem puramente social. O que «equivale a dizer que a atracção exercida pela droga já não é, nestas vítimas indício de uma fragilidade mental pessoal, mas sim de um cancro que, insidiosamente, arruína todo o sistema social e ao qual os mais jovens, os menos resignados, procuram fugir.

A droga não é a única manifestação deste cancro, e a recusa de existência de que ela é testemunha traduz-se também por um aumento considerável do número de suicídios entre os adolescentes (2).

A vagabundagem, nas estradas americanas, destes rebanhos de jovens que tão depressa tentam criar uma comunidade primitiva, como atingir, de outro lado do mundo, o Nepal e a serenidade, representa outro aspecto desta busca patética da evasão e da comunhão, longe de uma multidão solitária e de um sistema de valores cujos objectivos e coesão os jovens já não entendem.

O marxismo, que fazia do trabalho uma obrigação social, base da edificação das sociedades do futuro, da justiça e da abundância; o cristianismo, que o considerava uma obrigação ética e metafísica ou instrumento de resgate individual, já não penetram, no Ocidente, a mentalidade dos jovens ope-

rários e estudantes. Perante a vida assim criada e a ausência de toda qualquer motivação pessoal ou colectiva, os jovens prisioneiros de um sistema cujos meios (a competição), nem a finalidade (a selecção pela rejeição dos menos aptos à abstracção intelectual) eles não podem admitir, manifestam a sua ansiedade por meio de uma recusa de compromisso à qual a droga proporciona simultaneamente a embriaguez da fuga, o sal da transgressão e a vertigem da destruição.

Esta recusa é facilitada pela instauração — recente no aspecto histórico — de um longo período de aprendizagem, que mantém os jovens num estado de segregação social prolongado, por vezes, até aos trinta anos. Toda a população americana fez hoje em dia doze anos de estudos e metade frequenta a universidade.

O ensino proporcionado deste modo a gerações inteiras não se faz acompanhar de qualquer esforço educativo, e continua a reger-se pelos princípios de bacharelato abstracto e pelos objectivos de competição determinados há um século para uso de uma elite.

Não pode, sob esta forma, senão provocar, para a maioria, amargura, decepção, humilhação e sentimento de incapacidade ou de descontentamento.

O DESVIO E A TOLERÂNCIA

A civilização «tecnocrónica», como o sistema actual de ensino, não cessa de aumentar o número destes «inadaptados» rejeitados por uma sociedade, cujo começo de tolerância relativamente a estes desvios, outrora naturalmente integridades, diminuiu consideravelmente.

Depoendo perante uma comissão senatorial americana, o doutor Hollister declarou, em 23 de Novembro do ano passado, que a 25 por cento dos alunos dos cursos

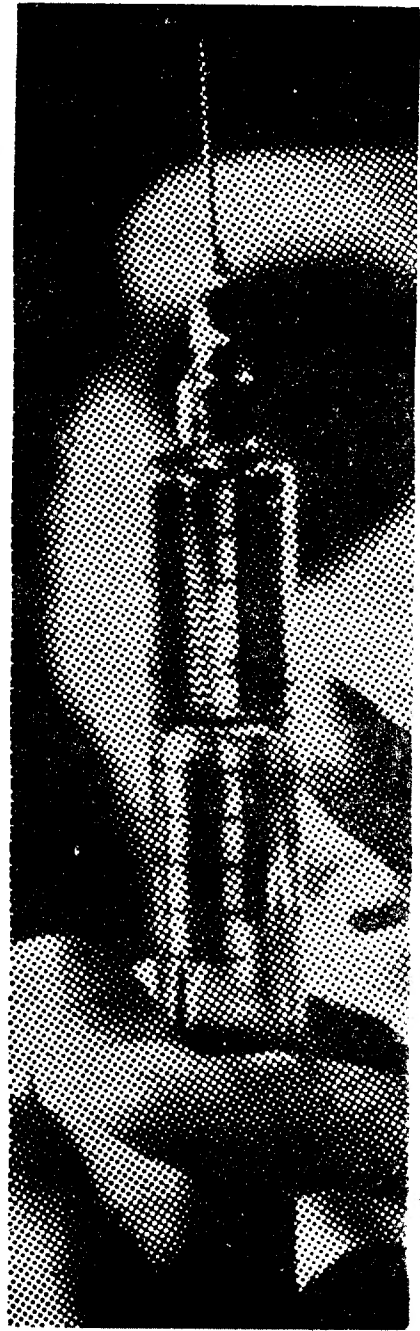
elementares eram ministrados medicamentos modificadores do comportamento (psico-analépticos) com o pretexto de acalmar a sua «agitação» (inquérito efectuado no Estado de Nebraska). Uma agitação que outrora se chamava exuberância e que os pais ou os professores, menos extenuados do que hoje em dia, toleravam com indulgência.

A droga é apenas um recurso entre outros, um apelo patético que a comunidade deve escutar e não punir ou ignorar. Os seus perigos são ainda demasiadamente desconhecidos. Todas as informações devem, a este respeito, ser divulgadas.

Mas, para além desta informação e perante o aumento deste infanticídio colectivo, não seria altura de procurar as causas, tentar restituir aos agrupamentos humanos os valores afectivos, os fins, os sonhos ou o calor comunitário sem os quais a vida parece vazia de sentido? Compreender que as luzes geladas do conhecimento apenas podem inspirar uma «élite» e que esta «élite» deixa, desde há vinte anos, na sua vertiginosa corrida, uma esteira cada vez maior de angústias e de inadaptações? Não poderiam os adultos, ao lado destas crianças perdidas, consagrar-se durante algum tempo à admirável ambição que foi, diz John Bartler, a de Carlos o Temerário. «Dar um sentido à paixão humana; descobrir os novos valores sobre os quais se esboça uma relação até então desconhecida dos homens, com Deus, com eles próprios, com o trabalho, com a natureza.

(1) «Psicoterapias sem psicoterapeuta, comunidades de drogados e de neuróticos», por Jacques Durand-Dassier, Edition de l'Epi.

(2) O suicídio constitui, este ano, em França, e pela primeira vez, a causa de morte mais frequente entre os vinte e os vinte e quatro anos.



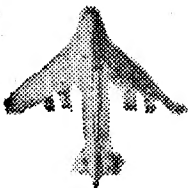
7 dias 7

7 dias 7

7 dias 7

China: mais voos comerciais

A intenção atribuída à China de adquirir, nos Estados Unidos, uma centena de aviões «Boeing-707» ou «Douglas DC 8», destinando-se a pe. mltir estender a sua rede actual de voos internacionais. Pequim tem actualmente voos comerciais para o Vietnã, do Norte, a União Soviética, a Birmânia, a Mongólia e a República Popular da Coreia.



O plano de compra de aviões seria uma consequência directa da série de reconhecimentos diplomáticos, verificada em particular desde o Outono passado. Pequim pretenderia iniciar relações aéreas internacionais com diversos países da Europa Ocidental e de outros continentes.

Ent etanto estavam já em curso negociações com

vista à obtenção dos necessários directos com a Jugoslávia, a Turquia e o Paquistão.

Uma Liga e liquidar

A Liga Agrária Cristã do Paraguai para a Promoção dos Agricultores corre o risco não só de desaparecer como de alguns dos seus responsáveis sofrerem «liquidação física». Neste sentido teria sido pedida a intervenção da Polícia do departamento de Misiones, por membros do partido governamental «Colorado». As vítimas das represálias seriam alguns dos dirigentes da organização, tanto leigos como sacerdotes.

A Liga Agrária Cristã tem por objectivo lutar contra as injustiças provenientes de uma desigual repartição da propriedade agrícola. Com efeito, 76% do território paraguaio está nas mãos de latifundiários.

Encerrada a Universidade de Dakar

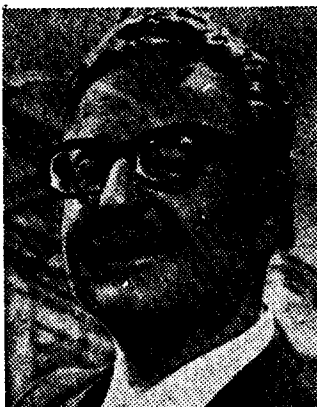
O Governo senegalês resolveu encerrar, no passado dia 26, a Universidade de Dakar. A decisão governamental seguiu-se após

uma série de actos desenhados por estudantes universitários e por alunos de liceus da capital senegalesa. O ambiente de contestação assumia aspectos cada vez mais acentuados, manifestando-se, nomeadamente, através da difusão de panfletos hostis à política do Governo de Leopoldo Senghor. Em Janeiro passado houve tentativa de incêndio do Centro de Intercâmbio Cultural de Língua Francesa, com sede em Dakar.

A decisão do Governo foi anunciada no primeiro dia de exames do segundo período.

Os E. U. A. endurecem a sua atitude relativamente ao Chile

Apesar da declaração recente do presidente Allende de que o Chile deseja a manutenção de relações equitativas com os estados Unidos, a Administração norte-americana endurece de forma considerável a sua atitude relativamente ao Governo de Santiago. Um dos indícios desse agravamento foram as palavras de Nixon durante o seu discurso «sobre o estado do mundo». Referindo-se ao estabeleci-



mento de relações diplomáticas entre o Chile e Cuba, o chefe da Casa Branca classificou tal decisão como «um desafio ao sistema interamericano contário à política comum da Organização dos Estados Americanos».

Outro facto expressivo da atitude de Washington foi a recusa formal de que o porta-aviões «Enterprise», que escalou o Rio de Janeiro, em visita de amizade, atracasse ao porto chileno de Valparaíso.

Mais significativa porém é a reacção particularmente dura e violenta de Washington à perspectiva da nacionalização das companhias norte-americanas de exploração de cobre. Sem que o Chile tenha revelado o seu plano de indemnização, Washington refuta antecipadamente tales condições de inaceitáveis. Habitados a dominar, segundo os seus interesses na América Central e do Sul, é provável que essa nacionalização constitua o rastilho de uma crise, que Washington refuta de grave, co-

mo quem mostra uma cara feia...

Relações sovieto-finlandesas

O presidente Kekkonen da Finlândia visitou a União Soviética de 23 a 27 de Fevereiro último, tendo abordado com os seus anfitriões diversos problemas internacionais, entre eles o da integração europeia, que refulge fundamental para o seu país. Durante a visita foi aventada a possibilidade da exportação para a U. R. S. S. dos excedentes agrícolas finlandeses. Dando conta aos seus concidadãos do balanço da sua deslocação a Moscovo, Kekkonen afirmou que a União Soviética continua a manifestar uma «atitude de desconfiança relativamente às uniões económicas».

JÓIARTE
OURIVESARIA
AV. DE ROMA, 43-A

Ao festejar o seu 18.º Aniversário, cumprimenta todos os seus clientes, amigos e fornecedores, a quem agradece todas as gentilezas com que a têm distinguido

QUATRO DE ABRIL

DATA CAPITAL NO CHILE

Por DAVID BELNAP

«Se você tiver duas casas, o Estado fica com uma e você com a outra». Assim começa uma anedota sobre a missão de um funcionário do novo Governo chileno, encarregado de explicar a um camponês as transformações socialistas do país.



Allende. Conferir ao Estado a propriedade do subsolo

— Compreendo — diz o camponês.

— Se você tiver dois carros, o Estado fica com um e você fica com o outro.

O camponês manifesta novamente a sua compreensão.

— O mesmo se passa se você tiver duas galinhas — acrescenta o funcionário.

Mas neste momento o camponês interrompe com violência:

— Não, não é a mesma coisa.

— Mas eu suponho que você tinha compreendido — replica o funcionário, surpreendido.

— Sim, mas eu tenho duas galinhas.

Os primeiros cem dias da Administração Allende deram lugar a numerosas anedotas deste género.

Até agora, os resultados têm sido mais reformistas que revolucionários, mais populistas que socialistas.

ASPIRAÇÕES EVOLUCIONISTAS

Nestes primeiros cem dias no poder, o Governo Allende fixou três prioridades: a nacionalização das grandes empresas mineiras, em especial das minas de cobre com capitais na sua maioria americanos, a nacionalização de todos os bancos, e a obtenção de uma importante maioria nas eleições municipais de 4 de Abril.

Estamos, pois, em face de aspirações «evolucionistas» num país onde o Estado detém já a parte de leão na indústria do cobre e controla quase 3/4 das empresas de crédito do país.

Um projecto que confere ao Estado a propriedade do subsolo será adoptada pelo Congresso com o apoio de todos os partidos políticos.

A propriedade do Estado sobre os recursos naturais é uma questão vital, no Chile, como no resto da América Latina.

Allende anunciou que enviaria ao Congresso um projecto de Lei de nacionalização dos bancos, mas ainda não o fez. Entretanto, o Governo compra as acções bancárias aos particulares, iniciativa que suscitou os protestos do Partido Democrata-Cristão.

Conscientes do poder que confere o «contrôle» do crédito os democratas-cristãos esperavam tirar proveito da presença de grande numero de deputados seus no Congresso para impor a colectivização dos bancos (em vez da sua nacionalização).

PRECEDENTE ÚNICO

É no domínio legal que o regime de Allende tem vindo a depa-

rar com mais dificuldades. Desde o primeiro dia que o regime está a braços com o problema das ocupações ilegais de imóveis por habitantes de bairros da lata e de fazendas agrícolas por camponeses. As autoridades têm tentado recorrer à persuasão, pois lhes repugna expulsá-los pela força. Porém essas tentativas de persuasão não têm sido coroadas de êxito.

Allende submeteu ao Parlamento um projecto de lei que prevê a punição da ocupação ilegal de imóveis e da instigação a esse delito. Mas a ocupação das fazendas agrícolas, encorajada pelos «leaders» comunistas

MANDATO IRREVERSÍVEL

Uma data capital para o novo regime é a de 4 de Abril próximo data das eleições municipais. Mais importante que o numero de conselheiros municipais obtido por cada Partido, é o total dos votos obtidos pela União Popular.

Foi pensando nessas eleições que o Governo Allende se absteve de qualquer acção susceptível de assustar as classes médias do Chile, numericamente pouco significativas, mas relativamente importantes. Foi por isso que anunciou

AINDA ESTÁ A TEMPO DE VISITAR MADRID COMPLETAMENTE GRÁTIS

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pullman de luxo, hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes

TELEVISORES

Desde 150\$00 mensais. Oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 100\$00 mensais

ESQUENTADORES

Desde 100\$00 mensais

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 200\$00 mensais
AUTOMÁTICAS

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 200\$00 mensais
AUTOMÁTICAS

SEM ENTRADA FIADOR

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C — Telef. 53 45 38
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM - SINTRA - CASCAIS - VENDA NOVA

PARIS!... PARIS!...

VOO ESPECIAL

17 a 20 de Março

As preço sensacional

4 DIAS — 2.680\$00

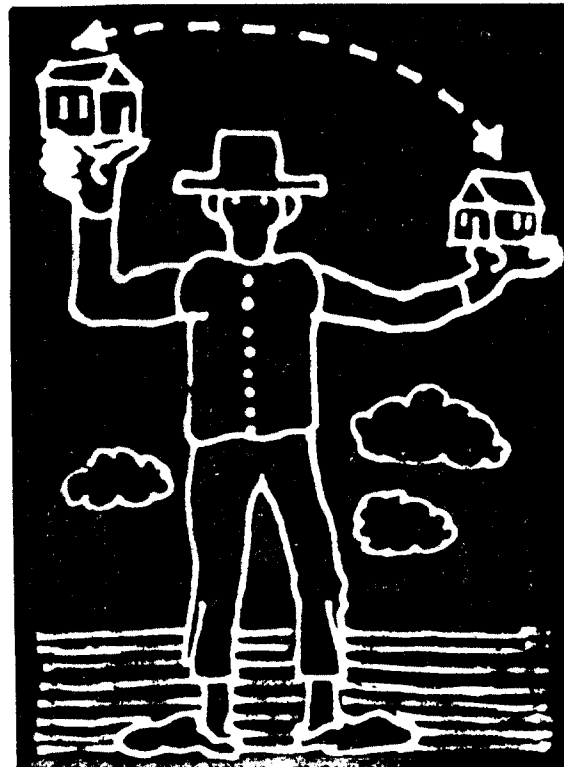
PARTIDA GARANTIDA

INCLUINDO:

- 1) Viagem de ida e volta em avião a jacto Boeing 727
- 2) Estada no Hotel Palais D'Orsay
- 3) Todos os quartos com banho
- 4) Todos os pequenos almoços
- 5) Excursões em Paris
- 6) Transferências do Aeroporto ao Hotel e vice-versa
- 7) Taxas do Governo, Serviço e Turismo.
- 8) Acompanhante durante toda a viagem

ÚNICA OPORTUNIDADE PARA INSCRIÇÃO IMEDIATA NOS ÚLTIMOS LUGARES DISPONÍVEIS, NO:

TURISMO CRUZEIRO, LDA
R. do Alecrim, 7/Lisboa - Tel. 326889/369122



camponeses e por elementos do M. I. R. continua.

O caos derivado dessas ocupações ilegais compromete o sistema de indemnizações previsto pela lei da reforma agrária do Chile. Compromete igualmente a propriedade privada, mesmo em relação a fazendas de 100 hectares, cujo princípio foi mantido pela lei agrária: têm-se verificado realmente numerosas ocupações de fazendas com menos de 100 hectares.

que a visita prevista de Fidel Castro — pelo menos, antes das eleições.

Se os partidos da União Popular — essencialmente o Partido Comunista, o Partido Socialista e os partidos da extrema-esquerda — conseguirem, no conjunto, maior numero de votos (36%) que nas eleições presidenciais de Setembro passado e conseguirem reunir, pelo menos, 50% dos sufrágios, pretenderão ter recebido um mandato do país.

NUM DIA DE TEMPORAL

RIO DE JANEIRO

Por CHIANCA DE GARCIA

1—CHOVE NO MEU JARDIM

Numa edição bonita e ilustrada da portuense Casa Figueirinhas, envia-me Luisa Dacosta com esta dedicatória gentil: «Para Chianca de Garcia, que já passeou comigo por Lisboa, passear pela infância» — o livro intitulado *De mãos dadas estrada fora*.

Não é um livro, é um jardim. Um jardim de palavras recortadas em textos das nossas sempre-vivas afeições. Um jardim à margem de lagos de águas claras onde, como diz a autora, *queremos tornar sempre e ainda*. Então com a certeza de ter passeado com Luisa não só de mãos dadas mas de almas unidas, caminhei por aquele jardim, ou reino, para nós, felizmente, nem perdido nem esquecido.

Sim, reconheci quase todo aquele florilégio. Em prosa e verso. Com faltas imperdoáveis, é certo. Como quase desconhecer o canteiro florido de sonhos das obras de Irene Lisboa. E também a de só ter conhecido as veredas agrestes dos sertões de João Guimarães Rosa, já sob o sol do Brasil. No mais, andamos de mãos dadas, sim — Mestre Aquilino desde o tempo das *Terras do Demo*. De Sá de Miranda, reli o apólogo que



que tentam desabafar. Há dez. Há cem. Há mil. Eu, você, Luisa Dacosta, nós todos, não esqueçamos o seu tão justamente citado *Suave Milagre*, do nosso Eça. Mas a verdade é que há vinte séculos esperamos em vão que se abra aquela porta por onde até hoje queremos inutilmente ver entrar o Rabi, e dizer-nos:

— Aqui estou!

2—TROVOADA AO LONGE

A prova de que a humanidade não encontra confiança na ordem tradicionalmente estabelecida surge a todo o momento diante dos nossos olhos. Não é, por exemplo, que o meu amigo Xisto Liberrimo, casado, isto é, mal-casado, pai de três filhos, defendia, na noite de Natal, numa mesa de desafortunados, a teoria de que era contra o divórcio, o desquite, e coisas afins, porque, para ele, a única verdade, no futuro, seria o casamento por prazo determinado...

— A gente, dizia ele, casa por um ano. Se gosta, vai prorrogando o contrato, até três anos, no máximo. Depois pode entrar noutra com a maior facilidade. Ninguém levou a sério. Pois é. Mas agora nos Estados Unidos, numa câmara de legisladores, Hilda Bonwell e Lena Kilee (ambas do sexo feminino) propuseram para valer como lei a ideia de um contrato matrimonial por três anos, com possibilidade de renovação no fim do período. Parece que os legisladores do estado de Maryland estão de acordo em que o casamento a prazo fixo é o mais adequado ao mundo moderno.

RÁPIDO RAIOS DE SOL

O que o leitor vai ler a seguir fazia parte do relato da SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL, que escrevi dias atrás nas páginas deste nosso «Diário de Lisboa». Mas numa intenção de equilíbrio e também para não alongar a reportagem, guardei-o para hoje. Também porque não era propriamente Carnaval. Mas vale pelo pitoresco. E, acima de tudo, por ser uma anedota verdadeira e bem carioca.



me fez sorrir. Poucos ratos, no Brasil, trazidos nas naus lusitanas, tiveram a tranquila consciência de dizer: — «Deus me torne a minha fome». Do romanceiro sei tudo, Luisa Dacosta. Do Almada há sempre o gênio vivo dos seus olhos. Bandeira conheço de cor. Porque eu, sim, tenho na verdade *passado a vida à toa, à toa*. A parábola dos setes vimes já a vi em imagens num painel de azulejos nos corredores lisboetas de um antigo convento...

Sim, foi um passeio, numa hipotética manhã orvalhada, este que fiz com Luisa Dacosta, no jardim das suas predileções. Mas visto que a autora, nas últimas páginas do seu livro acena com agradável até um dia, permita um conselho. Não seria oportuno, agora, pondo de lado a rapsódia de flores de navel em dia de procissão, escrever outra antologia, mas esta para não ser rezada de mãos dadas? Vá buscar, sei lá, nos sonhos de Fernando Pessoa um motivo e escreva para a juventude de hoje, inquieta de belos anseios, o livro ou a antologia do *Desassossego*. Um livro de más erguidas. De dedos em vé. Não de jardins, mas de natureza em transe. O mundo de hoje está bastante diferente do mundo de ontem. Porque não tenta o credo da rebeldia, e do incoformismo, que é, no mundo, a profissão de fé dos que estão chegando? Forme o rosário do desassossego para aqueles que desejam um universo melhor e mais humano.

E não lhe falta material. Como não lhe faltam poetas, nem romancistas, mesmo entre aqueles que, no seu primeiro volume, aparecem apenas com asas de anjo. Escreva a antologia dos

... Na confusão da avenida Rio Branco sou abraçado por um cara que eu sabia estar condenado a viver na Penitenciária por largos anos. E eu-lo diante de mim fantasiado de feiticeiro medieval, um sorriso nos olhos azuis, ruivo de barba e cabelos longos e escorridos, que lhe tinham dado a fama da Rasputine de Cascadura. Seu julgamento, meses atrás, encheira as páginas que os jornais dedicam ao crime. Mas para vocês, aí em Lisboa, compreenderem o caso direitinho têm de se lembrar do verdadeiro Rasputine, aquele mago que ajudou a queda da Rússia dos czares, enfeitando a czarina e com ela as damas da sua corte. Defendia a sublimação da alma pelo exercício mágico do amor físico. E ele era, para isso, o enviado do Além. Coisas que todos vimos pelo menos em vários e diferentes filmes.

Durante anos o nosso Rasputine de folheto-de-cordel, cirandou por cidades do interior recebendo mulheres que a ele se entregavam no doloroso desejo de curarem, por contactos consentidos, dificuldades psíquicas de que eram vítimas.

Até que houve recentemente um escândalo. Recebera para as suas práticas de magia uma débil mental de treze anos. Meses depois a pobre menina apareceu com a barriguinha arredondada. A família botou a boca no mundo. Ela não só não se curara do seu mal como ia ser mãe...

E foram para a justiça, sendo, por fim, Rasputine condenado com todos os rigores da lei...

— Mas como é? Como é que você foi posto em liberdade?

— O quê? Você ainda não soube? Há duas semanas a guria deu à luz. Um crioulinho, imagine. Pretinho, pretinho, como um dos empregados da fazenda do pai. Meu advogado interveio. O juiz, abalado em sua consciência jurídica, mandou logo que me pusessem em liberdade.

— E agora, Rasputine?

— Agora depois do Carnaval reabro a minha clínica. E já tenho clientes à beira da hora marcada...

E lá se foi cantando o estrébilho do samba da Escola do Salgueiro:

Olé, olé,
Pega no ganzê, pega no ganzê...

3—ESPALHA O VENTO ANTIGAS FOTOS

João Martins, esse fotógrafo coração-de-ouro que durante anos calcorreou Portugal, algumas vezes em minha companhia, para capturar imagens perdidas no tempo e no espaço, enviou-me um pesado sobrescrito que, como cartola mágica, despejou diante de mim toda a nossa terra de Norte a Sul. Uma feira-da-ladra de saudades. Coisas que fizemos juntos ou que vivemos contemporâneos. Muitas ingenuas, e galãs de cinema, que o não são mais. Realizados posando para a história, com o olho indeciso no visor da camera, em busca de ângulos meramente realistas. E montes de artistas. Fotos de paisagens, lezírias, barcos, pontes aldeias, rios, pescadores, campinos, porcos e galinhas, severas, marquesas, fadistas, saloias. E guitarras. E Lisboa. Todo um mundo que me fez sorrir ao pensar na hora em que o bom do João Martins, botou tudo aquilo no correio tendo por certo na alma um doce punhal de acerbo espinho...

Mas não há-de ser nada. João Martins há-de ter a sua hora. Porque o melhor de tudo é o seu arquivo, de quase dez mil negativos, que vai aumentando dia a dia, pois ainda se encontra em plena actividade. E já não é só fotógrafo, é também cinegrafista.

Não por mim, por certo, mas não há-de vir longe o dia em que João Martins veja publicado um longo álbum intitulado: *Lisboa dos anos 20 até à segunda grande guerra mundial*. Lá estarei, então, talvez como pomparsa, na certa tudo olhando com os meus olhos de antigamente. Das fotos que recebi quero agora destacar duas. A de um derradeiro barco rabelo que, segundo ele, e também como li alguns num livro de João Araújo Correia, — não mais trafegam, parada e airosamente, nas largas curvas do rio Douro. A outra é uma foto minha. Divina. Eu, fingindo por certo dirigir artistas, numa atitude, ia jurar, copiada de René Clair. Até breve, João Martins.



TEMPESTADE OU CHUVA ARTIFICIAL?

Vocês sabem, com certeza, quem é Rogério de Freitas. Publica desde 1952, livros de contos, romances, peças de teatro. Sim, vocês sabem. Mas eu, não. Vivo longe, não leio críticos portugueses de literatura. Ou leio raros, como agora, os da revista *Colóquio*, desde que ela chega às minhas mãos. Ou num ou noutra livro de Jacinto Prado-Coelho, em que posso confiar. Estou longe dos cafés, das tertúlias, dos grupos, do perigo dos fogos-cruzados. O que leio vindo de Portugal recebo-o dos autores que se lembram de mim através do *Diário de Lisboa*. Orgulho-me, é claro, em saber que quase todos eles pertencem ao grupo dos melhores e mais prestigiados. Minha estante de livros portugueses já é vasta e digna de inveja. Orgulho-me dela...

Mas, vai não vai, acontecem-me surpresas. Recebo livros de quem nada sei a respeito dos seus autores. Quem são? Onde vivem? Já uma vez perante meia dúzia de escritores, desconhecidos talvez por serem jovens, rabisquei a respeito deles biografias imaginárias. Felizmente nenhum levou a mal. Nem sequer Vicente Sanches, homem de teatro, que, com enorme elegância, me enviou um cartão de uma amizade intelectual inesquecível.

Tudo isso já passou. Mas agora chegou a vez de Rogério de Freitas. Vocês sabem tudo dele, não é? Já leram, por certo, o seu último volume *Memória Destruída*. E estão por dentro no que o livro



representa. Conhecendo o autor sabem o que pode haver de autêntico naquela prosa flexível, que por vezes chega a ter o carácter violado e confesso de uma autobiografia. Ou não é? Ou é pura ficção?

Eis o que me deixam perplexo ao virar a última página de *Memória Destruída*. É uma confissão? O Havre existiu na vida do autor? Foi dele aquele Paris? Não sei. Eu que vivo longe, repito, sinto-me envergonhado. Invenção ou tatua-gens? Ou o romance, talvez tardio, em que num só herói se consubstancia toda uma geração perdida? Não sei. O que importa é que li o livro do começo ao fim.

Um domingo de chuva, em
Copacabana, Fev. 7

Para correspondência:

Rua Fernando Mendes 28, ap. 908, Copacabana, GB — Brasil

CADEIA DE TIJUANA:

O PARAÍSO ATRÁS DAS GRADES

Por CHARLES HILLINGER

TIJUANA (México) — A única penitenciária do Estado mexicano de Baja California, localizada nesta cidade fronteiriça, tem, provavelmente, a maior população voluntária de qualquer prisão do mundo.

A «Cadeia de Tijuana», celebrada numa «folk song» dos Estados Unidos, tem os seus próprios restaurantes e mercearias e alguns dos seus habitantes são esposas, filhos e amantes dos prisioneiros; vieram para visitar os seus bem-amados e decidiram ficar.

As mulheres gastam o seu tempo sózinhos, com os prisioneiros, algumas vezes permanecendo alguns dias nas celas. As crianças vivem dentro dos muros com as suas mães. Muitos prisioneiros têm animais.

Os «habitantes» que não gostam do tratamento da prisão, podem cozinhar as suas próprias refeições com comida comprada na mercearia, talho e mercado da prisão.

A maioria dos prisioneiros comuns — é verdade — centram a sua existência num pátio térreo, 150 homens para cada «tanque». Há também uma secção para mulheres. Mas para os privilegiados das penitenciárias de La Mesa, a casa é uma construção de dois pisos, estilo motel, onde os presos podem ter as suas «suítes» privadas ou viverem até cinco para cada sala.

Salas tipo motel podem igualmente ser alugadas aos prisioneiros por um preço equivalente à renda de um apartamento conforme a duração da «estadia».

A livre iniciativa reina em todo o recinto da penitenciária.

Há cerca de 10 armazéns, um mercado de carne, dois restaurantes e lojas de roupas — tudo propriedade dos presos e por eles administrado.

NÃO EXISTE UNIFORME PRISIONAL

Alguns dos privilegiados residentes são maritheiros americanos que alguma vez violaram a quixotesca lei mexicana. A Marinha dos E. U. A. fornece caixas com almoços para estes prisioneiros, enquanto o Governo mexicano só deixa gastar dois dólares por semana (cerca de 60 escudos) com a comida de cada prisioneiro.

Um preso é o distribuidor da Pépsi Cola, em exclusividade comercial, em toda a região de La Mesa. Por outro lado, Barbara, uma norte-americana, é a distribuidora e representante, na mesma região de cosméticos e consultora de beleza.

Camões entram e saem consecutivamente com produtos enlatados, vegetais frescos e carne para os presos-comerciantes, entregando



Para além das grades há residentes privilegiados encomendas para as fábricas dos presos ou para ir buscar produtos acabados.

Não existe uniforme prisional. Cada um pode vestir-se e andar como lhe apetece.

ATMOSFERA DE FESTA

É, também, a penitenciária mais cheia e activa do México, e, provavelmente, de todo o Mundo.

A actividade começou há quatro anos, quando António Martínez, de 51 anos, um guarda-livros e homem de negócios uma vida inteira, foi nomeado prefeito.

Alto, gíngão, e com cabelos intensamente



grisalhos, e conhecido pelos colegas e pelos guardas como «Flako».

«Havia problemas antes», disse ele, explicando o seu programa para encorajar os prisioneiros a trabalhar e a ganharem dinheiro.

«Os presos andavam por aí a sentarem-se pelos cantos. A arranjar sarilhos. Sou um terroroso crente na livre iniciativa. Muitos fazem agora mais dinheiro aqui, como presos, do que poderiam conseguir lá fora com os seus empregos.»

Terça-feira é o «Dia das Senhoras» na penitenciária, um dia dedicado às visitas das mulheres, noivas e namoradas. Qualquer preso poderá passar o tempo que quiser, nesse dia com o seu «ai-jesus», num dos quartos do «motel». Nessa altura é possível a uma esposa ou namorada obter autorização para permanecer vários dias e noites na prisão.

As quintas e domingos são os «Dias da Família», e a prisão é invadida por toda a espécie de visitantes — crianças, parentes, amigos. Há uma atmosfera de festa nesses dias, havendo, até, orquestras «Mariachi». Grupos familiares andam de braco dado, às voltas, no pátio, e falam ruidosamente em restaurantes, além de se sentarem nos jardins da prisão, ouvindo um concerto.

Nesses dias soam gritos no pátio e dependências da prisão. São presos que gritam pelos nomes de outros presos. Essa é uma profissão também criada por Martínez. Cada um dos presos que chama os colegas, cobra um preço por esse trabalho — o de avisar o camarada de que alguém do exterior veio para o ver.

NARCÓTICOS — DELITO FEDERAL

Metade aos 47 presos americanos desta penitenciária estão a aguardar julgamento, acusados de envolvimento com marijuana e narcóticos.

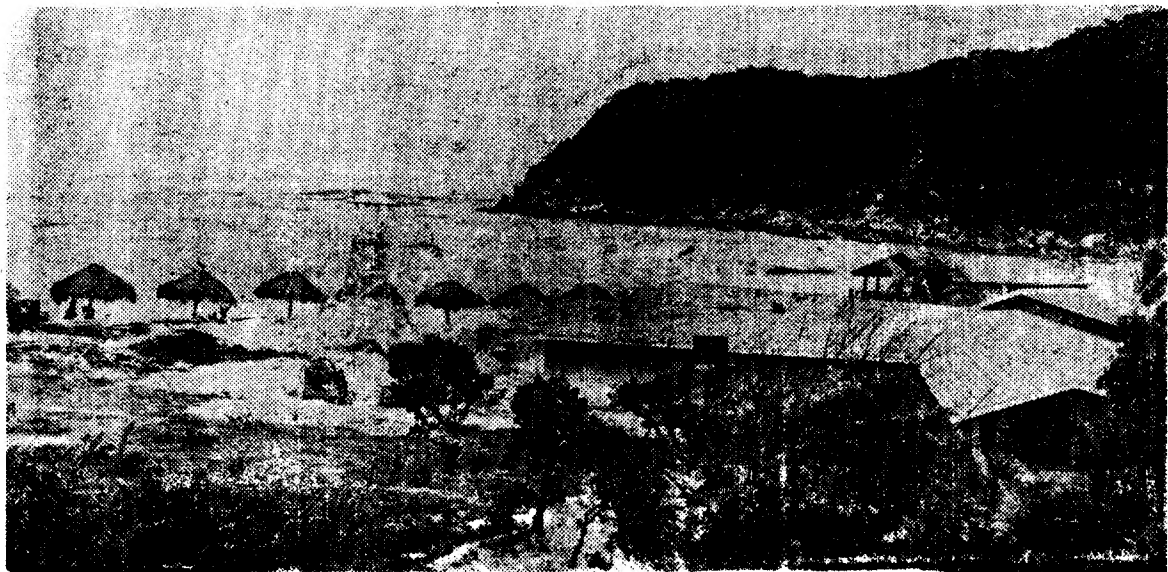
«A lei mexicana é bem clara no que refere a narcóticos e a marijuana», nota o procurador da República de Tijuana, Ricardo Herrera. «É um delito federal».

Vicky, de 19 anos, veio para a penitenciária, em Junho passado, visitar um namorado, que está a cumprir uma pena de 4 anos e meio de prisão maior, por possuir 88 libras de marijuana.

Ela nunca mais saiu. Como resultado das suas visitas ao namorado, está agora grávida.

Quando a criança nascer, Vicky pode continuar na cadeia com o bebé.

«Eu deixo as mães conservarem os filhos com elas, se assim desejarem», explica Martínez. «Sinto que, moralmente, isso ajuda as mães a cuidarem mais do comportamento dos filhos, no futuro».



Salas tipo motel, alugadas conforme a duração da «estadia»